

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em História
Mestrado em Poder, Mercado e Trabalho

Mariana Eliane Teixeira

SER ITALIANO EM SÃO JOÃO DEL-REI
(1888 – 1914)

Juiz de Fora
2011

Teixeira, Mariana Eliane.

Ser italiano em São João del-Rei (1988-1914) / Mariana Eliane
Teixeira. – 2011.

150f. : il.

Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal de Juiz de
Fora, Juiz de Fora, 2011.

1. Imigração - São João del-Rei. 2. Identidade. I. Título.

CDU 314.15-026.48(815.1S.JOAODELREI)

Mariana Eliane Teixeira

**SER ITALIANO EM SÃO JOÃO DEL-REI
(1888 – 1914)**

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História (curso
de mestrado) da Universidade
Federal de Juiz de Fora pela aluna
Mariana Eliane Teixeira**

Orientadora: Prof^a Dr^a Mônica Ribeiro de Oliveira

**Juiz de Fora
2011**

A Dissertação intitulada *Ser Italiano em São João del-Rei (1888 – 1914)*, elaborada por Mariana Eliane Teixeira, como pré-requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre, foi aprovada por todos os membros da comissão examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Juiz de Fora, 23 de março de 2011.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Mônica Ribeiro de Oliveira - UFJF – Orientadora

Prof^a. Dr^a. Cláudia Ribeiro Viscardi - UFJF

Prof. Dr. Danilo Z. Ferretti - UFSJ

*Aos meus avôs, que com suas histórias
sobre a infância fizeram com que eu me
interessasse tanto pelo passado.*

Considerar que se pode ter acesso ao passado implica pensar que, além das variações, das mudanças e das rupturas entre a cultura de hoje e a cultura de ontem, existe algo entre elas, portanto, uma humanidade comum.

François Dosse

SUMÁRIO

Lista de Tabelas e Imagens	08
Agradecimentos	09
Resumo	11
Abstract	12
Introdução	13
1. O Tema	13
2. Fontes e abordagens metodológicas	16
3. Desenvolvimento do Tema	20
Capítulo I – A opção pelos Imigrantes Europeus no Brasil, em Minas Gerais e na cidade de São João del-Rei	23
1.1. Os bastidores da opção pelos imigrantes europeus no Brasil	23
1.2 A alternativa imigrante em Minas Gerais	28
1.3 São João del-Rei: um histórico da cidade	34
1.3.1 Imigrantes como moléculas do progresso	38
Capítulo II – Os Italianos em São João del-Rei: A vida no Núcleo colonial e na região urbana	43
2.1 Os primeiros meses da colônia italiana	43
2.2 Os primeiros anos da colônia italiana	55
2.3 A inserção dos imigrantes na região urbana de São João del-Rei	64
2.3.1 Residências	64
2.3.2 Atividades comerciais	68
Capítulo III – Os sentidos da italianidade em São João del-Rei – MG	81
3.1 A identidade “italiana” no contexto da emigração	83
3.2 Manifestações da identidade italiana em São João del-Rei	86
3.2.1 Sete de setembro	87
3.2.2 As comemorações do dia 20 de setembro	90
3.2.3 A morte do Rei Humberto I	92
3.2.4 Contribuições para a Itália	94
3.3 Fronteiras que se erguem...	97
3.4 ...Fronteiras que se permeabilizam	106
3.4.1 Festas e jogos de azar nos dias de domingo	106
3.4.2 As ruas e os botequins	108
Conclusão	114
Anexos	118
Fontes Documentais	143
Bibliografia	145

LISTA DE TABELAS E IMAGENS

Capítulo I - A opção pelos Imigrantes Europeus no Brasil, em Minas Gerais e na cidade de São João del-Rei	23
Tabela 1.2.1 - Entrada de Imigrantes Italianos em Minas Gerais	34
Imagem 1.3.1 – Mapa da Comarca do Rio das Mortes	36
Capítulo II – Os Italianos em São João del-Rei: A vida no Núcleo colonial e na região urbana	42
2.1 Os primeiros meses da colônia italiana	43
Tabela 2.1.1 - Movimento de entrada na hospedaria de São João del-Rei	44
Tabela 2.1.2 – Distribuição dos imigrantes por localidade	45
Imagem 2.1.1 - Antiga Hospedaria dos Imigrantes e atual Centro Cultural da UFSJ	45
Tabela 2.1.3 – Procedência dos Imigrantes Italianos	46
Imagem 2.1.4 – Mapa da Itália: Região da Emília Romagna	47
2.2 Os primeiros anos da colônia italiana	55
Tabela 2.2.1 – Produção do núcleo colonial referente ao ano de 1891	56
Imagem 2.2.1 – Mapa do Município de São João del-Rei e Núcleo Colonial	61
Imagem 2.2.2 – Localização das Colônias	63
2.3 A inserção dos imigrantes na região urbana de São João del-Rei	64
2.3.1 Residências	64
Tabela 2.3.1.1 – Pedidos e Requerimentos encaminhados à Câmara Municipal	64
2.3.2 Atividades comerciais	68
Imagem 2.3.2.1 – Sapataria Italiana “A Grande Perfeição”	69
Imagem 2.3.2.2 – Alfaiataria de Raphael e Bellini	69
Imagem 2.3.2.3 – Construtora de Rosino Baccarini e Marcenaria de Rafael Bini	70
Imagem 2.3.2.4 – Padaria e Confeitaria Italiana	70
Tabela 2.3.2.1 – Operários Oriundos da Cia. Têxtil São-joanense	73
Imagem 2.3.2.5 – André Bello	77
Imagem 2.3.2.6 – Propaganda do Ateliê de André Bello	78
Imagem 2.3.2.7 – Vista Panorâmica de André Bello: Início do século XX	79
Capítulo III – Os sentidos da italianidade em São João del-Rei – MG	81

AGRADECIMENTOS

O trabalho de um pesquisador é uma tarefa bastante solitária. No caso dos historiadores, os arquivos e bibliotecas tornam-se os lugares mais visitados durante o tempo de uma pesquisa. Com isso os acervos documentais e livros transformam-se na companhia de todas as horas. No percurso de um trabalho como este, sempre aparecem pessoas, que de uma maneira ou de outra, ajudam-nos das mais variadas formas. Este espaço é reservado justamente para estendermos nossos agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a realização desta dissertação.

Aos meus pais, Sirílio e Maria Tereza, e ao meu irmão Henrique, agradeço a confiança depositada na minha pessoa e o carinho sempre motivador que não permitiu que eu desanimasse. À minha orientadora, Mônica Ribeiro de Oliveira, a mais sincera admiração e eterna gratidão pelos aconselhamentos durante a pesquisa. Com um jeitinho meigo e agradável, Mônica aconselhou-me com precisão e ao longo desses dois anos fez com que eu revisse conceitos, abandonasse teorias e amadurecesse enquanto pessoa e pesquisadora.

Aos professores da Universidade Federal de São João del-Rei, principalmente aos doutores Ivan Velasco e Wlamir Silva, os meus agradecimentos pela excelente graduação e as possibilidades de pesquisa desenvolvidas enquanto bolsista de iniciação científica. Meus agradecimentos se estendem também aos professores da Universidade Federal de Juiz de Fora por acolherem meu projeto no programa de pós-graduação desta universidade.

Agradeço também aos professores que estiveram presentes na qualificação, Danilo Z. Ferretti e Cláudia Ribeiro Viscardi; esses professores não foram escolhidos aleatoriamente. O professor Danilo esteve presente na minha vida acadêmica desde a origem deste projeto aconselhando-me pelos corredores ainda nos tempos da graduação. A professora Cláudia acompanhou meu projeto na seleção para o mestrado, no seminário de linha de pesquisa e posteriormente na qualificação. Sem os aconselhamentos desses professores, o resultado desse trabalho teria sido bem diferente.

Aos funcionários da Biblioteca Batista Caetano, do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) de São João del-Rei, da Biblioteca da Universidade Federal de São João del-Rei, do arquivo da Indústria Têxtil São-joanense e do Museu Regional agradeço a disposição em sempre atenderem bem. Ao Rafael, funcionário do arquivo do IPHAN, agradeço as boas risadas e algumas discussões de livros e filmes que permearam minha pesquisa naquele local.

Minha gratidão estende-se também aos amigos que compartilharam comigo todo este momento de pesquisa. A Maria Elisa Ribeiro Delfim, Renata Kosucinski, Thaís Cassiano, Juliana Silva, Tio João, Vanessa Lemes e Felipe Silva, agradeço a hospitalidade e o carinho com que acolheram-me em suas casas durante os congressos, pesquisas em arquivos e estadas em Juiz de Fora. Ao amigo, Flávio Giarola, agradeço a companhia nos congressos, as leituras e comentários de quase tudo que escrevi e publiquei nesses dois anos. As amizades tecidas durante o mestrado como Jackson, Carlos, Lincoln, Felipe, Leandro, Leonardo, Vanessa, Débora e Raquel, ficam na memória as lembranças de agradáveis fofocas pelos corredores e cafés durante os intervalos das aulas.

À Professora Avani, agradeço a paciência e disposição em ler e corrigir esse trabalho. Estendo meus agradecimento à CAPES, pelo financiamento da bolsa durante o ano de 2010, facilitando a execução deste projeto. Enfim, a todos aqueles que de alguma maneira auxiliaram-me nesta pesquisa e não tiveram seus nomes mencionados, fica registrada a minha eterna gratidão.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo estudar o grupo de imigrantes italianos que se estabeleceu na cidade mineira de São João del-Rei, entre 1888 e 1914. Num primeiro momento buscamos compreender a arquitetura política local para atrair os imigrantes europeus para a cidade e como a mesma se preparou para a chegada desses indivíduos. Em seguida, por meio da leitura de periódicos locais fizemos um levantamento dos primeiros meses e dos primeiros anos da colônia italiana, evidenciando as principais dificuldades vividas por aqueles indivíduos para se estabelecerem em São João del-Rei. Num segundo momento, diante de um corpo documental maior, buscamos mapear os lugares na região urbana onde os imigrantes fixaram suas residências e quais as atividades econômicas desenvolvidas por eles, tanto na cidade quanto nas colônias, para garantirem seu sustento. Por último, a proposta norteadora foi buscar resquícios documentais que revelassem as várias faces do contato estabelecido entre italianos e são-joanenses e como a relação entre esses diferentes grupos dinamizava suas fronteiras identitárias, dando novos sentidos à italianidade.

Palavras – Chave: Imigração Italiana; São João del-Rei; Identidades.

ABSTRACT

This thesis aims to study the group of Italian immigrants who settled in the São João del-Rei city of between 1888 and 1914. Initially, an understanding of the local politics to attract european immigrants to the city and how it was prepared for the arrival of these individuals was searched. Then, through the reading of the local newspapers, a survey of the first months and years of the Italian colony highlighting their main difficulties when settling in São João del-Rei. Secondly, before a larger body of documents, a mapping of the places in urban areas where immigrants settled their residences was sought, along with which economic activities were undertaken by them, both in the city and in the colonies to ensure their livelihood. Finally, the proposed guiding is to seek documentary traces that reveal the many faces of the contact established between Italians and locals and how the relationship between these different groups streamlined its identity boundaries, and in the case of Italian immigrants, gave a new meaning to the “italianity”.

Key – words: Italian Immigration; São João del-Rei; Identities.

INTRODUÇÃO

1. O tema

A presente dissertação ocupou-se em estudar o grupo de imigrantes italianos que se estabeleceu na cidade de São João del-Rei entre os anos de 1888 a 1914. Em linhas gerais buscamos entender a arquitetura política local, para garantir a chegada dos imigrantes na cidade, as possibilidades de inserção social/econômica dos mesmos e os espaços de redefinição das fronteiras culturais desses indivíduos que chegaram, e da sociedade são-joanense que os recebeu.

Acreditamos que todo projeto de pesquisa, na área das Ciências Humanas, ou nas demais Ciências nasce de um problema; algo capaz de causar inquietação a um determinado pesquisador a ponto de fazê-lo se debruçar sobre o assunto e propor empiricamente algumas respostas para as perguntas que o incomoda. Com esta dissertação não foi diferente.

Durante os anos de graduação, ao trabalhar como bolsista de um projeto que recuperava documentos cíveis e criminais da antiga Comarca do Rio das Mortes, surpreendeu-me a presença de imigrantes que apareceram, vez ou outra, na fase de leitura desses documentos. Eram indivíduos de diversas procedências como portugueses, espanhóis, “turcos”, austríacos e italianos, e embora não constituíssem a maioria da população local, tiveram presença suficiente para suscitar dúvidas e porquês de suas passagens ou permanências em algumas regiões de Minas Gerais.

Afinal, quais seriam os interesses em trazer imigrantes para o Brasil? Tendo em vista que cruzar o oceano e recomeçar uma nova vida em outro lugar não é algo que se decida e faça da noite para o dia, o que motivou vários grupos de indivíduos a deixarem suas regiões rumo ao Brasil? Que espaços esses indivíduos ocuparam e qual a relação estabelecida com a sociedade que os recebeu?

A inquietação em entender a presença desses estrangeiros no território brasileiro, principalmente aqueles que saíram da península itálica, levou-nos a uma leitura aprofundada sobre a abordagem desse tema entre os pesquisadores. Verificamos que essas temáticas inspiraram importantes trabalhos no decorrer das décadas de 1970 e 1980. Grosso modo, boa parte desses trabalhos preocupou-se em compreender os motivos e justificativas da presença

imigrante no Brasil.¹ Por meio dessas pesquisas temos conhecimento dos fatores que condicionaram a necessidade de trabalhadores imigrantes e toda a arquitetura burocrática, que envolveram na saída desses indivíduos de seus países até a chegada nas hospedarias e cafezais pelo Brasil afora.

Nas décadas de 1980 e 1990 em diante, o tema da imigração foi revisitado. Trabalhos como de Paulo Possamai para o Rio Grande do Sul, Clarícia Otto para o sul de Santa Catarina e Flávia Arlanch de Oliveira para a cidade de Jaú em São Paulo, constituem-se exemplos de pesquisas que buscaram entender a presença dos imigrantes, dando outros enfoques ao tema, e que valorizaram a inserção social dos indivíduos imigrantes para além das hospedarias e cafezais.² Em Minas Gerais, destaca-se o trabalho de Mônica Ribeiro de Oliveira, que problematizou a real contribuição dos imigrantes alemães e italianos, para o crescimento da cidade de Juiz de Fora, mapeando as atividades econômicas desenvolvidas por esses grupos na cidade.³

Em síntese, observamos que os trabalhos sobre a presença imigrante no Brasil, publicados a partir da década de 1980, são pesquisas que estavam em sintonia com um ambiente historiográfico bastante específico, que naquele momento colocava em questionamento o valor das macro-análises para compreensão dos fenômenos históricos. Influenciados, principalmente pela historiografia social inglesa⁴ e pela micro história italiana⁵,

¹ Ver HALL, Michael McDonald, "The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871 – 1914". Tese de Doutorado, Columbia University, 1969; FRANZINA, Emílio. A Grande Emigração: O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006; MONTEIRO, Norma de Góes. *Imigração e Colonização em Minas 1889 – 1930*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1994.

² Ver POSSAMAI, Paulo. "Dall' Itàlia siamo partiti" A questão da Identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005; OLIVEIRA, Flávia Martins Arlanch de. *Impasses no Novo Mundo: Imigrantes Italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914)*. São Paulo: Editora UNESP, 2008; OTTO, Clarícia. *Catolicidades e Italianidades: Tramas e poder em Santa Catarina (1875 – 1930)*. Florianópolis: Insular, 2006.

³ OLIVEIRA, Mônica R. de. *Imigração e industrialização :alemães e italianos em Juiz de Fora*. Dissertação de mestrado. UFF, 1992.

⁴ Destaque para os trabalhos de E. Thompson como *Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. & *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Em linhas gerais, E. Thompson valorizou a resistência social e a luta de classes em conexão com as tradições, os ritos do cotidiano das classes populares, num contexto histórico de transformação. A história dos operários não surgiu com as primeiras indústrias, já que a luta e a organização dos trabalhadores ocorrem antes mesmo da implantação das primeiras fábricas. Para ele, a consciência de classe adquirida pelos operários fez-se através da dialética entre os elementos materiais e culturais da existência.

⁵ Esta tendência historiográfica nasceu na Itália no fim da década de 1970 no contexto de crise das macro-análises, propondo uma História voltada aos pequenos recortes e para a história de indivíduos e comunidades. Ao reduzir a escala de observação, a proposta é tentar ver com mais nitidez os pontos que formam os interstícios do tecido social. Após entender, por meio de uma ótica micro, como se formam estes pontos, o historiador estabelece uma conexão com a escala ampliada do contexto social. Assim, os resultados das micro-análises contribuem para confirmar ou vetar as construções feitas pela macro-análise enriquecendo-a ou confrontando-a. Destaque aos trabalhos de Giovanni Levi, Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi, dentre outros. (Ver:

os historiadores começaram a pensar a imigração no Brasil além de análises demográficas e sócio-econômicas. Passaram a explorar também, as percepções culturais que envolviam o fenômeno migratório, juntamente com as estratégias desses grupos de indivíduos para se inserirem na sociedade que os recebeu.

Com isso, as fontes para pesquisar o processo migratório, não mais se reduziram aos relatórios provinciais e documentos referentes às hospedarias. Os jornais, processos judiciais, documentos referentes às associações mútuas, dentre outras fontes, permitiram aos historiadores enxergarem o grupo migrante como agente histórico e não mais como um número ou porcentagem nas listas de pesquisas, que valorizavam os aspectos demográficos do fenômeno.

Não estamos dizendo que as pesquisas produzidas sobre este tema, dentro de uma ótica macro-analítica, tenham sido desnecessárias. O que queremos realçar são as outras possibilidades de pesquisa sobre o tema da imigração que foram favorecidas por questões historiográficas atuais. A presente dissertação inseriu-se nesse momento da historiografia, no qual pequenos recortes espaciais e temporais são utilizados para confrontar questões históricas mais gerais.

A delimitação espacial é uma exigência de toda pesquisa histórica e o critério de escolha da cidade de São João del-Rei não se fez de maneira inocente e aleatória. A princípio, o consolo para o historiador ao escolher e delimitar a região a ser trabalhada pode ser as próprias fronteiras territoriais que aparecem nas fontes.⁶ Todavia, faz-se necessário considerar que a região pode ser entendida como um sistema, nos quais os elementos econômicos, políticos e sociais se interrelacionam, assim como um *constructo* de seus agentes, possuindo fronteiras que são flexíveis em função das circunstâncias. A alternativa é se apropriar de uma região que melhor responda aos questionamentos levantados sobre determinado assunto, sem esquecer *os critérios de delineamento já existentes, mas escolhendo entre eles, o que melhor se adequar aos seus objetivos de pesquisa*, utilizando as palavras de Cláudia Viscardi.⁷

LIMA, Henrique Espada. A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

⁶ GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *História, Região e Globalização*. Editora Autêntica, Belo Horizonte: 2009.

⁷ VISCARDI, Cláudia M. R. *História, Região e Poder, a busca de interfaces metodológicas*. Locus: Revista de História. Juiz de Fora, vol. 3, nº 1, 1997.

Sendo assim, São João del-Rei, preenche muito bem a esses requisitos, que devem ser levados em consideração ao se delimitar uma região⁸ para ser pesquisada. Situada na região das Vertentes, São João, foi um importante centro urbano durante o século XIX e no período das políticas de subsídio a imigração conseguiu aval para construção de uma hospedaria para receber imigrantes. Posteriormente, colônias de imigrantes italianos formaram-se nos entornos da cidade. Além disso, existem pouquíssimos trabalhos acadêmicos, que até o dado momento, ocuparam-se em abordar este tema na cidade.

Assim como a delimitação espacial, as fronteiras temporais também são necessidade numa pesquisa de caráter histórico. Como nos afirma Julio Aróstegui, o diferencial da pesquisa histórica, para as demais ciências que estudam fenômenos sociais é o seu caráter temporal. Investigar e representar a história não são meramente descobrir coisas do passado, mas dar conta de como a sociedade se comportou ao longo do tempo.⁹

As razões pelas quais escolhemos os anos de 1888 até 1914 são claras. O ano de 1888 é tido como marco inicial, por ser o ano da abolição e também pelo fato da província mineira ter se inserido nas políticas, para atrair imigrantes ao seu território. Foi também no final desse ano, 1888, que São João del-Rei recebeu a primeira leva de imigrantes italianos. Quanto ao ano de 1914 é um referencial que separa bem os imigrantes que vieram para o Brasil, em consequência da substituição do trabalho escravo, daqueles que vieram pelas condições impostas pela primeira guerra mundial. Essas fronteiras temporais estabelecidas não foram intransponíveis. Em alguns momentos desta pesquisa elas se tornaram elásticas para melhor aproveitamento de determinadas fontes.

2. Fontes e abordagens metodológicas

Como escreveu Chartier, a realidade passada não é acessível ao historiador, senão através dos textos (as mais variadas formas de documentação), que pretendiam organizá-la, submetê-la ou representá-la.¹⁰ Para que esses textos apontem alguma informação, as perguntas dos historiadores têm de estar bastante sintonizadas ao contexto histórico, aos limites informativos de cada fonte e às necessidades historiográficas do presente.

⁸ Ao mencionarmos o termo “região” não estamos diretamente nos referindo à História Regional, mas apenas usando o termo para justificar o espaço geográfico de nossa pesquisa.

⁹ ARÓSTEGUI, Julio. *A Pesquisa Histórica: teoria e método*. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 94.

¹⁰ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 09.

Na realização desta dissertação contamos com um corpo documental bem variado e que se encontra quase todo nos arquivos e bibliotecas da cidade de São João del-Rei. Utilizamos os Relatórios Provinciais; Alguns jornais locais contemporâneos ao período de chegada dos imigrantes na cidade; Atas da Câmara Municipal; pedidos e requerimentos enviados à Câmara Municipal; Registros de Eleitores; Impostos sobre Indústrias e Profissões; Impostos Prediais; Livro Torrens; Fichas de Operários da Indústria Têxtil São-joanense; Almanques da cidade e os Processos Criminais referentes ao período. Todas essas fontes são de natureza bem variada e foram utilizadas numa tentativa de maior aproximação ao nosso objeto de pesquisa, que era o grupo de italianos que se estabeleceu em São João no final do século XIX.

Os Relatórios Provinciais de Minas Gerais estão disponibilizados no site www.crl.edu/content/brazil/mina.htm e por meio deles percebemos como o presidente da província discutia as questões referentes à colonização e introdução de imigrantes em Minas Gerais.

Os jornais utilizados nesta dissertação foram A Pátria Mineira, A Verdade Política, O Combate, A Opinião, Gazeta Mineira, O Resistente, O Repórter, O Zuavo, S. João D'el Rey e O Dia. São João del-Rei possuía uma imprensa muito atuante na cidade e na região. Isso se confirma na variedade de jornais, que de certa maneira cobriram determinada parte do nosso período trabalhado, 1888 até 1914. Alguns desses jornais tiveram períodos bem curtos de existência, mas como encontrávamos, vez ou outra, matérias que eram importantes para a pesquisa, eles acabaram sendo utilizados. Muitos são vinculados a partidos políticos do período defendendo ideais partidários em suas discussões. Não chegamos a tocar nesse ponto, visto que os periódicos são muitos, além de fugir bastante do nosso tema proposto.

Fizemos uma leitura de todos os números encontrados numa tentativa de garimpar tudo que se referia à vida dos imigrantes italianos na cidade e nas colônias que se situavam nos seus entornos. Todos eles encontram-se sobre guarda do IPHAN / 13ª Superintendência Regional, Escritório Técnico II de São João del-Rei e alguns são encontrados também sobre a forma de micro-filmes disponibilizados para consulta na biblioteca da Universidade Federal de São João del-Rei.

As Atas da Câmara foram utilizadas apenas como um recurso secundário. Não fizemos a leitura de todas as atas referentes ao período, embora todas elas encontram-se arquivadas. Isso demandaria muito tempo e extrapolaria os prazos limites desta dissertação, por isso utilizamos as mesmas apenas para consulta de algumas datas isoladas, que apareceram durante a pesquisa e necessitavam de maiores esclarecimentos. Os Pedidos e

Requerimentos enviados à Câmara foram todos analisados e posteriormente transcrevemos os que apresentavam sobrenomes italianos entre os requerentes. As Atas e os Pedidos e Requerimentos encontram-se disponibilizados para consulta na Biblioteca Municipal Batista Caetano.

Os Registros de Eleitores referentes ao período, que se encontram na Biblioteca Municipal, foram todos lidos, inscrição por inscrição, e em seguida organizados em bases de Excel, constando os nomes e as demais referências de indivíduos italianos, ou com ascendência italiana.

As listas de pessoas arroladas nos Impostos sobre Indústrias e Profissões e nos Impostos Prediais foram encontradas em alguns dos jornais mencionados acima. Essas listas não se encontram completas, tendo em vista que alguns números dos periódicos acabaram se perdendo. As listagens encontradas foram organizadas sobre a forma de tabelas para facilitar as análises e nos dão informações importantes sobre a quantidade, o tipo de estabelecimentos e propriedades na cidade que pertenciam aos italianos e seus descendentes.

Os Registros Torrens, que estão sobre guarda do IPHAN contêm todo o registro dos lotes das colônias destinadas aos imigrantes. Esta forma de registro, originária da Austrália e implementada no Brasil em 1890, garante ao proprietário rural o título absoluto e inquestionável de sua propriedade. Nesses livros encontramos a descrição das propriedades arroladas, seus limites e valor de mercado naquele momento.

As fichas de operários da Indústria Têxtil São-joanense encontram-se todas no acervo da fábrica que ainda funciona na cidade. Essa indústria foi inaugurada no início da década de 1890 e foi um importante espaço empregatício para alguns imigrantes e seus descendentes. As fichas apresentam informações relevantes como nome do operário, idade, filiação, nacionalidade, função na fábrica, dentre outras.

Quanto aos Álbuns de São João, sabemos da existência de exemplares que cobrem todo o período da pesquisa, porque ao lermos os jornais vemos as propagandas e matérias sobre tais publicações. Infelizmente encontramos apenas duas publicações referentes aos últimos anos de nossa pesquisa e esses se encontravam arquivados em acervo particular. A utilização desses álbuns foi um recurso secundário nessa pesquisa. Utilizamos-nos dessa fonte apenas para colher algumas fotografias e conferir alguns dados.

Os processos criminais foram outra espécie de fonte bastante utilizada. Existe no acervo de documentos criminais de São João del-Rei uma boa quantidade de italianos envolvidos como réus, ofendidos e testemunhas. Embora essa documentação aborde os conflitos e os meios jurídicos para mediação do mesmo, ela é de grande importância para os

historiadores. Analisada adequadamente pode revelar muito a respeito da inserção social dos imigrantes na comunidade acolhedora. Trabalhar com essa fonte exige alguns cuidados e certa maturidade, principalmente para entender os meandros da justiça ao mediar o conflito.

No que se referem ao século XIX, os processos criminais de São João del-Rei estão organizados no IPHAN sobre a forma de planilhas em Excel, o que facilitou muito nossa pesquisa. Os processos referentes ao século XX não se encontram organizados em planilhas, mas sim em fichas. Analisamos uma por uma e selecionamos todos os sobrenomes italianos que apareciam, seja na designação de réus ou de ofendidos, para depois executarmos a leitura do documento. O problema da organização em fichas é que em face do pouco tempo para pesquisar e do grande número de conflitos ocorridos nas primeiras décadas deste século, tornou-se difícil termos uma idéia do montante de crimes referentes ao século XX, para trabalharmos com a porcentagem de crimes, ofendidos e réus envolvendo imigrantes italianos. Constatamos no geral quarenta e dois processos envolvendo cento e treze indivíduos de procedência italiana.

Todas essas fontes mencionadas foram frutos de um árduo esforço em localizá-las. Como afirmamos anteriormente, havia a vontade, e de certa forma, a necessidade em se pesquisar o grupo de indivíduos italianos que se estabeleceu em São João, valorizando a maneira como a cidade se articulou para recebê-los, os motivos por detrás desta articulação e principalmente as estratégias de interação dos mesmos com a sociedade local. A presença estrangeira em Minas Gerais foi pouco debatida pela historiografia, e no caso de São João, existem pouquíssimos trabalhos, sendo que a maioria é de caráter memorialista.

Diante de estantes e mais estantes, de documentos organizados e disponibilizados para pesquisa na cidade, o que nos restou foi a seguinte pergunta: que fontes permitiram descobrir os rastros do grupo de imigrantes italianos que viveu em São João del-Rei no final do século XIX e início do século XX?

Não tivemos contato com todas as fontes mencionadas de uma única vez. Primeiramente encontramos os imigrantes através da leitura de processos criminais. Todavia, abarcar os indivíduos que apareceram em meio a essa documentação, não abrangeria a maioria dos italianos que viveram em São João, afinal, nem todos se envolveram com a justiça. Sendo assim, houve a necessidade de diminuir ainda mais a escala de observação, utilizando um termo de Jacques Revel e característico da micro-história.

Na medida em que havia a necessidade de diminuir a escala, outras fontes surgiram possibilitando uma análise mais minuciosa de nosso objeto. Alguns documentos acabaram levando-nos a procurar outros. Por exemplo, os processos criminais faziam menção a muitos

operários da indústria têxtil São-joanense; isso fez com que procurássemos a fábrica e verificássemos a possibilidade de analisar os registros dos trabalhadores. Em outro caso, os jornais noticiavam a atuação da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro “Filhos do Trabalho”, mas quando fomos buscar os documentos dessa associação descobrimos que eles infelizmente não existiam mais.

Contratempos como esse, no qual uma documentação, a priori necessária, não foi encontrada, ou então, foi vítima de algum acidente faz parte do ofício do historiador. Nem todas as cidades têm a mesma preocupação em preservar seus documentos, sendo que muitos deles acabam incinerados ou escondidos em algum porão da prefeitura. De certa forma, embora esses pequenos incidentes sejam lamentáveis, abriram nosso olhar para outras possibilidades de análises e perguntas, amadurecendo ainda mais a maneira como construímos a representação do histórico.

3. Desenvolvimento do tema

A presente dissertação está organizada em três capítulos, que se dividem em tópicos com abordagens diferentes. No primeiro capítulo, trazemos ao leitor uma discussão sobre as necessidades do trabalhador imigrante no Brasil, na província de Minas Gerais e em seguida na cidade de São João del-Rei. Antes de mapearmos os italianos, que se estabeleceram em São João, foi importante fazermos um apanhado da bibliografia que pesquisou a presença do imigrante para o Brasil. Nesta parte, destacamos os vários motivos que delinearam a opção pelo imigrante branco e europeu, num contexto específico de expansão da lavoura cafeeira e decadência do trabalho escravo no país. Em seguida mostramos como essas questões foram discutidas em Minas Gerais e quando essa província se articulou para garantir a entrada de imigrantes em seu território. Na última parte deste capítulo apresentamos um pouco da intrigante história de São João del-Rei, desde a decadência da mineração, passando pelo período em que era conhecida como a Princesa do Oeste e por último sua articulação e reais justificativas, para receber um grupo de imigrantes italianos no final do ano de 1888.

A proposta do segundo capítulo foi analisar os meios de sobrevivência da comunidade italiana, que se estabeleceu em São João del-Rei, valorizando os múltiplos caminhos tomados por esses indivíduos depois de sua saída das hospedarias. As fontes para construção deste capítulo foram inúmeras. Contamos com os variados periódicos locais, com os Registros Torrens, Impostos Prediais, Impostos sobre Indústrias e Profissões, Atas de Sessão da Câmara Municipal, Fichas de Operários da Indústria Têxtil São-joanense, Requerimentos e Pedidos

encaminhados à Câmara Municipal e os Registros de Eleitores. Todas essas fontes, que acabamos de elencar, foram consultadas como parte de um grande esforço que visava traçar um panorama dos primeiros anos da colônia italiana na cidade.

Em meio à literatura, que tem como tema a presença italiana em Minas Gerais, encontramos alguns artigos, trabalhos memorialistas e também pesquisas realizadas por alunos do antigo programa de pós-graduação *latu-sensus* da Universidade Federal de São João del-Rei, que buscaram compreender alguns aspectos da presença imigrante nesta cidade. Ao revisitarmos essa literatura percebemos claramente um esforço, por parte dos autores, em abranger os meandros da política local, para garantir a ida dos italianos para São João del-Rei, mas no que tangencia à inserção social e econômica desses indivíduos na cidade, a preocupação foi bem pequena por parte desses trabalhos.

Inicialmente, foi necessário mostrarmos os primeiros meses da chegada dos imigrantes na cidade. Utilizamos para isso os principais periódicos que noticiaram o conturbado estabelecimento dos estrangeiros nas colônias. Nesta parte do capítulo, foi conveniente citarmos algumas pesquisas que se ocuparam desse assunto e como elas definiram a maneira de pensar a introdução dos imigrantes em trabalhos posteriores. Em seguida, ao percorrer as mais variadas fontes, nosso intuito foi mostrar os possíveis caminhos percorridos pela colônia italiana, para se inserir nos mais diversos espaços sociais e econômicos da cidade de São João del-Rei.

No terceiro e último capítulo, nossa preocupação principal foi buscar indícios do contato estabelecido entre italianos e moradores de São João del-Rei. Num primeiro momento tecemos algumas discussões sobre a identidade dos imigrantes italianos no contexto da emigração, evidenciando a pluralidade identitária existente na Itália dessa época e o esforço do governo italiano na tarefa de forjar uma identidade nacional. Em seguida, mostramos várias manifestações da colônia italiana em São João, tais como a comemoração de nossa independência, a festa do dia vinte de setembro, a celebração fúnebre pela morte do Rei Humberto I e as campanhas angariando fundos para serem enviados à Itália. Todas essas comemorações, que foram encontradas em vários jornais locais, mostraram muitos símbolos do recente estado nacional italiano, povoando e organizando as atividades culturais dos imigrantes, e consequentemente dando continuidade ao processo de sentir-se italiano, ainda que em terras estrangeiras.

Num segundo momento, fizemos algumas discussões de caráter antropológico sobre a dinamicidade das questões étnicas, quando dois grupos sócio-culturais distintos estão em contato, mostrando como a italianidade também se potencializava com a interação social entre

imigrantes e moradores de São João. Nesta parte, percorremos os processos criminais do acervo de São João, que envolveram imigrantes italianos, a fim de levantarmos os principais espaços que corroboravam para a redefinição da identidade dos indivíduos italianos. Enfim, procuramos mostrar neste capítulo, que a italianidade era um processo em construção, que assumiu sentidos diferentes de acordo com as diversidades sócio-culturais de cada região receptora de indivíduos da península itálica nesse contexto.

CAPÍTULO I

A OPÇÃO PELOS IMIGRANTES EUROPEUS NO BRASIL, EM MINAS E NA CIDADE DE SÃO JOÃO DEL-REI

1.1 Os bastidores da opção pelos imigrantes europeus no Brasil

Desde os tempos coloniais o território brasileiro recebeu grande quantidade de indivíduos imigrantes, principalmente portugueses, que vinham para o Brasil a fim de ocupar cargos administrativos, ou simplesmente vinham com o intuito de adquirir fortuna. Os inúmeros negros vindos da África, ainda que considerados mercadoria, mesmo tendo um destino certo que era a escravidão em determinado lugar do país, não deixavam de ser estrangeiros, do ponto de vista do deslocamento de uma região na África para se fixar em outra na América do Sul e também pelo fato de terem línguas, costumes e práticas religiosas próprias.

Com a vinda da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, a presença dos imigrantes tornou-se ainda maior. Muitos artesãos, músicos e viajantes de outros lugares do mundo passaram pelo país. Com a abertura dos portos às nações amigas, essa presença aumentou consideravelmente. No final do século XIX, o ritmo de entrada de estrangeiros no país acelerou em decorrência de políticas internas para atrair mão-de-obra. Desta leva de imigrantes, que chegaram no final do Oitocentos, a maioria era de origem européia e dentre os europeus, a maior parte era proveniente da península itálica.

O interesse brasileiro em atrair imigrantes europeus para o país não surgiu da noite para o dia, nem pode ser explicado tendo como base um único motivo. Na verdade, houve uma confluência de fatores que levou a elite política brasileira a optar pela mão-de-obra européia nas décadas que precederam a abolição.

Na segunda metade do século XIX, em decorrência da atuação do movimento abolicionista, e principalmente depois da lei de proibição ao tráfico de escravos, intensificou-se no Brasil o debate sobre a viabilidade da alternativa imigrantista, em detrimento do fim do trabalho escravo. Com a lei do Ventre-Livre entrando em vigor no ano de 1871, a evidência de que a abolição era apenas uma questão de tempo passou a incomodar fazendeiros espalhados pelo país, com destaque para os cafeicultores da região do oeste paulista, afinal,

nesse mesmo contexto de possíveis problemas com a escassez de mão-de-obra, o Brasil destacava-se internacionalmente como o principal produtor da *commodity* de café.¹¹

A princípio, as regiões com maior número de cativos vendiam os seus escravos para regiões mais necessitadas de trabalhadores, como era o caso de São Paulo, por exemplo. Essa medida sanou algumas necessidades, mas com o decorrer dos anos tornou-se insustentável por dois motivos principais: o preço dos escravos aumentou consideravelmente, se comparado aos tempos de alto tráfico negreiro, e o crescente número de cativos na província deixava os fazendeiros atemorizados quanto às possibilidades de uma rebelião escrava. Também se soma a esse último ponto, o receio dos políticos quanto ao fato das províncias do norte do Brasil propor e executar a abolição às províncias do sul, devido a um notável desequilíbrio entre as mesmas.¹²

Diante disso, os fazendeiros da província de São Paulo tiveram de investir em outras saídas para a possível falta de mão-de-obra. De acordo com Verena Stolke, a crescente demanda internacional pelo café e a possibilidade de expansão dessa cultura para o oeste paulista impulsionou os fazendeiros e o Estado a investir na entrada de imigrantes, visto que, o possível fim da escravidão e a ausência de uma reserva de mão-de-obra poderiam abalar as estruturas econômicas do país.¹³

A escolha dos imigrantes europeus, nesse contexto de urgência de mão-de-obra não surgiu repentinamente. A possibilidade de atrair trabalhadores imigrantes já era cogitada desde a década de 1840 e diante dos infortúnios com o trabalho escravo, a idéia de incorporar estrangeiros começou a ganhar peso entre os políticos. Mas foi somente na década de 1870, que se intensificou o debate paulista sobre as possibilidades de atrair trabalhadores estrangeiros, em grande escala. Antes do Estado e das Sociedades Promotoras da Imigração se organizarem, para efetivar a entrada dos imigrantes europeus, alguns políticos preocupados

¹¹ O estudo das *commodities* tem adquirido relevância internacional, principalmente na historiografia econômica norte-americana. Em linhas gerais, a proposta desses estudos de *commodities* é analisar a dinâmica envolvida da produção ao consumo de produtos primários de exportação. Dentre esses estudos destacam-se aqueles relacionados ao Café. Trabalhos como o de Steven Topik & Mario Samper (TOPIK, Steven. & SAMPER, Mario. *The Latin American Coffee Commodity Chain: Brazil and Costa Rica*. In: TOPIK, S., MARICHAL, C. and ZEPHYR, F. (2006). *From Silver to Cocaine: Latin American Commodity Chains and the Building of the World Economy, 1500-2000*. Duke University Press, Durhan and London.) e Michael E. Jiménez (JIMÉNEZ, Michael F. "From Plantation to Cup: Coffee and Capitalism in the United States, 1830 – 1930. In: ROSEBERRY, W. GUDMUNDSON, L. and KUTSBACH, M.S. (1995). *Coffee, Society and Power in Latin America*. Johns Hopkins, Baltimore and London.) são exemplares por evidenciarem o papel que o Brasil ocupou da segunda metade do século XIX até 1930 como sendo o país que, pela alta produtividade, foi o principal responsável pelo aumento do consumo de café mundial, principalmente nos Estados Unidos.

¹² AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *Onda Negra, Medo Branco: O Negro no Imaginário das Elites no Século XIX*. 3ª edição. São Paulo: Annablume, 2004, p. 103.

¹³ Stolke, Verena. *Cafeicultura: Homens, mulheres e Capital (1850-1980)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

com os problemas que a falta de trabalhadores causariam à lavoura já discutiam sobre as viabilidades em utilizar a mão-de-obra nacional ao invés do braço estrangeiro.

De acordo com Célia Marinho de Azevedo, alguns políticos viam a imigração como um projeto dispendioso e inviável. Acreditavam que o trabalhador nacional poderia ser uma boa alternativa para a formação do mercado de trabalho livre no Brasil.¹⁴ Consideravam, portanto, que a reutilização de braços nacionais ociosos poderia ser uma saída, bastavam que esses braços fossem educados em escolas agrícolas para satisfazerem com seus trabalhos à nova ordem econômica, baseada em valores burgueses.

Contudo, várias correntes de pensamento específicas deste contexto histórico, acabaram por delinear o projeto imigrantista, como sendo o mais adequado a ser seguido pelos fazendeiros cafeicultores e posteriormente, incorporado na teoria, para algumas províncias brasileiras. Essas correntes de pensamento estavam relacionadas às teorias raciais, que apregoavam a superioridade racial do europeu e a inferioridade do trabalhador nacional e também ao momento de posituação do conceito de trabalho.

No que se refere ao cálculo racial percebemos que parte da intelectualidade brasileira, em consonância com debates de cientistas e demais estudiosos europeus, estava envolvida em discussões sobre quais seriam os componentes étnicos do povo brasileiro.¹⁵ Diante de tais questionamentos iniciou-se um grande debate a respeito da miscigenação ocorrida no país, afinal, o Brasil naquele momento constituía-se de uma nação formada pela maioria das pessoas com ascendência negra, o que contrariava as estimativas dos teóricos raciais que colocavam o homem branco europeu no topo das raças e principal responsável pelo progresso da humanidade. A mistura de raças ocorrida no país era entendida como um mal que causava o atraso do país em relação aos europeus, que eram ditos de “raça pura”.¹⁶ Segundo Márcia Naxara, o Brasil era visto como uma nação que “tinha uma população mestiça, sem

¹⁴ AZEVEDO, op. cit, p. 103.

¹⁵ Durante o século XVIII e XIX filósofos e cientistas como Buffon (1707-1788), Georges Cuvier (1769-1832), Blumenbach (1752-1840), dentre outros, se ocuparam em explicar as diferenças entre os povos à luz das diferenças raciais pautadas em características fenotípicas. Nestes trabalhos vê-se uma clara hierarquização da raça humana, hierarquia esta que tinha o homem branco europeu ocupando o topo, sendo símbolo do progresso e da civilização. Ver: GIAROLA, Flávio Raimundo. *Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico*. História e-história, Campinas, agosto de 2010. Disponível em http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313#_ftn1. (Acesso em 13 dez 2010).

¹⁶ CONTIJO, Rebeca. Identidade Nacional e ensino de História, a diversidade como “patrimônio sociocultural”; IN: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. RJ: Casa da Palavra, 2003.

características próprias, que fossem definidas e homogêneas – não possuía face, não possuía identidade”.¹⁷

Trabalhos como de Thomas Skidmore e Célia Marinho Azevedo, revelaram que as teorias raciais, que levaram às discussões sobre a inferioridade de negros e indígenas e a superioridade dos brancos corroboraram para a efetivação das políticas imigratórias.¹⁸ Assim, concepções como eugenia e cálculo racial passaram a orientar a política imigrantista brasileira. Em outras palavras, a definição de uma política voltada para a vinda de imigrantes para o país foi ditada pela necessidade brasileira de mão-de-obra, mas teve como pano de fundo os preconceitos raciais fundamentados pela ciência racista do século XIX.

Para além das teorias raciais, a substituição do trabalho escravo pelo sistema de trabalho assalariado não foi um processo tão simples. A transição de uma sociedade arcaica, na qual as formas de trabalho eram assentadas no escravismo, para uma sociedade mais moderna, cuja economia fosse fundamentada no trabalho livre, exigia um reajuste na mentalidade dos brasileiros. Isso significa que era preciso que o conceito de trabalho e trabalhador adquirisse uma denotação positiva e que se adequasse à nova realidade brasileira pós-escravista.

Sidney Chalhoub, ao trabalhar por meio de processos criminais os conflitos cotidianos dos trabalhadores cariocas na primeira década do século XX, nos mostra que o período pós-abolição trouxe às classes dominantes uma grande inquietação diante da necessidade de reajustar e adequar o pensamento da época às transformações sociais e econômicas, que estavam em andamento. Segundo o autor, “o conceito de trabalho precisava se despir de seu caráter aviltante e degradador, característico de uma sociedade escravista, assumindo uma roupagem nova que lhe desse um valor positivo, tornando-o fundamental para a implantação de uma ordem burguesa no Brasil”.¹⁹ Em linhas gerais, era necessário surgir uma cultura em que o trabalho fosse algo bom para o homem e conseqüentemente para a sociedade.

Marta Abreu, trabalhando com a questão da criminalidade sexual no Rio de Janeiro, da *Belle Époque*, defende que o próprio aparelho judiciário tornou-se um veículo para contribuir na formação do novo trabalhador que fosse ideal para a visão de trabalho burguesa. Segundo a autora, ao combater as relações conjugais ilícitas ou a imoralidade, a Justiça estava

¹⁷ NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro (1870/1920)*. São Paulo: Annablume, 1998, p. 39.

¹⁸ Ver: SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1989. & AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *Onda negra, Medo Branco: O negro no imaginário das Elites no século XIX*. 2ª Edição. São Paulo: Annablume, 2004.

¹⁹ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim, o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Segunda Edição. Editora da Unicamp. São Paulo, Campinas: 2001, p. 65.

contribuindo para a formação de cidadãos ordeiros e trabalhadores, impedindo que atitudes e comportamentos “ímorais” colocassem em xeque as bases de uma nação que dava seus primeiros passos dentro da ordem econômica pautada em valores capitalistas.²⁰

Além dos motivos mencionados e das idéias que fundamentaram a ação de políticos brasileiros para a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, existe outro fator que favoreceu esse fenômeno. A transformação econômica decorrente do processo da revolução industrial, vivenciada por determinadas regiões européias, dentre elas a península itálica, expropriou vários camponeses de suas terras. Esses indivíduos, que não se realocavam dentro do novo cenário econômico de suas antigas regiões, viram na emigração para várias regiões do mundo uma nova possibilidade de sobrevivência. Segundo algumas estatísticas, entre 1875 e 1920, mais de meio milhão de imigrantes italianos desembarcaram no Brasil e se estabeleceram em diversas províncias do país em consequência desse processo.²¹

Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes não foram utilizados apenas como mão de obra para as lavouras de café. Alguns políticos também viam na imigração uma possibilidade de povoar regiões brasileiras, cuja densidade populacional fosse fraca. De acordo com Zuleica Alvim, os primeiros italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul, entre 1870 e 1885, foram destinados àquelas regiões, para fundarem colônias que povoassem as desabitadas regiões sulinas.²² Não só no Rio Grande do Sul, mas também no Paraná e em Santa Catarina muitas colônias surgiram em decorrência dessa política de povoamento e boa parte das colônias se desenvolveu e transformou nas atuais cidades do sul brasileiro.

É importante esclarecer que não estamos querendo questionar com esse texto as reais necessidades brasileiras ao atrair mão-de-obra estrangeira. A força motriz de todo esse processo foi sem sombra de dúvidas a necessidade de trabalhadores para a crescente lavoura de café. Contudo, queremos destacar a existência de outras variantes que foram importantes para o fenômeno migratório, como as correntes de pensamento fundamentadas nas teorias raciais, que consideravam os imigrantes europeus mais modernos e racialmente superiores; a possibilidade de povoar regiões desabitadas no Brasil; e a oferta de mão-de-obra européia decorrente do processo de expropriação dos pequenos camponeses de suas terras.

²⁰ ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

²¹ BERTONHA, João Fábio. *A imigração italiana no Brasil*. Série “Que história é esta?”. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 21. Apud TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico – Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel / Instituto Italiano de Cultura, 1989, p. 34, 58 e 268 (dados reelaborados pelo autor).

²² ALVIM, Zuleica Maria Forcione. *O Brasil Italiano (1880 – 1920)*. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. – 2 ed. - São Paulo: Editora da USP, 2000.

1.2 A alternativa imigrante em Minas Gerais

Vimos na primeira parte deste capítulo os motivos e pensamentos de diversas ordens, que delinearam a opção pelo trabalhador europeu no Brasil nesse contexto de final do século XIX. Isso nos fez crer que as necessidades de trabalhadores imigrantes pelo país afora foram variadas, o que nos levou a verificar seus matizes em regiões interioranas, que extrapolaram as fronteiras paulistas. Afinal, as diferentes formações históricas de cada região brasileira podem conferir significados diversos a experiências, que a princípio são comuns. Nesse caso, as justificativas e caminhos sobre a presença do imigrante na província de Minas Gerais são bastante distintos daqueles percorridos por São Paulo e pelas demais regiões brasileiras. A historiografia que explica a substituição da mão-de-obra para o caso paulista, não se aplica nas mesmas medidas e proporções para Minas Gerais.

Na década de 1980, Roberto Martins conduziu uma pesquisa, cujos resultados ao longo dos anos, revolucionaram a visão não só sobre a economia mineira, como também sobre o comportamento da economia brasileira no centro-sul, no oitocentos.²³ Em uma província que se caracterizaria, no dizer de Celso Furtado, pela “involução rápida”, foi comprovado o contrário, ou seja, uma grande concentração de cativos e, portanto, uma capacidade de investimento na aquisição de escravos. As questões advindas dessa constatação debateram se havia um maior ou menor atrelamento ao tráfico negreiro ou, por outro lado, a possibilidade de altos índices de reprodução natural.²⁴

As vastas pesquisas hoje realizadas sobre o tema na historiografia mineira são tributárias dessa discussão e, para além de algumas especificidades, coadunam com a perspectiva de um dinâmico mercado interno, conduzido por diferentes agentes mercantis, assentados em unidades produtivas de diferentes dimensões, escravistas ou não e com distintos vínculos com o mercado.²⁵

Esse mercado teria sido suficientemente capaz de reter capitais endogenamente e teria sido o responsável pela manutenção do maior plantel de cativos na província mineira, se comparada às demais, durante o século XIX. Essa grande presença de cativos então teria dificultado a adoção de políticas imigratórias vinculadas à substituição direta do escravo pelo

²³ MARTINS, Roberto. A economia escravista em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte, CEDEPLAR, 1980.

²⁴ LIBBY, Douglas. Transformação e trabalho. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1988 e BErGARD, Laird. Escravidão e História econômica. Demografia de Minas Gerais – 1780-1888. Bauru: EDUSC, 2004.

²⁵ Apenas para citar alguns nomes: ANDRADE, Francisco. A enxada complexa: roceiros e fazendeiros em Minas Gerais na primeira metade do século XIX. 1994. Dissertação de mestrado- UFMG, Belo Horizonte, 1994 e ALMEIDA, Carla M. C. de. Alterações nas unidades produtivas mineiras: Mariana 1750-1850. 1994. Dissertação de mestrado- UFF, 1994

imigrante. Porém, mesmo não sentindo urgência de trabalhadores, como aconteceu com a vizinha província de São Paulo, nota-se que Minas Gerais demonstrava interesse em investir em algumas experiências imigratórias, como nos mostrou Norma de Góes Monteiro. Segundo esta autora, no ano de 1848 a província mineira delimitou alguns lotes de terras destinando-os à colonização.²⁶

Ao analisarmos os relatórios provinciais, posteriores à década de 1840, até o ano da abolição, principalmente nos assuntos sobre colonização, terras e imigrantes percebemos que existia realmente uma preocupação por parte da maioria dos presidentes da província em conscientizar os fazendeiros de Minas Gerais quanto aos benefícios que a imigração traria à província. Para ficar mais claro, segue abaixo um trecho do relatório referente ao ano de 1871 do presidente Antônio Luiz Afonso de Carvalho.

Vendo o que está se passando em São Paulo, a transformação que opera no seu comércio e lavoura, e considerando as vantagens que se tem a colher a província com a introdução da imigração em grande escala, dirigi às câmaras municipais, juizes de direito, párocos e juizes municipais a circular de 16 do mês passado, afim de que, à imitação do que se está principiando em outras províncias, e se praticou nos Estados Unidos da América, se promovam associações particulares, que se incubam da distribuição dos colonos contratados, ou de mandar diretamente contratá-los na Europa para o serviço das fazendas e das fábricas, substituir desde já, quanto possível, os escravos e preencher os vácuos deixados pela invalidez, manumissões, fugas, crimes, e a morte. (...) Confio na iniciativa particular.²⁷

Nesse pronunciamento do presidente da província, que ocorreu dezessete anos antes da abolição, percebemos que a província mineira se posicionava a favor do movimento imigratório. Porém, até aquele momento, o que verificamos na fala do presidente é na verdade um apelo aos fazendeiros para que comessem a investir na presença de colonos de maneira particular. Também observamos nesse pronunciamento, que o presidente da província havia mandado uma circular a vários níveis institucionais com a finalidade de que a iniciativa privada investisse na vinda dos imigrantes estrangeiros, a exemplo do que ocorreu na província paulista. Continuando a leitura dos relatórios, referentes ao ano de 1871, encontramos a mencionada circular. Abaixo segue alguns trechos da mesma

²⁶ MONTEIRO, Norma de Góes. *Imigração e Colonização em Minas 1889 – 1930*. Editora Itatiaia. Belo Horizonte: 1994. P. 17

²⁷ Relatório apresentado á Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais na sessão extraordinária de 2 de março de 1871 pelo presidente, o illm. e exm. sr. doutor Antonio Luiz Affonso de Carvalho. Ouro Preto, Typ. de J.F. de Paula Castro, 1871, página 45, (griffo nosso).

Palácio da presidência da província de Minas Gerais. Ouro Preto, 16 de fevereiro de 1871. 4ª Seção. –

(...) Sendo incontestável que, se todas as províncias carecem do poderoso auxílio do governo em matéria de colonização e suprimento de braços para a indústria, principalmente da lavoura, que se pode dizer a base de toda a riqueza do país e a fonte mais abundante da renda pública, nenhum o reclama e exige mais, e deve procurar obtê-lo com maior eficácia e prontidão, do que a de Minas Gerais, cujo solo notavelmente vasto e fértil para todos os ramos da agricultura e indústria extrativa, não pode, entretanto, ser aproveitado senão em mínima proporção por falta de braços, que, espontaneamente, por conta própria, por salário, ou por contratos com os proprietários, se apliquem aos estabelecimentos já formados, ou suscitem a criação de novos.

Sendo natural que os fazendeiros, sentindo a indeclinável necessidade de recorrer a braços livres que o ajudem nos trabalhos agrícolas, visto que os escravos vão cada vez mais diminuindo, e elevando-se, por conseguinte o preço, porque os podem ainda haver, e ponderando as vantagens da introdução de colonos sob condições propostas, se resolvam, à imitação do que se está principiando em outras províncias e se praticou em larga escala nos Estados Unidos da América, a mandar vir algumas famílias, ou certo número de colonos, que gradualmente substituam os escravos (...).

Chamo a mais particular atenção de Vmcs para tão grave assunto que toca a todos e afeta o presente futuro, e confiado no patriotismo e interesse, que tem os mineiros pela prosperidade de sua província e no zelo das câmaras municipais, espero que vmcs empenhem-se com perseverança e dedicação em promover a organização de companhias, ou associações de lavradores, que, como em São Paulo, se propunham a introduzir o maior número possível de trabalhadores úteis e conhecedores do serviço à que se destinam. (...)

Não se deixe para logo o que se pode com razoável antecedência dispor sem talvez o menos detrimento.

A instrução e educação industrial, as escolas agrícolas, as máquinas, a reforma do sistema de trabalho, a colonização, a perseverança e a economia são, à parte das boas estradas, que facilitem as comunicações e os transportes, os meios seguros de obviar essas crises. (...)

Os colonos que contratarem não serão apanhados nas ruas e praças das capitais entre os ociosos, mas escolhidos nos campos, dentre gente própria para a agricultura, com as precisas habilitações e que ofereçam garantias de bom procedimento.

O governo imperial por sua parte se compromete a auxiliar tais associações, já facilitando a vinda de imigrantes, já concorrendo para as despesas de transporte.

A situação da Europa induz a nutrir a esperança de que tais empresas tenham fecundos resultados, tanto para os proprietários, que carecem de braços livres para seus estabelecimentos rurais, como para os próprios imigrantes, que, ao chegarem, encontrarão pelos seus contratos os meios de adquirir pelo trabalho uma posição isenta de privações.

Estou certo, que, o apelo que dirijo ao patriotismo dos fazendeiros e proprietários, e a confiança que deposito nos membros das câmaras municipais serão correspondidos por modo que dentro em pouco tempo a província possua algumas destas associações, rivalizado em esforço para conseguir o estabelecimento do trabalho livre. Deus guarde a Vmcs. Antônio Luiz Afonso de Carvalho, Srs. presidente e mais vereadores da Câmara Municipal. ²⁸ (Grifo Nosso)

A presente circular encaminhada tinha o intuito de chamar a atenção dos fazendeiros, de maneira mais efetiva e didática, para atentarem à imigração como sendo a melhor

alternativa de mão-de-obra nesse contexto, além de incitar os mesmos a se organizarem sobre a forma de associações, para promover assim a emigração para a província.

Uma década antes do fim da escravidão, Minas possuía três experiências com colônias estrangeiras: as colônias do Mucury, Dom Pedro II e Urucu. O desenvolvimento dessas colônias era bem reduzido diante das expectativas, como podemos ver no pronunciamento do presidente da província a respeito das mesmas.

Colonização

Muito fraca é ainda nesta província a satisfação de uma das suas mais palpitantes necessidades – o aumento da população por meio da vinda de imigrantes pacíficos e laboriosos.

Há apenas três colônias, que, se não deixam de ter tido tal ou qual desenvolvimento, não atingem, entretanto, ao grau que era de desejar. São elas:

A do Mucury, situada e território pertencente ao município de Minas Novas, na freguesia de Philadélphia. A sua sede dista do porto marítimo 389 km, 400m, sendo 191 km e 400m de estrada de rodagem e 198 km de rio navegável a vapor. A sua comunicação para o interior da província é por caminho regular de 90 km. Compõem-se a população de 721 indivíduos, alemães em quase toda a sua totalidade. É grande a exportação de café, que faz para o Rio de Janeiro e alguns pontos desta província, além do gado, toucinho, arroz, farinha e fumo, subindo seu valor, termo médio a 150:000\$000 e o da importação a 80:000\$000. Possui uma matriz, uma casa de oração e diversos outros edifícios.

A de D. Pedro II, particular, estabelecida pela companhia União e Indústria – nas imediações da cidade de Juiz de Fora. Tem 1296 habitantes, sendo 1170 alemães e 126 brasileiros. Possui duas escolas católicas para os dois sexos e uma protestante para o masculino. Os gêneros de produção consistem principalmente em cereais, legumes e frutas, dispondo a colônia de moinhos e engenhos de serra, além de diversas fábricas.

A do Urucu, militar, fundada na margem do ribeirão do mesmo nome, conflúente do rio Mucury, no lugar em que atravessa a estrada de Santa Clara. É habitada por quatrocentos e tantos colonos de diversas nações, na maior parte portugueses. Possui uma escola de primeiras letras; e a falta de vias de comunicação é, segundo diz o respectivo diretor, a causa do atraso em que se acha.

²⁹

Pela fala do presidente, no ano de 1877, observamos que o desenvolvimento dessas colônias era bastante obstacularizado pela falta de infra-estrutura da província, que assegurasse seu maior desempenho. A inexistência de ferrovias em determinadas localidades impediam o escoamento da produção. A precariedade das estradas e a distância de grandes centros foram fatores levados em consideração quando se analisa o baixo crescimento de algumas dessas colônias.

No ano de 1881 a província mineira começou a subvencionar metade dos transportes para cada colono estrangeiro que se dirigisse até a província, como mostrou Norma de Góes Monteiro. Até 1883 a quantidade de imigrantes que se fixaram em Minas foi de pouco mais

²⁹ Fala à Assembléia Legislativa Provincial de Minas Gerais por ocasião da instalação dos trabalhos da segunda sessão da vigésima primeira legislatura, dirigida pelo conselheiro João Capistrano Bandeira de Mello, presidente da mesma província, em 17 de agosto de 1877. Ouro Preto, Typ. de J.F. de Paula Castro, 1877. P. 45 e 46.

de duzentos indivíduos. Para reverter esse quadro, depois da lei do sexagenário, a província aprovou algumas leis para ver se conseguia desenvolver a colonização e imigração no seu território. Em 1887, o governo se comprometeu a prestar auxílio financeiro a todos os imigrantes da Europa, Ilha de Açores, Canárias e Tenerife para que se estabelecessem na província. Além disso, se propôs a auxiliar na criação de núcleos coloniais à margem de algumas ferrovias, na construção de uma hospedaria em Juiz de Fora que recebesse gratuitamente os imigrantes durante dez dias e na publicação de uma propaganda sobre Minas na Europa. Em 1888, o governo provincial firmou um contrato com a Associação Promotora de Imigração, para que trinta mil imigrantes fossem introduzidos na província nos anos subsequentes.³⁰

Destarte, o fato é que a entrada em massa de imigrantes em Minas Gerais só ocorreu no final da década de 1880, quando o estado intensificou seus auxílios para a vinda dos estrangeiros. Essa tardia inserção de imigrantes na província pode ser explicada primordialmente pela utilização de mão-de-obra nacional. Ao contrário de São Paulo e outras regiões brasileiras, em Minas Gerais havia um bom número de trabalhadores nacionais, pelo fato de ter existido na província a maior comunidade de escravos do Brasil. Isso somado à inexistência de uma fronteira agrícola em expansão, fez com que a alternativa imigrante se tornasse um recurso efetivo somente às vias da abolição, quando o Estado passou a auxiliar a entrada de estrangeiros por meio das políticas migratórias.

Mesmo em regiões produtoras de café, como a Zona da Mata Mineira, notamos uma maior utilização do trabalhador nacional, como mostrou as pesquisas de Ana Lúcia Lanna. A pesquisa da autora revelou que o trabalho livre na região cafeeicultora matense organizou-se aproveitando muito mais a mão-de-obra nacional disponível. Ela não descartou a presença do colono imigrante na região estudada, mas salientou que o braço nacional foi a opção mais recorrente encontrada pelos fazendeiros. Sobre a presença estrangeira na região, constatamos que a própria cidade de Juiz de Fora, centro referencial de toda a Zona da Mata, se destacou nessa época pela presença de imigrantes. Alemães e italianos ocuparam várias atividades urbanas e constituíram num dos componentes que favoreceram a intensa industrialização vivenciada pela cidade, na passagem do século XIX para o XX, como nos mostrou Mônica Ribeiro.³¹

³⁰ MONTEIRO, op. cit, p. 23.

³¹ OLIVEIRA, Mônica R. de. Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854 – 1920). (Dissertação de Mestrado, UFF), Niterói: 1991.

Para a região ao sul da província mineira, o trabalho de Fábio Castilho, utilizando periódicos locais, mostrou que os debates sobre a modernização do mercado de trabalho naquela região, oscilavam entre o modelo paulista de incorporação do trabalhador imigrante (proximidade do Sul de Minas com o Estado de São Paulo) e a realidade mineira de aproveitamento do trabalhador nacional. Percebemos nos jornais que, num primeiro momento, a exemplo de São Paulo, a imigração foi vista como o melhor modelo de substituição do trabalho escravo a ser seguido pelos fazendeiros do sul. Porém, a província de Minas Gerais se inseriu tardiamente nas políticas imigratórias; assim, os fazendeiros locais não buscaram arcar com a empreitada de trazer imigrantes. A mão-de-obra nacional foi a melhor saída encontrada por esses fazendeiros.³² É importante mencionar que, nas décadas finais do século XIX o Sul de Minas começava a apresentar uma crescente produção de café, além de possuir o segundo maior plantel de escravos de Minas Gerais. Isto fazia com que as discussões sobre a substituição da mão-de-obra ganhassem cada vez mais espaço nos periódicos.

Para as localidades do oeste mineiro, com destaque para a cidade de Oliveira, um trabalho que realizamos anteriormente mostrou que a alternativa imediata ao pós abolição foi a utilização do trabalhador nacional como força de trabalho.³³ A leitura do jornal, *Gazeta de Minas*, revelou que as localidades do oeste mineiro envolvidas em atividades agropastoris contaram com o braço nacional nesse contexto. A leitura da documentação cível e criminal dessa região mostrou a presença de imigrantes de diversas nacionalidades nessa região, mas nesse contexto de formação do mercado de trabalho livre, o braço nacional foi a base de praticamente todo o processo.

Enfim, a urgência de mão-de-obra imposta pelo fim do tráfico de escravos para o Brasil foi amortecida, em Minas Gerais, pela existência do braço nacional. A opção pelo imigrante europeu só se tornou possível de fato, nas terras mineiras, às vésperas da abolição. Embora observamos que os presidentes da província tenham mencionado em seus relatórios anuais a urgência da presença imigrante no estado, somente no ano de 1888, o Estado firmou um acordo com a Associação Promotora de Imigração para a introdução de imigrantes nas terras mineiras.

Carla Anastasia apresenta a seguinte tabela, retirada do Livro da Hospedaria de Imigrantes de Juiz de Fora, sobre o movimento de entrada de imigrantes em Minas Gerais:

³² CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. *Entre a Locomotiva e o Fiel da balança: a transição da mão-de-obra no Sul de Minas (1870 – 1918)*. Dissertação de Mestrado, Juiz de Fora: 2009. P. 122.

³³ TEIXEIRA, Mariana Eliane. *Balanço historiográfico sobre o tema da constituição do mercado de trabalho livre em Minas Gerais*. Anais do II Simpósio do Laboratório de História Política e Social. Juiz de Fora, 2009, p. 72. Disponível em http://www.ufjf.br/lahps/files/2010/03/Anais_II_Simpósio_LAHPS.pdf. (Acesso em 14 de dezembro de 2010).

Tabela 1.2.1 Entrada de Imigrantes Italianos em Minas Gerais 1894 – 1901 ³⁴

Anos	Imigrantes	Italianos	%
1894	4554	4410	96,8
1895	5569	5507	98,9
1896	22327	17441	78,1
1897	17432	17153	98,4
1898	2020	1917	94,4
1899	661	650	98,3
1900	5	4	80,0
1901	14	14	100,0
Totais	52582	47096	89,5

Fonte: (ANASTASIA, Carla Maria Junho. A Imigração Italiana em Minas Gerais (1896 – 1915). In BONI, Luis A. *A presença Italiana no Brasil II*. Instituto Giovanni Agnelli, Porto Alegre, p.223).

A colônia de italianos que existiu na cidade de São João del-Rei foi decorrente dessa política de atuação do estado mineiro junto à Associação Promotora da Imigração. A cidade de São João del-Rei assumirá o cenário desta dissertação a partir de agora.

1.3 São João del-Rei: um histórico da cidade

Situada na região das Vertentes, à margem do Rio das Mortes ³⁵, São João del-Rei é uma cidade cuja história remonta ao período de intensa extração do ouro em Minas Gerais. O pequeno povoado, que surgiu por causa da mineração adquiriu foro de Vila por D. João V em 1714, e foi elevada à categoria de cidade em março de 1838. ³⁶ Entretanto, o destaque desta cidade no cenário da província mineira não está ligado estritamente à extração aurífera, mas, sobretudo às atividades comerciais, agrárias e pastoris desenvolvidas pela mesma depois do arrefecimento da exploração mineratória. Esse envolvimento de São João del-Rei em atividades ligadas ao comércio e de caráter agro-pastoril vem ao encontro da hipótese de

³⁴ ANASTASIA, Carla Maria Junho. A Imigração Italiana em Minas Gerais (1896 – 1915). In BONI, Luis A. *A presença Italiana no Brasil II*. Instituto Giovanni Agnelli, Porto Alegre, p. 223.

³⁵ O Rio das Mortes, afluente do Rio Grande banha determinadas cidades da região das Vertentes. No início do século XVIII ele foi palco de algumas batalhas durante o confronto entre Paulistas e Emboabas pelo direito de exploração das minas recém descobertas na província de Minas Gerais.

³⁶ MALDOS, Roberto. Formação urbana da cidade de São João del-Rei. Disponível em www.saojoaodelreitransparente.com.br (Acesso em 16 de setembro de 2010).

diversos historiadores, que durante a década de 1970, buscaram desmistificar a idéia de que a economia em Minas Gerais havia entrado em declínio depois do apogeu da exploração do ouro.³⁷

O ponto de partida para essa hipótese, e que fundamentou os trabalhos de Roberto Martins e outros pesquisadores foi o fato de que, durante o Oitocentos - ou seja, um período pós-mineração - Minas possuía o maior plantel de escravos do Brasil.³⁸ Na esteira dessa constatação, vários outros trabalhos procuraram entender quais atividades econômicas eram desempenhadas nas terras mineiras e quais seriam as reais proporções dessas atividades, tendo em vista que elas necessitavam do maior plantel de escravos do Brasil.

Esses trabalhos, fundamentados em árduas análises de arquivos judiciais (inventários e testamentos), recenseamentos, mapas populacionais, listas nominativas, dentre outras fontes, mostraram que Minas Gerais, depois do período de extração do ouro, envolveu-se em atividades agropecuárias para seu próprio abastecimento e também para o abastecimento de outras províncias através do comércio, como por exemplo, o Rio de Janeiro.³⁹

Além da forte atividade agropecuária desempenhada pela província, para não sucumbir à decadência e estagnação, desenvolveu também atividades de cunho industrial destacando-se a siderurgia e a produção têxtil, como nos mostrou as pesquisas de Douglas Libby, ao tentar compreender o funcionamento da complexa sociedade mineira do século XIX.⁴⁰ Para esse autor, o desenvolvimento da indústria mineira tanto têxtil quanto siderúrgica, relacionava-se à magnitude da produção agrícola de Minas; em outras palavras, a produção agropecuária desencadeava também toda uma produção de manufaturas em Minas Gerais.⁴¹ Esses trabalhos demonstraram que a estagnação da economia mineira, no século XIX, não passava de um verdadeiro mito. Mesmo dedicando-se à atividade agropastoril, a economia de Minas Gerais mostrava-se dinâmica e consumia em suas atividades o maior plantel de escravos do país.

³⁷ RESENDE, Edna Maria. *Entre a Solidariedade e a Violência: Valores, comportamentos e alei em São João del-Rei, 1840-1860*. São Paulo: Annablume, 2008, p.39.

³⁸ MARTINS, Roberto Borges. *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Cedeplar / UFMG. Belo Horizonte: 1980.

³⁹ GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A Princesa do Oeste e o Mito da decadência de Minas Gerais - São João Del Rei (1831-1888)*. São Paulo: Annablume, 2002.

⁴⁰ O conceito de "Indústria" aqui utilizado está relacionado à transformação de matérias primas em artigos acabados; Ver: LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e Trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo, Editora Brasiliense: 1988 p. 14.

⁴¹ LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e Trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo, Editora Brasiliense: 1988 p. 353.

O envolvimento da cidade de São João del-Rei em atividades de cunho agro pastoril e a intensidade de seu comércio durante o século XIX, foi pesquisado pelo historiador Afonso de Alencastro Graça Filho. Durante sua tese de doutoramento ele ocupou-se em explicar os meandros da capacidade de acumulação de capital da Comarca do Rio das Mortes, por meio de sua sede, que era a cidade são-joanense.⁴²

Imagem 1.3.1 – Mapa da Comarca do Rio das Mortes



Fonte: Mapa retirado do site <http://www.documenta.ufsj.edu.br>

Segundo o historiador Afonso de Alencastro a cidade de São João del-Rei, após apreciável produção aurífera envolveu-se em atividades agrárias, manufatureiras e principalmente pastoris, devido às suas excelentes terras para pastagem. Além disso, por ser a sede da mais dinâmica comarca mineira no século XIX, São João drenava o crédito e centralizava a produção de outras regiões de Minas Gerais e até mesmo de Goiás e do Mato Grosso e depois redistribuía para outros lugares do Império, principalmente a Corte. Ao

⁴² Durante o século XIX a Comarca do Rio das Mortes era, dentre as comarcas mineiras, a mais dinâmica e diversificada. É fato que suas delimitações geográficas sofreram grandes alterações durante o século, mas sua estratégica localização facilitava o fornecimento de gêneros às províncias litorâneas.

drenar o crédito e o comércio atacadista da região a cidade gerava laços de dependência com os produtores distantes da província.

Em resumo os negociantes são-joanenses dominavam a liquidez do mercado. Homens de grande prestígio junto à sociedade local e regiões vizinhas, realizavam transações mercantis como intermediários entre São João del-Rei e os mercados do Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás e Mato Grosso. Bem como, fizeram da cidade referência para o crédito e financiamento das atividades econômicas da Comarca do Rio das Mortes.

Alguns negociantes de grosso trato de São João del-Rei alcançaram uma fortuna comparável aos seus congêneres do Rio de Janeiro (...).⁴³

Para a segunda metade do século XIX, o autor mostrou que o sistema agrário de São João del-Rei começou a entrar em declínio. As mudanças que levaram a esse decaimento econômico estão ligadas tanto a fatores internos quanto externos. Como fator interno pode-se mencionar a divisão dos patrimônios e a superação da estrutura produtiva com base na organização familiar. Quanto aos fatores externos, ele afirma que a diversificação das zonas produtoras de alimentos em Minas Gerais e a concorrência no mercado carioca e fluminense com outras áreas fornecedoras, como São Paulo, Goiás e Rio Grande do Sul, também afetaram a produção agrícola da cidade levando à oscilação nos preços dos grãos.⁴⁴

Desta maneira, nos anos finais do século XIX São João del-Rei não apresentava a mesma magnitude que há um século. Mesmo assim, a cidade conseguiu lidar com as grandes mudanças ocorridas nos anos finais do Império através da expansão dos investimentos em imóveis e manufaturas, além das fundações, em 1891, da indústria têxtil Cia. Industrial São-joanense e da Cia. Agrícola e Industrial Oeste de Minas, além das indústrias nos ramos da agricultura, vinicultura e cerâmica, como destacou Afonso de Alencastro.

Paralelo a esse contexto, no qual a cidade são-joanense dava seus primeiros passos de industrialização, percebemos que a mesma preocupou-se com a questão dos impactos que o fim do trabalho escravo poderia trazer à economia local. Essa preocupação fez com que os deputados que representavam os interesses da localidade se empenhassem para que a cidade tivesse uma hospedaria para receber imigrantes, aderindo assim às políticas de imigração do império brasileiro.

⁴³ GRAÇA FILHO, op. cit. p. 83.

⁴⁴ Ibidem, 231.

1.3.1 Imigrantes como moléculas do progresso

A ação dos deputados locais fez com que São João del-Rei fosse escolhida juntamente com outros municípios, para ter uma hospedaria de imigrantes filial à de Juiz de Fora. A mesma hospedaria iniciou seu funcionamento no final do ano de 1888 e teve um tempo de existência bastante conturbado, como veremos no próximo capítulo.

A construção da hospedaria são-joanense, que acolheu centenas de imigrantes italianos naquele ano foi amplamente discutida nos periódicos da cidade. Com as possibilidades do fim do trabalho escravo tornando-se cada vez mais evidentes, os periódicos são-joanenses intensificaram seus debates referentes ao tipo de mão-de-obra ideal. Muitos desses periódicos tinham uma clara vinculação político-partidária defendendo os interesses de seus partidos. Não pretendemos adentrar nessas questões partidárias que permeavam a vida da imprensa na cidade são-joanense.

No entanto, se a atividade da imprensa era bastante acentuada em São João del-Rei, isto significa que existia todo um público leitor por detrás dessas atividades. Logo, as pessoas assinantes dos jornais estavam a todo o momento se informando e formando opinião acerca dos mais variados assuntos, inclusive sobre as questões da mão-de-obra ideal para o contexto de fim do trabalho escravo.

Como era de se supor, esse debates sobre a o trabalhador ideal estavam fundamentados em preconceitos raciais. Flávio Giarola mostrou isso ao pesquisar até que ponto as teorias raciais estiveram presentes nos vários jornais que eram publicados na cidade são-joanense nesse contexto. O autor traz uma variedade de citações nas quais percebemos, que a mentalidade da elite política de valorização do imigrante europeu e desvalorização do trabalhador nacional, orientavam os debates da década de 1880. Giarola percebeu também, que os jornais não se apegavam às matrizes das teorias racistas. A imprensa são-joanense não necessitava citar os nomes dos cientistas como Spencer e Gobineau para justificar a inferioridade dos negros e superioridade dos brancos. Para o autor, todas essas ideias eram tão evidentes nesse contexto e nessa cidade, que dispensavam qualquer constatação científica para convencer os leitores.

A matéria que noticiou a chegada dos imigrantes na cidade mostrou bem isso.

Os imigrantes

Ainda ontem chegaram homens robustos, mulheres coradas, de cujas faces parecia quererem brotar gotas de sangue. Era belo o espetáculo que se desenhava

aos olhos de nós outros, acostumados ao meio quase inerte de uma estagnação com aparência de movimento.

Parece que em cada imigrante víamos uma molécula do progresso a desprender-se do grande corpo de futuro. Aquela massa enorme de estrangeiros afigurava-nos o regaço de uma Cornélia a criar batalhadores do porvir esplendoroso de nossa pátria. Em seus rostos alegres lia-se a esperança que lhes alentava a alma e para essa natureza esplêndida olhavam, como que se casasse com suas lisonjeiras aspirações. Quantos sonhos de ventura não se lhes despertavam no cérebro, em meio às noites mal dormidas nos porões do navio que os expatriava! (...) (grifo nosso) ⁴⁵

“Moléculas do progresso” é uma expressão perfeita para compor o imaginário acerca do trabalhador imigrante nessa época. A chegada dos italianos a São João del-Rei, no final de 1888, parou toda a cidade e foi relatada pelos jornais como sendo um grande espetáculo. Percebemos que a valorização do imigrante permeou todo esse texto do jornal, *A Pátria Mineira*, que obviamente seria lido por várias pessoas na época. As matérias sobre as vantagens em trazer os imigrantes prosseguiram nas semanas posteriores e em outros jornais da cidade, como observamos no trecho abaixo.

A transformação do trabalho escravo pelo trabalho livre e recompensado é uma medida de alto alcance econômico, que deu sempre aos países civilizados os melhores resultados. (...)

E a imigração é o seu principal fator; com ela vem a educação do povo, o desenvolvimento da agricultura, novas indústrias, enfim, tudo quanto pode concorrer para o engrandecimento de um país.

Mas agora que ela começa a se desenvolver entre nós, são precisos todos os cuidados para mantê-la na febre do seu crescimento, procurando não descontentar os colonos e proporcionar-lhes o bem estar com que sonhavam ao abandonar a sua pátria, só a bem de seus filhos. ⁴⁶

Além de percebermos todo o discurso de super valorização do imigrante como sendo responsável pelo desenvolvimento da agricultura, crescimento industrial e melhorias na educação de um povo, notamos também uma preocupação em não descontentar os colonos que chegaram à cidade. Constatamos esta última observação na matéria abaixo, de divulgação da hospedaria em São João del-Rei:

Imigração – hospedaria de Imigrantes em São João del-Rei, filial à de Juiz de Fora

Esta hospedaria, situada num vasto prédio, num dos mais aprazíveis lugares da cidade é destinada a proporcionar aos fazendeiros deste e dos municípios limítrofes as maiores vantagens.

Já está reconhecido quanto vale o trabalho agrícola dos italianos do norte: são trabalhadores fortes, sadios, de bons costumes, que facilmente aclimam-se no

⁴⁵ Jornal A Pátria Mineira, 04 de dezembro de 1888, n° 27, ano XII.

⁴⁶ Jornal A Verdade Política, 06 de dezembro de 1888, ano I, n°12.

Brasil, e principalmente na zona do Oeste, onde o clima é igual ao da Itália, igualmente temperado no verão e menor rigoroso no inverno.

Produzindo todos os cereais que produz a fértil planície do lombardo - vêneto, principalmente a vinha, e conhecendo os colonos que este terreno se presta excepcionalmente para a cultura da videira e da amoreira, muitas famílias em Juiz de Fora manifestaram ao Sr. Carlos Preda, que para lá foi há dias, o ardente desejo de estabelecerem-se aqui, de preferência à mata ou nas plantações de café. (...).

Cumpra agora aos fazendeiros não desmentir este lisonjeiro conceito que estão fazendo de nós os recém chegados, recebê-los dignamente, dar-lhes trabalho, facilitar-lhes a carreira, suavizar-lhes as primeiras asperezas, enfim, animar-se a entrar corajosamente na fecunda e infalível inovação do trabalho que foi inaugurada nesta zona, que há de trazer-lhe riqueza e a prosperidade de que já se ufana a província de São Paulo. (...).

Convidam-se os fazendeiros a visitar a hospedaria e ao público para examinar o modo por que são tratados os colonos (...).⁴⁷

Nas frases grifadas destacamos o que os outros trechos já traziam com veemência, ou seja, a superioridade dos trabalhadores europeus. Nesse caso, a valorização ficou restrita aos imigrantes do norte da Itália, evidenciando ou forjando as características de que eram trabalhadores fortes, sadios e de bons costumes. Na sequência de grifos há um apelo direcionado aos fazendeiros no sentido de receber bem os italianos, facilitando-lhes a vida, para que pudessem exercer a quase vocação genética, ao progresso e modernidade.

Essas matérias elencadas nos mostraram que não bastava apenas discutir o empenho de alguns deputados, para que São João del-Rei tivesse uma colônia de imigrantes italianos. Assim que a hospedaria e a colônia estivessem constituídas nas imediações da cidade, seria necessário convencer os fazendeiros locais e as próprias pessoas da cidade sobre as necessidades dos estrangeiros, para o crescimento e progresso do município. Em outras palavras, os fazendeiros, industriais e a população em geral deveriam se convencer da necessidade dos imigrantes. Não bastava apenas que essas ideias orientassem as decisões das elites políticas para efetivar a vinda dos estrangeiros. Também era preciso que as demais pessoas entendessem essa realidade. Afinal, um grupo de indivíduos de país, língua e cultura diferentes necessitaria de certa hospitalidade ao chegarem a um país desconhecido. Se a sociedade local não entendesse a necessidade de tais grupos imigrantes, poderia haver um grande caos ao nível das relações sociais estabelecidas entre *insiders e outsiders*, para utilizar um termo de Norbert Elias. Notamos nesse contexto uma maior intensidade nas matérias publicadas pelos diversos periódicos em Minas e o surgimento de folhetos instruindo os fazendeiros sobre os benefícios da imigração.

No próximo trecho apresentamos uma espécie de folhetim, entregue pela hospedaria de São João del-Rei, escrito pelo diretor da mesma, Severiano Nunes de Cardoso Rezende.

⁴⁷

Jornal A Verdade Política, 13 de dezembro de 1888, ano I, nº13.

Esse folhetim foi encontrado em meio aos pertences de um fazendeiro da região, o senhor Geraldo José Rodrigues.

São João Del Rei, 30 de dezembro de 1888

Prezado amigo e senhor

O governo provincial procurando atender aos interesses desta zona, para aqui encaminhou a corrente da imigração.

Fez mais, solicito em disseminar de pronto os colonos por estes municípios, criou uma hospedaria nesta cidade, onde com facilidade possa o fazendeiro sem despesas e viagem a outros pontos mais distantes contratar a seu gosto auxiliares para a sua lavoura.

Já se acham na hospedaria de São João Del Rei grande número de famílias escolhidas do que há de melhor na gente chegada da Europa.

São famílias do Norte da Itália, tiradas do meio da lavoura e cuja índole, atividade e costumes já tem a experiência demonstrado serem irrepreensíveis.

A imigração européia, os italianos do Norte, constitui a solução da lavoura, como ela está constituída, até que se dê a salutar e necessária transformação.

Todos proclamarão a verdade, como o importante fazendeiro Sr. Joaquim Dias Ferraz. Eis o que refere, neste ponto, o Liberal Mineiro:

“Vimos ontem uma carta do nosso amigo senhor Joaquim Dias Ferraz, fazendeiro em Angustura, termo de Leopoldina, da qual extraímos os seguintes tópicos:

“Trouxe de Juiz de Fora para minha fazenda 24 imigrantes do norte da Itália, os quais trabalham de modo admirável e satisfatório. Estou contentíssimo com eles. São homens que trabalham por três dos nossos. Julguei que teria dificuldade em satisfazê-los na alimentação. Felizmente não são exigentes, e a esse respeito também não se pode dizer deles senão que se contentam com pouco. E tal o meu entusiasmo pelo serviço desses homens, que ainda desejo mais cem deles!! Os nossos colegas da lavoura façam aquisição de tais trabalhadores, e assim terão experimentalmente a prova do que afirmo”.

Ora, em vista de quanto venho expor, se conclui que o espírito lúcido e refletido de VV.S. sugerirá, avolumando as vantagens, que advirão aos agricultores com a aquisição de imigrantes, venho pedir-lhe que interponha o prestígio de que merecidamente goza entre seus colegas da lavoura, afim de que concorram a visitar a hospedaria desta cidade, sob minha direção e contratar as famílias que lhes convier e com as cláusulas que a cada qual pareça melhor e mais razoável.

Aproveito a oportunidade para retirar a V. S. os protestos de amizade, estima e consideração com que sou de V. S. Severiano Nunes Cardoso de Rezende.⁴⁸

Ao que tudo indica, a iniciativa em distribuir folhetins foi de abranger um maior número de pessoas, principalmente fazendeiros que ainda não tinham se convencido da necessidade dos imigrantes. O folheto foi também bastante didático, constando até mesmo um relato do fazendeiro Joaquim Dias Ferraz, em Leopoldina, valorizando o braço imigrante e chegando a afirmar que eles “são homens que trabalham por três dos nossos”, ou seja, eram melhores de serviço que o trabalhador nacional.

Outro dado interessante nesse folheto é a ausência do pensamento racial na argumentação do político Severiano Nunes de Rezende, que valorizou apenas a eficiência econômica que a contratação dos imigrantes traria aos fazendeiros. Como o contexto no qual

⁴⁸

Acervo particular do fazendeiro Geraldo José Rodrigues.

estamos trabalhando possui uma mentalidade fundamentada na desvalorização do trabalhador afro descendente, em detrimento do europeu, não acreditamos que Severiano Nunes pensasse diferente. Tal como o pesquisador Flávio Giarola, acreditamos que os preconceitos raciais já estavam tão enraizados na sociedade são-joanense desse período, que era desnecessário mencioná-los a todo o momento nas matérias dos periódicos e nos folhetins distribuídos pela hospedaria aos fazendeiros.

Constatamos em primeira mão, que as políticas imigratórias em Minas Gerais, se tornaram efetivas, somente às vésperas do fim da escravidão, pelo fato de Minas possuir uma reserva de mão-de-obra nacional e a inexistência de uma fronteira agrícola em expansão. Esses dois fatores foram levados em consideração para explicar a falta de iniciativa particular por parte de fazendeiros e industriais em arcar com a empreitada de trazer trabalhadores europeus em massa para a província. Pelo que parece, a iniciativa particular só começou a agir quando o Estado ajudou a custear as passagens e outros gastos envolvidos no processo imigratório.

Em São João del-Rei, delimitação espacial para esta pesquisa, a hospedaria foi conseguida devido à ação dos políticos locais. Quanto às causas reais que justificaram a necessidade dos imigrantes nesse município, notamos que elas não estão relacionadas à lavoura para exportação e nem ao povoamento de regiões desabitadas, como ocorreu com algumas localidades da província. No recenseamento feito em 1872, o município são-joanense apresentou cerca de oito mil e noventa e duas pessoas morando em todas as freguesias que compunham o município.⁴⁹ Sendo assim, a presença de imigrantes na cidade são-joanense foi cogitada como meio de reascender a economia local, que havia arrefecido nas últimas décadas do século XIX. Acreditava-se que os imigrantes fossem pessoas mais evoluídas, que fossem realmente *moléculas do progresso a desprender-se do grande corpo de futuro* e que naquele momento transformariam a cidade tornando-a mais moderna, recuperando o esplendor de outros tempos. No próximo capítulo problematizaremos um pouco mais as reais necessidades de imigrantes para a cidade de São João del-Rei.

⁴⁹

<http://biblioteca.ibge.gov.br> (Acesso em 12 de abril de 2011).

CAPÍTULO II

OS ITALIANOS EM SÃO JOÃO DEL-REI: A VIDA NO NÚCLEO COLONIAL E NA REGIÃO URBANA

2.1 Os primeiros meses da colônia italiana

Embora o fim do trabalho escravo tenha acontecido no mês de maio, somente no final do mês de novembro de 1888, as primeiras famílias de imigrantes italianos chegaram à cidade de São João del-Rei. Alguns meses anteriores a esse acontecimento os jornais locais da cidade já cobriam com entusiasmo todos os preparativos para a chegada dos imigrantes, como ficou claro no capítulo anterior. Nessas matérias destacavam-se os nomes dos deputados Dr. Aureliano de Mourão e o deputado pelo partido conservador, Severiano Nunes de Rezende, esse último proprietário e editor do Jornal, *O Arauto de Minas*. Ambos os políticos eram da região e muito empenharam para que a cidade tivesse uma hospedaria filial à de Juiz de Fora. Além da hospedaria, o Ministério da Agricultura comprou as terras da Várzea do Marçal, situada a seis quilômetros do perímetro urbano de São João del-Rei, a fim de que, ali, fossem construídas casas para abrigarem os colonos imigrantes.

Ao chegarem a São João del-Rei no final do mês de novembro e início de dezembro de 1888, os imigrantes foram levados para a hospedaria que ficava próximo ao largo da Igreja do Carmo, antigo Solar da Baronesa de Itaverava e atual Centro Cultural da UFSJ. Os fazendeiros que se interessassem em contratar seus serviços dirigiam-se até lá e negociavam o trabalho diretamente com os italianos.

**Imagem 2.1.1 - Antiga Hospedaria dos Imigrantes e
atual Centro Cultural da UFSJ**



Fonte: http://br.olhares.com/solar_da_baronesa_foto711587.html
(Acesso em 13 de abril de 2011)

De acordo com o jornal *A Verdade Política*, órgão do Partido Liberal, no dia três de dezembro de 1888, cento e dois imigrantes, formando vinte e duas famílias foram recebidas na Estação Ferroviária e destinadas à hospedaria. Mais tarde cerca de noventa indivíduos já haviam sido contratados por fazendeiros do município.⁵⁰ O movimento na hospedaria de São João del-Rei continuou sendo noticiado pelos periódicos da cidade. De acordo com *A Verdade Política*, a hospedaria, inaugurada no dia vinte e oito de novembro de 1888, teve até o dia dez de dezembro o seguinte movimento:

⁵⁰

Jornal A Verdade Política, 06 de dezembro de 1888, Ano I, nº12.

Tabela 2.1.1: Movimento de entrada na hospedaria de São João del-Rei - 1888

Data da Entrada:	Quantidade:
28 de Nov.	63
29 de Nov.	13
01 de Dez.	5
03 de Dez.	104
05 de Dez.	114
07 de Dez	142
09 de Dez	18
10 de Dez	174
Total:	639 imigrantes

Fonte: Jornal *A Verdade Política*, 06 de dezembro de 1888, Ano I, nº12.

Nos primeiros dias, o destino dos imigrantes foi o seguinte:

Tabela 2.1.2: Distribuição dos imigrantes por localidade - 1888

Para o núcleo Colonial	548
Para a fazenda do Sr. José C. Pereira Sobrinho	12
Para Perdões de Lavras	5
Para fazenda do Sr. Francisco Ribeiro neste município	9
Para a fazenda do Sr. Aureliano Caldas neste município	17
Para a fazenda do Senhor Francisco Gabriel, neste município	20
Empregados em diversas casas nesta cidade	21
Falecido	1
Total	639

Fonte: Jornal *A Verdade Política*, 13 de dezembro de 1888, Ano I, nº13.

A procedência dos mesmos é mostrada abaixo:

Tabela 2.1.3: Procedência dos Imigrantes Italianos – 1888 ⁵¹:

Bolonha	203
Ferrara	200
Verona	126
Treviso	40
Rovigo	16
Ravenna	12
Mantua	12
Vicenza	8
Veneza	7
Pavia	5
Cosenza	5
Total	639

Fonte: Jornal *A Verdade Política*, 13 de dezembro de 1888, Ano I, nº13.

Notamos por meio dessas tabelas retiradas da matéria, que ao final do ano de 1888, seiscentos e trinta e nove imigrantes italianos chegaram a São João del-Rei, sendo que a maioria veio juntamente com suas famílias. Desse grupo, a maior parte era de localidades situadas ao norte da Itália, destacando-se Bolonha, Ferrara e Verona. Mais tarde, com os imigrantes estabelecidos, o núcleo colonial da cidade passou a ser reconhecido pelos moradores de São João como núcleo colonial Bolonha - Ferrara. Aferimos que dos seiscentos e trinta e nove imigrantes que foram para São João del-Rei, quatrocentos e quinze eram da Emília Romagna, região norte da Itália. Isso equivale a 65% do total de imigrantes.

⁵¹ Para facilitar o leitor, Bolonha, Ferrara e Ravenna fazem parte da Emília Romagna; Verona, Treviso, Rovigo, Vicenza e Veneza fazem parte do Vêneto; Mantua e Pavia fazem parte da Lombardia e Cosenza da Calábria.

Imagem 2.1.2 - Mapa da Itália: Região da Emília Romagna



Fonte: <http://www.familiasoldati.com.br/1078.html>
(Acesso em 17 de dezembro de 2010).

Logo que chegaram à hospedaria algumas famílias de imigrantes foram contratadas por fazendeiros da região e de cidades próximas, perfazendo um total de sessenta e três indivíduos contratados, ou seja, 10% do total de imigrantes que chegaram. Dos que não foram requisitados para trabalhar na zona rural, alguns ficaram estabelecidos no comércio da cidade e 86% foram destinados ao núcleo colonial situado na Várzea do Marçal.

Nessa mesma edição, *A Verdade Política* colocou também uma matéria sobre a maneira como era organizada a hospedaria. Segundo consta, o Sr. Carlos Preda, italiano da região norte, residente em São João del-Rei há oito anos era o encarregado da parte da chancelaria da administração. Por ser italiano, ele fazia toda a comunicação com os diferentes *patoás*⁵² das províncias do Piemonte, Lombardia, Vêneto e Tirol. Já a organização e limpeza da hospedaria ficavam nas mãos de outro encarregado incumbido de executar as ordens do diretor da hospedaria, o Sr. Severiano de Rezende. A cozinha era responsabilidade de dois italianos; às oito horas da manhã era servido café à vontade e um pão para cada pessoa. Às onze horas servia-se um pão, sopa, carne cozida ou ensopada e polenta. Às cinco horas da tarde era servido o jantar composto de pão, carne ensopada ou assada, arroz, feijão etc. Os

⁵² Patoás é um termo utilizado nas fontes da época e que equivale a dialetos.

doentes eram visitados por caridosos locais e também por médicos, que prestavam todos os socorros necessários.

Passados alguns dias da chegada dos imigrantes, principalmente depois do assentamento da maioria das famílias no núcleo colonial localizado nas imediações da cidade, a colônia italiana começou a apresentar uma série de queixas quanto à organização da mesma, contrariando as afirmações iniciais dos jornais. Esses problemas ocuparam várias páginas dos principais periódicos da cidade e inspiraram mais tarde alguns trabalhos acadêmicos.

As primeiras queixas apresentadas nos jornais diziam respeito às péssimas condições de alojamento dos imigrantes. Ao invés de casas, como fora prometido, eles encontraram galpões mal construídos, falta de utensílios domésticos e os víveres fornecidos para a alimentação achavam-se em péssimo estado de conservação. Além disso, o médico passava na colônia uma vez por semana não dando prazo dos medicamentos chegarem a tempo, ocasionando até mesmo a morte de algumas crianças.

Mais tarde a situação parece ter se tornado ainda pior. O jornal, *A Verdade Política*, noticiou o crescente número de imigrantes pedintes espalhados pela cidade.⁵³ Como se isso não bastasse, casos de varíola assolaram a hospedaria localizada no centro fazendo com que a Câmara Municipal autorizasse a transferência da mesma para o bairro de Matosinhos e suas imediações, transformando a antiga hospedaria num lazareto para recuperação dos casos de varíola, que por ventura acomessem a população local.⁵⁴

Problemas estruturais e endemias como essas assolaram outras hospedarias de imigrantes pelo Brasil afora. Em Juiz de Fora, os jornais noticiaram o desmazelo no funcionamento da mesma, alegando que a hospedaria não possuía as acomodações necessárias, sem deixar de mencionar a falta de cuidados básicos de higiene e precariedade da alimentação. Segundo Mônica Ribeiro de Oliveira, entre 1889 e 1894, a cidade vivenciou três epidemias de varíola e cólera, de intensidade tão grande que a hospedaria foi isolada por um cordão sanitário.⁵⁵

Nos núcleos coloniais ao sul do Brasil, tais como as colônias Conde d'Eu, Dona Isabel e Caxias, também ocorreu uma série de protestos e manifestações contrários às enormes

⁵³ Jornal Verdade Política, 03 de janeiro de 1888, Ano I, nº16.

⁵⁴ Atas da Câmara Municipal de São João del Rei, nº 34, sessão ordinária de 2 de fevereiro de 1889 – Biblioteca Municipal Batista Caetano.

⁵⁵ OLIVEIRA, Mônica R. de. Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854 – 1920). (Dissertação de Mestrado, UFF), Niterói: 1991.

dificuldades no cotidiano dos núcleos, tais como a distribuição de víveres e manutenção de subsídios como nos mostram as pesquisas de Ângela Luchese.⁵⁶

Voltando a São João del-Rei, a insatisfação dos imigrantes com a má organização que encontraram na hospedaria foi tanta, que os jornais, *O Arauto de Minas*, *Gazeta Mineira* e *A Verdade Política* chegaram a noticiar que um grupo de imigrantes ameaçou a cidade prometendo mão armada contra a mesma. Na reunião de vereadores da Câmara Municipal do dia trinta de abril de 1889, o vereador Augusto Muller indicou que mandasse um ofício ao Presidente da Província pedindo-lhe enérgicas providências no sentido de restabelecer a paz e o sossego das famílias da cidade. Segundo ele, as famílias eram ameaçadas a cada instante pelos imigrantes domiciliados na hospedaria de Matosinhos, imigrantes esses que haviam prometido publicamente assaltar a cidade a qualquer hora.⁵⁷

A situação ferveu os ânimos da sociedade local fazendo com que o Presidente da Província de Minas Gerais se dignasse a ir até São João del-Rei para resolver o caso. Junto com ele foi também uma escolta militar que rendeu os supostos imigrantes subversivos e despachou-os para a corte, depois de passarem uma noite na cadeia local.

Esses desagradáveis inconvenientes, que assolaram a colônia italiana de São João del-Rei nos seus primeiros meses foi bastante abordado em alguns trabalhos locais. A primeira publicação nesse sentido foi de José da Paz Lopes, na coletânea organizada por Luiz Alberto De Boni, *A Presença Italiana no Brasil*.⁵⁸ Nesse artigo intitulado *Imigrantes Italianos em São João del-Rei: passeata, polícia e dispersão* o autor mostrou as diferentes visões dos jornais locais ao abordar a questão imigratória e os problemas enfrentados pela recém colônia implantada na cidade. José da Paz dá bastante ênfase a estes problemas, principalmente ao suposto motim, que os imigrantes estariam planejando contra a cidade devido às péssimas condições do núcleo colonial.

Outra pesquisa que seguiu a mesma linha de José da Paz foi a monografia apresentada por Maria Cristina Teixeira, que questionou as reais necessidades de imigrantes para São João del-Rei.⁵⁹ O fato da cidade não possuir uma produção agrícola em larga escala para exportação e não ser desabitada a ponto de necessitar povoá-la fez crer que a presença

⁵⁶ LUCHESE, Ângela Terciane. Autoridades locais e imigrantes italianos: conflitos e consensos. *História*, 2010, vol. 29, nº 1, p. 308 – 327. (Acesso em 13 de abril de 2011 - <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>).

⁵⁷ Atas da Câmara Municipal de São João del Rei, nº 34, sessão ordinária de 30 de abril de 1889 – Biblioteca Municipal Batista Caetano.

⁵⁸ LOPES, José da Paz. *Imigrantes Italianos em São João del-Rei: passeata, polícia e dispersão: 1888 – 1889*. In: DE BONI, Luis A. *A Presença Italiana no Brasil*. Instituto Giovanni Agnelli, Porto Alegre:

⁵⁹ TEIXEIRA, Maria Cristina. *Imigração em São João Del Rei: a visão do fracasso*. Monografia de pós-graduação *latu sensus*, São João Del Rei: 1994.

imigrante fosse inapropriada na visão da autora. Mas como os deputados locais conseguiram ter acesso às verbas de auxílio à imigração na província, a cidade conseguiu uma hospedaria filial à de Juiz de Fora e o núcleo colonial tornou-se então uma realidade.

Diante dos infindáveis problemas apresentados na administração colonial, Maria Cristina acredita que a implantação do núcleo em São João foi muito mais uma jogada política, como forma de acesso às verbas disponibilizadas pelo programa de imigração, do que uma política que visava trazer melhorias para a cidade. Quanto às ameaças dos imigrantes à sociedade local, Maria Cristina utilizou as mesmas matérias citadas pelo trabalho de José da Paz, valorizando assim o suposto incidente.

Anos mais tarde, Flávio Raimundo Giarola, ao comentar o artigo de José da Paz salientou os exageros do autor ao afirmar que os italianos prometeram mão armada contra cidade. Revisitando todas as matérias dos principais jornais que cobriram o momento, Flávio Giarola acredita que não restam dúvidas de que os imigrantes, descontentes com a péssima administração do núcleo, chegaram a ficar bastante eufóricos no sentido de tomar alguma medida que melhorassem suas condições de vida. Contudo o exagero de José da Paz foi veemente, a começar pelo título do artigo: *Imigrantes Italianos em São João del-Rei: passeata, polícia e dispersão*. Para Flávio Giarola, existiram sim algumas ameaças por parte dos imigrantes, mas nada que tivesse sido concretizado.

Outra contribuição importante nesse artigo do referido autor é o fato de destacar o quanto as divergências partidárias mudavam o discurso dos jornais a respeito da colônia italiana em São João del-Rei, refletindo as divergentes opiniões da elite política da cidade.⁶⁰ De tal modo, a valorização exacerbada dos jornais ao relatar esses incidentes da colônia italiana na cidade, pode ser compreendida também como forma de manifestação das rixas partidárias de cada jornal, principalmente pelo fato de representantes do partido conservador local terem se empenhado tanto para a concretização da colônia na cidade. Só para não esquecer, Severiano Nunes de Rezende, diretor da hospedaria, foi deputado provincial em várias candidaturas, líder do partido conservador no Oeste de Minas, além de proprietário do jornal conservador, *Arauto de Minas*.

Não é nossa intenção mostrar até que ponto as diferenças partidárias, nesses anos finais do Império, interferiram nos discursos dos periódicos de São João a respeito da criação do núcleo colonial na cidade. Mas foi interessante notarmos que esse assunto densamente

⁶⁰ GIAROLA, Flávio Raimundo. *Imigrantes e Imigração nos discursos da Imprensa Política de São João del Rei (1877 – 1889)*. Revista História e História. Acesso em 07 de abril de 2009.

debatido foi, em determinadas situações, utilizado como forma de defesa ou acusação de ideais políticos.

Voltando ao assunto da suposta revolta dos imigrantes, é importante reler a tão mencionada matéria que saiu a respeito no jornal, *A Verdade Política*:

“Os imigrantes que se achavam alojados na hospedaria desta cidade, há cerca de 5 meses, insubordinados por má administração, ultimamente já não respeitavam os seus superiores, e nem a autoridade, chegando a prometerem mão armada contra cidade. Em vista disto, foram reclamadas do governo providências imediatas a fim de sossegar a população alarmada pelo terror, conforme noticiamos.

Foi assim que no dia 2 aqui chegou um contingente de praças do exército em número de cento e tantas, que reunidas a outras de polícia, vindas de vários pontos, ficaram a disposição do Sr. Dr. Chefe de polícia, que se achava na cidade.

Os imigrantes, porém, não opuseram a menos resistência. Detidos no quartel durante o dia foram transportados à noite para a cadeia, onde pernoitaram, embarcando na manhã seguinte em trem especial com destino a corte, indo escoltados por uma força de linha.

Na hospedaria foi procedida uma busca para retirar armamentos, que diziam ali existir, mas que não foram encontrados.

Algumas espingardas velhas 16 ou 17, uma pistola, facas usadas e canivetes de lavrador, eis o que foi achado.

Este fato desmentiu por si só a atitude hostil dos imigrantes; e a população uma vez ciente da verdade, conheceu que nada mais havia de realmente perigoso do que a não obediência destes homens aos seus superiores, e que o resto era parte de espíritos pequeninos e malfazejos, amantes da intriga e da subversão”. Verdade Política, 09 de maio de 1889, ano I, nº 28 (Grifo nosso).

Embora outros periódicos também tenham noticiado esse ocorrido, a matéria desse jornal de caráter liberal, traz uns aspectos interessantes que abordam e reforçam a idéia de que realmente houve um exagero por parte da imprensa são-joanense, ao relatar esses fatos, exagero esse valorizado posteriormente por José da Paz e ratificado por Maria Cristina Teixeira.

A matéria afirma que os estrangeiros chegaram a prometer mão armada contra a cidade. Ora, se eles chegaram a prometer determinado intento é porque eles detinham certo número de armas o suficiente para aterrorizar a sociedade e o policiamento local. Com a chegada dos praças do exército e as revistas no intuito de encontrar armamentos foram achados *algumas espingardas velhas 16 ou 17, uma pistola, facas usadas e canivetes de lavrador*, ou seja, armamentos em quantidade e estado bem precários para um grupo que teria pretensões tão altas. Além disso, nenhuma arma foi encontrada na hospedaria.

Nenhum jornal chegou a citar os nomes dos indivíduos que foram para a corte para uma possível realocação ou expatriação. Não encontramos nem mesmo uma ocorrência policial, em meio aos processos criminais do acervo judiciário de São João del-Rei, que relate esses problemas ou pelo menos a noite em que o grupo de imigrantes dormiu na cadeia da

cidade. Contudo, pelas matérias publicadas nos periódicos, ainda que revestidas de discurso político e com base nas discussões da Câmara nesse período, podemos comprovar que realmente houve a intenção por parte de alguns imigrantes, em se manifestar contra os abusos sofridos nos primeiros meses em São João del-Rei. Que fique bem claro que foram alguns imigrantes, e não a maioria deles. O fato é que, o grupo de imigrantes brancos, ordeiros, que mais se assemelhavam a *moléculas do progresso e da modernidade* não aceitava de braços cruzados as dificuldades dos anos iniciais de vida em São João. Tais manifestações e protestos realizados por alguns deles soou estranho e repercutiu de maneira estrondosa entre a população são-joanense e principalmente entre os jornais, afinal, dias antes publicava-se apenas elogios em relação ao grupo.

Depois da visita do presidente da província, no início do mês de maio, determinadas medidas foram tomadas no sentido de restabelecer a paz no núcleo colonial. No jornal, A Verdade Política, de vinte seis de maio de 1889 encontramos o ofício, que o Sr. Ministro da Agricultura, dirigiu ao Inspetor de Terras e Colonização falando sobre a visita do presidente à colônia são-joanense.⁶¹ No geral, o Ministro da Agricultura optou por manter o núcleo colonial de São João e deu ordem para que as casas dos colonos fossem construídas e que houvesse também uma assistência no sentido de orientar aquilo que eles deveriam cultivar e investir, ou seja, produtos que seriam facilmente consumidos pela população são-joanense. Todas as sugestões foram no sentido de tentar prosperar o núcleo colonial.

Segundo Flávio Giarola, depois desse incidente na colônia, as notícias a respeito dos imigrantes diminuíram bastante nos periódicos de São João del-Rei. Realmente percebemos uma diminuição de matérias nesse sentido, principalmente nos jornais que tanto se envolveram nestes debates acerca dos problemas na colônia. Porém, a vida da imprensa em São João sempre foi muito dinâmica e depois da década de 1890 surgiram outros jornais que passaram a noticiar, vez ou outra, a atuação dos imigrantes italianos na cidade, como veremos mais tarde.

Não podemos negar que a colônia imigrante de São João del-Rei passou por maus pedaços em seu início. É verídico que houve um exagero por parte da imprensa, que viu na situação uma boa oportunidade para alfinetar politicamente seus adversários e também exagero por parte das pesquisas, que se debruçaram sobre o assunto posteriormente. Mas os primeiros anos de sua existência foram repletos de percalços. Para se ter uma idéia, no início da década de 1890, a região do núcleo colonial, Várzea do Marçal, foi pleiteada para a

⁶¹ O ofício completo pode ser acompanhado nos anexos do presente trabalho - *Anexo 1.1*.

construção da nova capital da província. Nesse período houve mesmo a intenção de realocar os imigrantes mais uma vez! Contudo, com a escolha da região onde hoje está situada Belo Horizonte, a vida no núcleo colonial retomou seu curso.

Analisando todos essas limitações do início do núcleo colonial em São João foi necessário fazermos algumas ponderações, com base em determinados trabalhos citados, que se voltaram a entender o assunto.

Primeiramente, a inexistência de grandes lavouras para exportação em São João del-Rei, e a ausência de localidades desabitadas, que justificasse as colônias estrangeiras, não foram argumentos suficientes para dizer que a cidade não necessitava da presença imigrante naquele período. Foi necessário compreendermos um pouco a mentalidade da época, pois de certa forma ela fundamentou as atitudes dos deputados locais para a efetivação do núcleo colonial.

Como vimos no capítulo anterior, além da necessidade de trabalhadores imigrantes nas lavouras e povoamento de regiões desabitadas, os imigrantes eram brancos, europeus, vistos como agentes do progresso e da modernidade. Essas características muito prezadas pela ética capitalista foram fundamentais para um país que dava seus primeiros passos dentro desta nova ordem econômica, principalmente depois do fim do trabalho escravo. Sendo assim, a mentalidade de que os imigrantes europeus eram agentes do progresso, independente se fossem para trabalhar na lavoura ou não, fundamentou a ação dos deputados locais para que a cidade são-joanense tivesse uma colônia.

E mais, o fato de São João del-Rei ter sido uma das cidades mais importantes de Minas Gerais no período imperial e ter perdido parte desse prestígio, nas últimas décadas do século XIX, fundamentou a necessidade da colônia imigrante. Acreditava-se que, com a presença dos imigrantes, a agricultura local poderia recuperar seus tempos de maior produtividade, visto que esses indivíduos eram apropriados para compor a incipiente classe operária da cidade.

Outro ponto importante, que foi mencionado num artigo de Bruno Campus, foi a passagem da ferrovia em São João del-Rei. Para o referido autor, havia intenção por parte das autoridades locais e da Cia. da Estrada de Ferro, em formar núcleos coloniais nos percursos da estrada, habitando assim as áreas de atuação dessas empresas, que eram pouco povoadas.⁶² Para isso a Cia. Ferroviária se comprometia em garantir o escoamento da produção agrícola desses núcleos.

⁶² CAMPOS, Bruno Nascimento. A Imigração Italiana e a Oeste de Minas em São João del-Rei . Artigo publicado no site www.saojoaodelreitransparente.com.br. Acesso em 16 de setembro de 2010 às 14h27min.

Diante dessas ponderações queremos frisar que existia toda uma lógica por detrás da criação do núcleo colonial de São João del-Rei, que ia além de uma mera jogada política, como afirmou Maria Cristina Teixeira. Infelizmente, ao que tudo indica houve um grande descaso por parte dos engenheiros encarregados da construção do núcleo colonial e também por parte da administração local quanto à realocação dos imigrantes, no momento em que eles saíam da hospedaria. Esse descaso gerou alguns problemas para a cidade, tendo em vista, que um grupo de imigrantes, bastante descontente com a situação, chegou a fazer ameaças à população local, necessitando até mesmo da visita do Presidente da Província e de uma escolta militar para amenizar a situação.

Os trabalhos existentes sobre a Imigração no Brasil mencionaram as inúmeras dificuldades encontradas pelos imigrantes, tanto nas regiões urbanas, quanto nas regiões rurais. Para as zonas cafeicultoras de São Paulo, Zuleica Alvim citou as dificuldades encontradas por esses indivíduos em relação aos contratos estabelecidos com os cafeicultores.

⁶³ A excessiva jornada de trabalho, somada à desestruturação do padrão de trabalho familiar do imigrante italiano, sem se esquecer dos maus tratos frequentes sofridos por parte de seus patrões, fizeram com que os imigrantes mudassem constantemente e buscassem as regiões urbanas para morar. Corroborando com as idéias de Michael Hall, segundo Zuleica Alvim, o abandono excessivo do campo pelos imigrantes pode ser visto como uma forma de resistência às difíceis condições enfrentadas nas fazendas paulistas.

Em Juiz de Fora, cidade já citada em outro momento, a situação dos imigrantes não foi diferente. Inúmeras dificuldades foram encontradas, principalmente na hospedaria, que tal como em São João, não oferecia boa estrutura para alojar os imigrantes provisoriamente.

Depois de todas essas limitações enfrentadas pela colônia imigrante em São João não sabemos quase nada sobre as décadas seguintes. A chegada do Presidente de Província e a decisão em manter o núcleo colonial funcionam, de certa forma, como um marco temporal nas poucas pesquisas que se ocuparam em estudar a presença italiana na cidade. A partir daí temos pouco conhecimento sobre esses indivíduos, em que eles investiram e como se inseriram nas atividades econômicas e sociais de São João del-Rei ficando então, lacunas, para serem respondidas nos próximos tópicos.

⁶³ ALVIM, Zuleica Maria F. *Brava Gente: Os italianos em São Paulo, 1870 – 1920*. Editora Brasiliense, São Paulo: 1986, p. 115.

2.2 Os primeiros anos da colônia italiana

Acabamos de demonstrar na primeira parte deste capítulo como a implantação da colônia de imigrantes italianos em São João del-Rei foi cheia de obstáculos. Contudo, esses percalços não estavam circunscritos apenas ao assentamento das famílias no núcleo colonial. Depois de um tempo, ao se instalarem, os imigrantes depararam-se com problemas de outra natureza. As terras a eles destinadas não eram tão boas para a agricultura como se pensava, servindo originalmente para pastagem. Já as terras das encostas poderiam ser úteis para o cultivo da videira, mas esta cultura, assim como a criação de gado para aproveitamento das pastagens, exigia um prévio capital financeiro que os imigrantes não possuíam. Como o terreno do núcleo colonial ficava às margens do rio, algumas famílias investiram no ramo da olaria, na fabricação de dormentes, lenha, carvão e cal, sendo que boa parte dessa produção foi prontamente vendida à Cia. da Estrada de Ferro Oeste de Minas.

Segundo o jornal *Gazeta Mineira* de 29 de abril de 1891, nesse ano de 1891 havia no núcleo noventa e sete famílias compostas de quatrocentos e setenta e nove indivíduos, todos italianos, sendo duzentos e dez adultos e duzentos e sessenta e nove menores. Do total, cento e dois eram homens válidos e “ótimos trabalhadores”; cento e oito mulheres e cento e quatro crianças do sexo masculino e cento e vinte nove do sexo feminino. No ano anterior, havia nascido quarenta e quatro crianças, sendo vinte do sexo feminino e vinte e quatro do sexo masculino. Morreram nove indivíduos, sendo cinco adultos e quatro crianças, das quais três morreram ao nascer. Dos adultos, dois eram de adiantada idade e já vieram gravemente doentes da Itália.

O estado sanitário do núcleo era bom e não havia ocorrido nenhum caso de influenza, incômodo que afligiu a cidade de São João del-Rei e regiões circunvizinhas naquele período. Os únicos problemas de saúde mais comuns foram digestivos e pulmonares.

No que se refere à colheita anual, o jornal mencionou o seguinte:

Tabela 2.2.1: Produção do núcleo colonial referente ao ano de 1890:

Milho	4.911 alqueires
Feijão	170 alqueires
Arroz	557 alqueires
Batata Inglesa	77 alqueires
Café	4 arrobas
Cana	1 carro
Marmelos	13 mil
Uvas	300 Kg
Mandioca	3 carros
Pêssegos	mil
Trigo	2 alqueires

Fonte: *Jornal Gazeta Mineira*, SJDR, 29 de abril de 1891, Ano VIII, - Número 343.

Segundo os colonos, o trigo não adaptou bem à região, justificando assim sua baixa produtividade, e a uva poderia aumentar a produção nos próximos anos.

No que se refere à criação de animais, os colonos possuíam quarenta e quatro cabeças de gado vacum, treze de cabrum, noventa e três de calar, oitenta e três de suínos e três de lanígero. Havia no núcleo um grande número de moinhos construídos com a finalidade de beneficiar o milho, três olarias, destacando-se a olaria do italiano Sartine. Em quase todas as casas haviam grandes hortas que abasteciam a cidade com hortaliças frescas e sadias.⁶⁴

Em setembro de 1891, o médico do núcleo colonial, Dr. Afonso de Azevedo, propôs aos imigrantes que fosse criada uma sociedade de auxílios mútuos com o objetivo de socorrer os sócios com remédios. Pela leitura dos jornais, a ideia de uma Sociedade Mutualista não surgiu por parte do grupo de imigrantes. O médico Dr. Afonso, vendo os problemas enfrentados pelos colonos, principalmente quanto ao custeio de remédios, convenceu os mesmos da necessidade de se unirem e contribuírem mensalmente para a formação de um fundo social. Diante dessa proposta, os imigrantes noticiaram nos jornais locais e convocaram os demais para uma reunião que se realizou na tarde de domingo do dia vinte e cinco de outubro de 1891, numa sala anexa à Loja da Barateza, situada na Rua Municipal. Todos os

⁶⁴

Jornal Gazeta Mineira, SJDR, 29 de abril de 1891, Ano VIII, - Número 343.

anúncios e avisos da sociedade mutualista dos imigrantes italianos de São João del-Rei pode ser acompanhada pelos jornais da época.

O resultado da primeira reunião foi noticiado na edição subsequente do jornal, *A Pátria Mineira* ⁶⁵. Segundo consta, compareceram na primeira reunião cerca de quarenta colonos. O presidente escolhido foi o italiano, Vicente Vassalo, e secretário o senhor, Carlos Preda, personagem mencionado em outros momentos. Para a redação dos estatutos nomeou-se uma comissão que continha tanto os imigrantes que habitavam as colônias, como imigrantes que habitavam a região urbana de São João del-Rei. A associação então criada foi batizada com o nome de Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Figli Del Lavoro”.

Depois dessa primeira reunião foi marcada outra para o dia 15 de novembro de 1891. Nesta segunda reunião 60 sócios se inscreveram. Quanto à eleição do corpo administrativo, ficou decidido para presidente, Vicente Vassalo; vice-presidente, Rafael Bini; 1º secretário, Carlos Preda; 2º secretário, Luiz Marzocchi; tesoureiro, Vicente Cantelmo; procurador, Germano Fabri; conselho: José Lovaglio, José d’Ângelo, Carlos Sartini, João Briguetti, Luiz Pitta, César Briguetti, Felipe Marchetti e José Inneco; Como suplentes Isaias Limoncini, Antônio Lombelo, Luiz D’Ângelo, Egisto Calori. Como sócios honorários foram aclamados os médicos José Moreira Bastos e Juvenal das Neves.⁶⁶

A Sociedade Italiana *Figli del Lavoro* atuou em São João del-Rei durante muitos anos e seu desempenho foi constantemente noticiado nos periódicos da cidade. Sua sede ficava próximo às mediações da Fábrica de Tecidos São-joanense, na Avenida Leite de Castro, posteriormente passou a ser na Rua Cristóvão Colombo. A associação preparava diversas atividades para adquirir renda, tais como corridas de cavalos, leilões e campeonatos de tiro ao alvo. ⁶⁷Além disso, ela organizava também as festas do dia 20 de setembro (data em que se comemora a unificação da península itálica) e convocava a todos os italianos a juntarem contribuições para quando a Itália se via envolvida em alguma catástrofe ou guerra. Os jornais anunciavam todas as mudanças ocorridas na mesa administrativa da sociedade, inclusive as possíveis desavenças entre os sócios

Infelizmente não foi encontrado nenhum documento sobre a Sociedade Italiana de São João del-Rei. Tudo o que sabemos foi coletado dos jornais e de conversas informais com descendentes de imigrantes. Pelo que constou, no contexto da segunda guerra mundial toda sua documentação, tais como atas, estatutos, quadros etc, foram incendiados anulando as

⁶⁵ A matéria completa encontra-se nos anexos, parte II, 2.2.

⁶⁶ A matéria completa encontra-se nos anexos, parte II, 2.3.

⁶⁷ Ver matéria sobre tiro ao alvo nos anexos, parte II, 2.5.

possíveis pesquisas com essa mesma documentação. De acordo com Claricia Otto, nesse período que corresponde ao segundo conflito mundial, boa parte do material em língua italiana existente no Brasil foi apreendido. A documentação das escolas Dante Alighieri em Santa Catarina, região estudada pela autora, também foi apreendida nesse mesmo contexto.⁶⁸

Segundo Maraliz Christo, as associações italianas de mútuo socorro e beneficência foram um fenômeno paralelo à imigração no Brasil. Em Juiz de Fora, num período que vai de final do século XIX até meados do século XX existiram oito associações. Na visão da autora, a existência de tantas associações na cidade revela a necessidade dos imigrantes em estabelecer vínculos de solidariedade e identidade em uma nova terra e também a existência de interesses e ideias divergentes, ou até mesmo incompatibilidade regional entre eles. Em praticamente todas as cidades que receberam muitos imigrantes italianos neste contexto, observamos esse tipo de associação. No capítulo três voltamos a mencionar a atuação da Sociedade Italiana *Figli del lavoro*, em São João del-Rei.⁶⁹

Retornando a discussão sobre a produção agrícola do núcleo colonial, os imigrantes que insistiram na produção de frutas, verduras, flores e até mesmo bordados, ainda que em pequena escala, podiam vender seus produtos no Mercado Municipal, que fora construído em 1893 para esta finalidade. Durante muitas décadas posteriores, os imigrantes e seus descendentes saíam pela madrugada, carregados de cestas, rumo ao mercado municipal, para venderem os frutos de sua produção.

A direção da colônia italiana mudava de tempos em tempos e o novo diretor fazia questão de publicar um relatório anual de tudo aquilo que era produzido no núcleo. Em agosto de 1896, o Sr. Coronel João José Pinheiro assumiu a direção do mesmo e ao final do ano publicou no jornal, *O Resistente*, o relatório anual.⁷⁰ Segundo o relatório toda a produção da colônia havia chegado a cento e seis contos de réis (106:000\$000), sendo setenta e dois contos (72:000\$000) de produtos da lavoura e trinta e quatro contos (34:000\$000) resultantes da fabricação de telhas e tijolos, tudo isso vendido na cidade de São João del-Rei.⁷¹

No dia quatro de abril de 1897, o mesmo jornal, *O Resistente*, noticiou um pequeno incidente sobre a administração do Coronel João José Pinheiro. Pelo que consta expulsara

⁶⁸ OTTO, Claricia. *Catolicidades e Italianidades: Tramas e poder em Santa Catarina (1875 – 1930)*. Florianópolis: Insular, 2006, p. 116.

⁶⁹ CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Italianos: trabalho, enriquecimento e exclusão. In: BORGES, Célia Maria. *Solidariedades e Conflitos: Histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Ed UFJF, 2000.

⁷⁰ Jornal O Resistente – Órgão do comércio, da indústria e da lavoura, SJDR, 31 de dezembro de 1896, Ano II, - Número 71.

⁷¹ Para se ter uma ideia do quanto representava essa quantia de dinheiro na época, em março de 1897, 40 litros de arroz custava vinte mil réis (20\$000).

uma família de colonos do núcleo colonial e nem sequer deu um parecer sobre o caso.⁷² As edições seguintes do jornal procuraram incitar o coronel para que ele se manifestasse, mas não há nenhuma nota sobre o ocorrido.

Dez anos depois de instalada a colônia italiana em São João del-Rei, o mesmo jornal, *O Resistente*, publicou uma matéria sobre a produção do núcleo referente ao ano de 1898, que foi bastante interessante para compararmos com os relatórios anteriores.⁷³ O balanço feito pelo diretor, Coronel João José Pinheiro, enviado ao senhor Inspetor da Repartição de Terras e Colonização, relativo ao ano de 1898 constou o seguinte:

“No referido ano foram construídas 10 casas, sendo 09 para colonos novamente entrados no núcleo e 1 para escola edificada no lote nº 14 da colônia José Theodoro.

Importaram todas em 5.998\$000.

Acham-se atualmente ocupados 188(?) lotes por igual número de famílias localizadas com 664 pessoas, 345 estrangeiros e 319 brasileiros, mas incluindo no número destes os filhos daqueles aqui nascidos e que são registrados como nacionais.

Imigraram para o núcleo no período relatado 32 colonos e saíram dele 22 tendo havido oito óbitos e 31 nascimentos.

O valor da produção agrícola subiu a 78:750\$000 e o da fabricação de tijolos, telhas e etc a 50:400\$000; perfazendo um total de 129:150\$000.

Existem, além disso, no núcleo 100 animais cavaleiros para o custeio dos trabalhos agrícolas dos colonos, computados em 5:000\$000; 350 cabeças de gado, representando 2:000\$000; 208 porcos no valor de 2:000\$000; e 2500 cabeças de aves que se podem avaliar em 1:500\$000; somando tudo 29:500\$000.

O custo da propriedade de raiz e suas benfeitorias em bom estado de conservação é de 79:950\$000 e montam a 3.000.000 de metros quadrados os terrenos lavrados para a cultura de cereais e outras, tendendo ainda a argumentar.

Como podemos observar, se compararmos esses resultados de 1897 com os resultados anteriores, já relatados em outro momento do texto, a colônia apresentou um crescimento considerável. O número de colonos passou de duzentos e dez em 1891 para trezentos e quarenta e cinco. Este aumento do número de colonos pode ser explicado pela procriação dos próprios imigrantes e também pela quantidade de brasileiros que, aos poucos, foram mudando para as regiões coloniais, como fica claro na análise dos Registros Torrens que faremos posteriormente. Além de tudo isso, a produção agrícola e de bens manufaturados como telhas e tijolos, apresentou crescimento arrecadando cerca de 129:150\$000. Esse número também foi maior que o relatório do ano de 1896, no qual a arrecadação fora de 106:000\$000. Quanto à criação de animais também notamos melhorias. Antes os imigrantes possuíam quarenta e

⁷² Jornal O Resistente – Órgão do comércio, da indústria e da lavoura, SJDR, 04 de março de 1897, Ano II, - Número 80.

⁷³ Jornal O Resistente – Órgão do comércio, da indústria e da lavoura, SJDR, 12 de janeiro de 1899, Ano IV, - Número 175.

quatro cabeças de gado, noventa e três animais cavalares e oitenta e três suínos; seis anos depois o número subiu para trezentos e cinquenta cabeças de gado, cem animais cavalares, duzentos e oito suínos e ainda apresentaram duas mil e quinhentas cabeças de aves. O grupo escolar demorou um pouco a ser construído, visto que houve manifestações a seu favor no ano de 1891, mas somente em 1897 sua construção foi concretizada.

A vida no Núcleo Colonial de São João del-Rei foi bastante difícil, não só nos seus primeiros meses, mas também nos seus primeiros anos. Demorou quase uma década para que o núcleo apresentasse um pouco mais de estabilidade nas suas produções agrícolas e manufatureiras. Todas essas limitações presentes nos seus primeiros momentos motivaram muitos imigrantes a tentarem a vida em outros lugares. Alguns foram para a região onde estava sendo construída a nova capital da província, Belo Horizonte, outros se mudaram para a região urbana de São João del-Rei, trocando a agricultura e a pecuária do núcleo pela vida industrial e comercial da cidade.

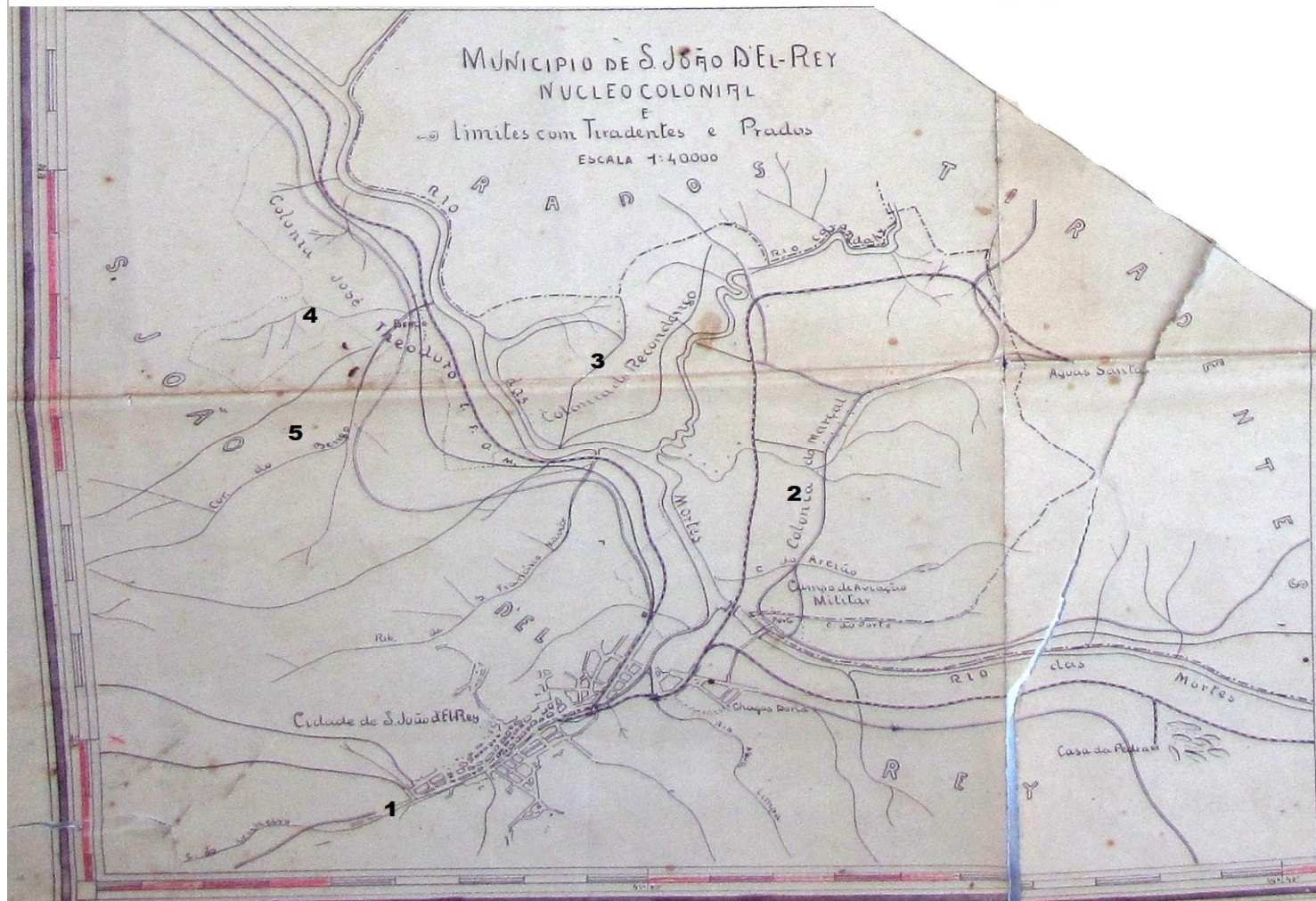
Imagem 2.1.1: Mapa do município de São João del-Rei



Fonte: Mapa localizado no Museu Regional de SJDR e organizado para atingir a solicitação da comissão de Revisão Administrativa do Estado de Minas Gerais.

O mapa apresenta toda a região pertencente ao município de São João del-Rei e os demais municípios que faziam divisa com a cidade. O local circulado de vermelho era a região onde situavam as colônias italianas. No canto inferior esquerdo, encontramos destacado no mapa, essa mesma região circulada de vermelho. Para melhor visualizarmos, recortamos essa parte e numeramos os locais das colônias:

Imagem 2.2.2: Localização das Colônias



Fonte: Parte destacada do Mapa de SJDR localizado no Museu Regional de SJDR.

O número um representa o local onde está localizada a cidade de São João del-Rei; no número dois, situado nas margens direita do Rio das Mortes, encontramos a Colônia do Marçal; no número três temos representada a Colônia do Recondengo; no número quatro temos a Colônia José Theodoro e no número cinco o Bengo. Como podemos observar, o núcleo colonial é delimitado pelo Rio das Mortes e pelo Rio Carandaí.

Os Registros Torrens de São João del-Rei, nos quais foram registradas as concessões dos lotes e das casas pelo Estado de Minas aos colonos imigrantes, verificamos que os Rios Carandaí e das Mortes, além de dividirem as colônias, faziam a divisa dos diversos lotes concedidos.⁷⁴ Essa forma de registrar as terras também permitiu mapear a vizinhança de cada colônia, visto que além da descrição do lote existia também a definição dos respectivos confrontantes.

Outro ponto que notamos na análise desses livros foi que muitos imigrantes, ao receberem o lote do Estado, repassaram-no a terceiros, não utilizando o terreno e a casa para fixarem residência. Das noventa e três primeiras concessões de lotes feitas pelo Estado aos colonos, que vão de 1907 até 1914, cerca de 18% dos terrenos foram vendidos quase que imediatamente após a concessão, para outros italianos e oriundos, ou até mesmo brasileiros. Alguns chegaram também a dividir a porção de terra recebida e vender apenas parte dela.

Em linhas gerais, a análise dos livros Torrens revela que a configuração dos lotes foi mudando com o decorrer dos anos. Muitos imigrantes acabaram vendendo os terrenos recebidos, ou dividindo-os de acordo com as suas necessidades, fazendo com que alguns lotes ficassem maiores ou menores, em decorrência das divisões e das vendas efetuadas pelos próprios colonos. Sem contar que a configuração social da própria colônia mudava com essas vendas e divisões, visto que muitos brasileiros passaram a viver naquelas localidades juntamente com as famílias italianas.

2.3 A inserção dos imigrantes na região urbana de São João del-Rei

2.3.1 Residências

Não foi tão simples definirmos aquilo que era rural e urbano, na virada do século XIX para o século XX no Brasil. As fronteiras são tênues e esses dois mundos se intercalam em vários níveis. Contudo, quando nos referimos ao espaço urbano de São João del-Rei estamos

⁷⁴

Registro Torrens – registro de terras, São João del-Rei, 1904, caixa 20. Arquivo do IPHAN.

mencionando todo aquele espaço geográfico que circunda a organização política, econômica e religiosa do município.

A princípio poucos imigrantes italianos foram morar na região da urbe são-joanense. Mas com as dificuldades vivenciadas no núcleo colonial, a presença dos italianos na cidade tornou-se cada vez maior. Segundo Regina Giarola, muitos imigrantes que não tinham vocação agrícola, procuraram restabelecer na cidade suas antigas funções na Itália, ocupando-se de ofícios como sapateiros, marceneiros, barbeiros, alfaiates etc.⁷⁵

Não só em São João del-Rei isso aconteceu, mas em várias outras regiões do Brasil. Segundo Zuleica Alvim, que desenvolveu uma pesquisa com os imigrantes que foram trabalhar nas regiões cafeeicultoras paulistas, muitos indivíduos mudaram-se para as localidades urbanas, principalmente a cidade de São Paulo⁷⁶. A autora notou, que dentre os indivíduos que se deslocaram para as cidades, os italianos meridionais, tais como os toscanos e lombardos, eram a maioria desse grupo, envolvendo-se em atividades comerciais. O contrário acontecia com aqueles que eram do Vêneto, que possuíam uma forte ligação com a terra e preferiam trabalhar no campo. Em Juiz de Fora, Mônica Ribeiro também observou o estabelecimento de imigrantes italianos na região urbana da cidade, desempenhando tarefas que necessitavam de alguma experiência técnica, como marceneiros, sapateiros etc.⁷⁷

A consulta aos impostos prediais da cidade de São João del-Rei dão idéia de como os italianos e seus descendentes ocuparam o espaço urbano. Os impostos prediais foram publicados por alguns periódicos locais, mas infelizmente não encontramos a publicação dos mesmos para todo o período abordado de 1888 até 1914. Encontramos as listagens completas apenas referentes aos anos de 1901, 1908, 1911 e 1913, sendo que as demais listas apresentavam-se incompletas ou não publicadas. Embora essas listagens sejam referentes a apenas alguns anos do período escolhido para pesquisa, elas nos permitiram fazer um balanço do aumento do número de propriedades de italianos e seus descendentes e quais as regiões mais habitadas por eles na cidade de São João del-Rei.

Os impostos prediais para o exercício do ano de 1901⁷⁸ contavam com uma média de mil trezentos e setenta e cinco imóveis, sendo que apenas quarenta residências eram de

⁷⁵ GIAROLA, Regina Célia. P. 27.

⁷⁶ ALVIM, Zuleica Maria Forcione. *O Brasil Italiano (1880 – 1920)*. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. – 2 ed. - São Paulo: Editora da USP, 2000, p. 49.

⁷⁷ OLIVEIRA, Mônica R. de. *Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854 – 1920)*. (Dissertação de Mestrado, UFF), Niterói: 1991, p. 72.

⁷⁸ Jornal O Repórter – Jornal Noticioso, Comercial e Literário, 17 de fevereiro de 1907, ano III, nº3. (Consta aqui apenas a referência à primeira data em que começou a ser publicado os impostos prediais de SJDR referentes a 1907. Os próximos números deste jornal vão apresentando aos poucos o restante da listagem).

famílias italianas ou com ascendência italiana. Isso significa que do total de casas existentes em São João no ano de 1901, mais ou menos 3% das residências estavam sobre posse de italianos ou oriundos. Neste ano, a Rua Cristóvão Colombo, situada às margens do Córrego do Lenheiros aparece com destaque; das vinte e nove casas contadas, vinte e três pertenciam a famílias italianas, ou seja, 57% das residências dos italianos de São João encontravam-se nesta rua no ano de 1901. Além disso, alguns imigrantes possuíam mais de um imóvel, como foi o caso de Antônio Canavezzi que possuía cinco propriedades nesta rua.

Para o ano de 1908⁷⁹, contamos cerca de mil seiscentos e vinte e três imóveis, sendo que cento e quarenta e três eram pertencentes a famílias italianas. Ou seja, no ano de 1908, 9% dos imóveis estavam sobre posse dos italianos e seus descendentes. Comparado com os números anteriores, percebe-se que do ano de 1901 para 1908 houve um aumento de 300% no número de casas dos imigrantes e seus descendentes. Nesse ano, três ruas se destacavam pela presença de famílias com sobrenomes italianos⁸⁰, estando todas elas bem próximas uma da outra: Rua Cristóvão Colombo, Paulo Freitas e Avenida Carneiro Felipe.

A Rua Cristóvão Colombo possuía cinquenta e três imóveis. Desse número, 68% estavam sobre posse de famílias italianas e seis indivíduos possuíam mais de uma casa. Nesse ano, nota-se que o senhor Antônio Canavezzi aumentou suas posses, visto que encontramos oito imóveis no seu nome. Em sete anos, Canavezzi conseguiu comprar mais três imóveis. A Rua Paulo Freitas, que dava acesso à região central da cidade, contava com trinta e três casas, sendo que vinte e duas eram de pessoas com sobrenomes italianos, 67% do total. Desses vinte e dois imóveis, nove eram pertencentes ao senhor Antônio Nozílio d'Ângelo e sete ao senhor Jacintho Rossetti. Ou seja, quase 50% dos imóveis da Rua Paulo Freitas em 1908 estavam nas mãos de apenas duas pessoas com sobrenomes italianos. Na Avenida Carneiro Felipe, atual Tancredo Neves, existia cento e dezessete imóveis dos quais trinta e oito eram de pessoas com sobrenome italiano, 32% do total de casas. Também nesta rua encontramos vários indivíduos com mais de um imóvel, como o senhor Antônio Nozílio, que além das propriedades na Rua Paulo Freitas, possuía quinze imóveis no seu nome também na Avenida Carneiro Felipe, praticamente metade das propriedades italianas existentes nessa rua.

Em 1911⁸¹, os impostos prediais apontaram mil seiscentos e noventa e seis imóveis arrolados, e desse número, cento e cinquenta e quatro estavam em posse de pessoas com sobrenomes italianos. A análise das listagens deste ano continuou apontando as Ruas

⁷⁹ Jornal *O Repórter* – Jornal Noticioso, Comercial e Literário, 20 de fevereiro de 1908, ano IV, nº15.

⁸⁰ Os sobrenomes dos italianos de São João del-Rei podem ser encontrados nos anexos desse trabalho.

⁸¹ Jornal *O Repórter* – Jornal Noticioso, Comercial e Literário, 01 de junho de 1911, ano VII, nº 225.

Cristóvão Colombo, Paulo Freitas e Carneiro Felipe como as principais ruas onde moravam os italianos e seus descendentes. No ano de 1913, os impostos apontam outras duas ruas com bastante incidência de sobrenomes italianos: a Avenida Leite de Castro, onde situava-se a Indústria de Tecidos São-joanense e a Rua Aureliano Pimentel, perpendicular à citada avenida. Ambas eram próximas à Paulo Freitas, Cristóvão Colombo e Carneiro Felipe.

Infelizmente, ao utilizarmos essas fontes e algumas outras que serão mencionadas posteriormente, não fomos capazes de afirmar quais propriedades eram de imigrantes e quais eram de pessoas com ascendência italiana, visto que essas fontes não citam a nacionalidade dos indivíduos arrolados. Em hipótese alguma tal fato desmerece todo o esforço que fizemos ao levantar esses dados. Mesmo que não seja possível tirar conclusões restritas ao grupo imigrante, os dados obtidos permitem levantar alguns possíveis percursos não somente dos italianos, mas também de seus filhos e netos. Primeiramente notamos que entre 1901 e 1908, o número de imóveis de posse de indivíduos com sobrenomes italianos aumentaram. Se esse número aumentava, foi porque, de certa forma, a cidade ofereceu condições para que eles se estabelecessem ali.

Segundo, as ruas escolhidas para residirem eram bem próximas uma das outras. Esta proximidade entre as ruas escolhidas pelos imigrantes para residirem, pode ser um indício de que os mesmos optaram por construir suas casas, mantendo como vizinhos indivíduos de mesma procedência nacional. Isto foi percebido quando analisamos os Pedidos e Requerimentos encaminhados à Câmara Municipal de São João del-Rei, nos dois últimos anos do século XIX. Ao analisarmos essa documentação, que encontra-se nos anexos ⁸², verificamos quarenta e dois pedidos de imigrantes italianos requerendo principalmente, a renovação da licença dos seus estabelecimentos comerciais e concessão de lotes devolutos. A maioria desses estabelecimentos e lotes localizava-se nas vizinhanças das ruas Cristóvão Colombo e Paulo Freitas, mostrando-nos que havia interesse por parte dos italianos em morarem próximos a outros imigrantes.

Por último, os Impostos Prediais nos revelaram que alguns indivíduos detinham muitos imóveis em seu nome, como o caso do senhor Antônio Nozílio d'Ângelo, João Daldegam, Antônio Canavese e João Canavese. Esses indivíduos italianos possuíam mais de seis imóveis nos seus nomes, levando-nos a perceber algumas possibilidades de ascensão econômica entre os imigrantes, também no setor imobiliário.

⁸²

Ver anexo VII - Pedidos e Requerimentos de Italianos e Oriundos encaminhados à Câmara Municipal.

2.3.2 Atividades comerciais

Depois de mapearmos os principais lugares onde as famílias de imigrantes italianos viviam, analisamos a inserção dos imigrantes e seus descendentes na vida econômica de São João del-Rei.

Assim como os Impostos Prediais, os Impostos sobre Indústrias e Profissões também eram publicados nos periódicos locais, não especificavam a nacionalidade dos indivíduos e as listagens encontradas não cobriram todo o nosso período de pesquisa. Mesmo assim foi possível percebermos os principais investimentos comerciais realizados pelos imigrantes e/ou descendentes.

Os impostos sobre Indústrias e Profissões, referentes ao ano de 1900⁸³, trazem apenas os nomes das pessoas que deveriam pagar a contribuição e as ruas onde estavam situados os estabelecimentos. Não constava nessa lista o tipo de comércio que estava sendo tributado. A lista apresentou um total de duzentos e oitenta quatro casas comerciais arroladas, e deste total, quarenta e três estabelecimentos pertenciam a pessoas com sobrenomes italianos, ou seja, mais de 15% dos estabelecimentos comerciais estavam ligados a indivíduos de origem italiana. As ruas que mais possuíam estabelecimentos de famílias italianas arroladas foram as ruas Paulo Freitas e Marechal Bittencourt.

No ano de 1909⁸⁴ apareceram duzentos e quarenta e sete indivíduos taxados e quarenta e oito eram pessoas com sobrenomes italianos. Já nessa listagem, ao contrário da lista referente do ano de 1909, encontramos a especificação do estabelecimento comercial. Os investimentos que envolviam as famílias de italianos eram bem variados. Encontramos mercearias, tavernas e botequins, algumas fábricas de calçados em pequena escala, fábrica de cerveja, fábrica de massas alimentícias, fábrica de cal, olarias e fornecedores de dormentes. Determinados estabelecimentos, tais como padarias, barbearias, sapatarias e alfaiatarias encontravam-se praticamente nas mãos de famílias italianas.

⁸³ Jornal O Combate, SJDR 29 de novembro de 1900, Trimestre III, nº 29.

⁸⁴ Jornal A Opinião, Órgão do Partido Republicano Mineiro, SJDR – 1º de dezembro de 1909, Ano III, nº4.

Imagem 2.3.2.1: Sapataria Italiana A Grande Perfeição



Fonte: Jornal O Resistente, março de 1898.

Imagem 2.3.2.2 – Alfaiataria de Raphael e Bellini



Fonte: Álbum de São João del-Rei, segunda década do século XX.

Imagem 2.3.2.3: Construtora de Rosino Baccarini e Marcenaria de Rafael Bini



Fonte: Álbum de São João del-Rei, segunda década do século XX.

Imagem 2.3.2.4: Padaria e Confeitaria Italiana



Fonte: Álbum de São João del-Rei, segunda década do século XX.

Em 1911 ⁸⁵, o número de estabelecimentos arrolados nas listagens de Impostos sobre Indústrias e Profissões chegou a duzentos e cinquenta e dois, sendo que 20% deste número era referente ao negócio de famílias de imigrantes italianos, porcentagem essa que estenderia até 1914 ⁸⁶. Também nessa lista percebemos que os oriundos continuam dominando o ramo de padarias, sapatarias e alfaiatarias na cidade. Tal como os resultados apresentados por Mônica Ribeiro sobre os italianos em Juiz de Fora e Eunice Durham, para a região de Descalvado em São Paulo, acreditamos que os imigrantes que se estabeleceram na região urbana de São João também já possuíam uma experiência técnica. Eles encontraram na cidade uma forma de criar um pequeno negócio expandindo-o aos poucos, seja por meio de sociedades, seja por meio do envolvimento de toda a família, aproveitando o processo de mudança social que eles próprios ajudavam a engendrar. ⁸⁷

Foi interessante observarmos, que as mercearias de propriedade das famílias imigrantes mencionadas nos impostos de todos esses anos, contavam com produtos secos e molhados e gêneros tanto nacionais quanto estrangeiros, buscando satisfazer o público de São João del-Rei e o público imigrante. Destacamos a fábrica de massas alimentícias do senhor Augusto Lovaglio e a fábrica de vinho, que existia na colônia, como sendo estabelecimentos que evidenciavam a presença e conseqüente influência italiana na cidade.

Nem todos os imigrantes e seus filhos envolveram-se em atividades voltadas ao comércio e às indústrias. Para achegarmos a esses personagens que não apareceram nos Impostos sobre Indústrias e Profissões, utilizamos os Registros de Eleitores da cidade são-joanense e analisamos as profissões de todos os indivíduos que apresentavam sobrenomes italianos que foram inscritos nessas listas.

Nos livros do Alistamento Eleitoral encontramos o nome, idade, filiação, estado, profissão, domicílio e data da qualificação do alistado. Em alguns casos o escrivão colocava a procedência nacional dos indivíduos estrangeiros. Como nem sempre o escrivão preocupava-se com esse detalhe, também com essa fonte iniciamos nossas análises a partir dos sobrenomes, que eram caracteristicamente italianos. As datas de qualificação eram bastante variadas cobrindo as décadas de 1880 e 1890.

Observando todos os registros, que constam nos livros AEL 22, 23 e 25, percebemos que a maioria das pessoas com sobrenomes italianos se declarava como sendo lavradores.

⁸⁵ Jornal O Repórter, SJDR 05 de janeiro de 1911, Ano VII, nº 185.

⁸⁶ Jornal O Repórter, SJDR – 20 de dezembro de 1913, Ano IX, nº 81.

⁸⁷ OLIVEIRA, Mônica R. de. *Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854 – 1920)*. (Dissertação de Mestrado, UFF), Niterói: 1991, p. 72. & DURHAM, Eunice Ribeiro. *Imigrantes Italianos*. In: *A Dinâmica da Cultura, ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 113.

Desses que se declaravam lavradores, a maioria era residente na região colonial e num bairro chamado Matosinhos. Dos três livros observados, mais de 55% dos imigrantes e descendentes alistados declaravam como profissão a lavoura. A porcentagem restante estava dividida entre as mais diversas profissões tais como sapateiros, negociantes, industriais, jornaleiros, barbeiros, operários, músicos e empregados da construção civil.

Entre os indivíduos alistados nas colônias, percebemos que as únicas profissões declaradas eram de lavradores, industriais e um único negociante. As demais profissões citadas eram desempenhadas pelos imigrantes, que moravam na região urbana de São João del-Rei, com destaque para o grande número de pessoas que se declarava operário. Infelizmente, é uma pena os Alistamentos Eleitorais de São João del-Rei não mencionarem a nacionalidade dos arrolados em todos os seus livros. Isso seria interessante para observarmos com mais nitidez o grau de inserção social do imigrante na comunidade aonde ele veio residir.⁸⁸

O contexto de virada do século XIX para o século XX foi acompanhado pelo crescimento industrial de São João del-Rei, que impulsionado pela chegada da Estrada de Ferro Oeste de Minas, beneficiou o comércio da cidade com o Rio de Janeiro, a Zona da Mata e todo o Oeste Mineiro pela facilidade de acesso à mão-de-obra. Assim algumas indústrias surgiram em São João, com destaque para a Companhia Industrial São-joanense.

A Cia. Industrial São-joanense foi fundada em fevereiro de 1892, para fabricar tecidos de algodão e mais tarde outros produtos têxteis. Ela teve grande relevância nesse período de industrialização da cidade de São João del-Rei. Como sua fundação encontra-se dentro do nosso período de estudo, acreditamos que muitas famílias de imigrantes fizeram parte do operariado dessa fábrica. Analisando os duzentos primeiros registros de trabalhadores da Cia. Industrial, que vão do ano de sua fundação até a década de 1949, confirmamos a hipótese de que muitos indivíduos procedentes de famílias italianas se tornaram operários.

Abaixo segue uma tabela a relação de todos esses trabalhadores oriundos:

⁸⁸ BASSANEZI, Maria S. C. B.; SCOTT, Ana S. V.; BACELLAR, Carlos A. P.; TRUZZI, Oswaldo M. S. *Roteiro de fontes sobre a imigração em São Paulo (1850 – 1950)*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

Tabela 2.3.2.1: Operários Oriundis da Cia. Têxtil São-joanense

Nº da ordem	Nome	Filiação	Nacionalidade	Lugar de Nascimento	Residência	Ocupação
5	Victoria Faccion	Antônio Faccion e Thereza Zaneth	Oriundi	SJDR	Rua Dom Silvério, nº 30	Tecelã
10	Augusto Isolani	Isolani Giovanini e Angelina Giarola	Oriundi	Colônia do Marçal	Rua do Albergue	nc
15	José Nicolau Dinalle	Antônio Dinalle e Fortunata Zaneth	Oriundi	SJDR	Alexina Pinto	Encarregado da sala de panos
18	Maria Bonicena	Antônio Bonicena e Eustáquia Guerri	Oriundi	SJDR	Travessa 24 de Fevereiro	Fiação
19	Arthur Delvecchio	Jacob Delvecchio e Maria Mighiorani	Oriundi	Poços de Caldas	Travessa Cristóvão Colombo	Mecânico
22	Romano Frigo	Isidoro Frigo e Marieti Zerlotine	Oriundi	SJDR	Rua do Albergue	Engomador de fios
25	Guarino Marchiori	Luiz Marchiori e Luiza Boniceni	Oriundi	SJDR	Rua do Albergue	Tinturaria
29	Augusto Frigo	Izidoro Frigo e Marieta Zerlotini	Oriundi	SJDR	Leite de Castro	Ferreiro
31	Luciano Fuzzati	José Fuzzati e Daniele Luiza	Italiano		12 de outubro	Secagem de Algodão
35	José Marchioni	Domingos Marchioni e Regina Marchioni	Oriundi	SJDR	Rua do Albergue	Contra mestre de tecelagem
40	Antônio Fachini	Adolfo Fachini e Percília Chitarra	Oriundi	Bom Sucesso	Rua do Albergue	Tinturaria
47	Luiz Marchioni	Antônio Marchioni e Regina Cesaretti	Italiano	Verona	Rua do Albergue	Secagem de Algodão
49	Ermelinda Tirapelle	Fernando Trapelle e Elisa Misson	Oriundi	SJDR	Rua do Recreio	Tecelã
50	Adolfo Fachini	Domingos Fachini e Maria Machini	Italiano		Rua do Albergue	Rondante

51	Judite Christovam	Pedro Christovam e Graciosa Fuzzati	Oriundi	SJDR	Rua 12 de outubro	Tecelã
52	Natalina Lombello	Leone Lombelo e Maria Lombelo	Oriundi	São Paulo	Avenida Leite de Castro	Tecelã
56	Rosa Janoni	Tomás Janoni e Maria Tubertini	Oriundi	SJDR	Rua Aureliano Pimentel	Tecelã
68	Ida Anghetti	Bruno Anghetti e Ana Anghetti	Italiana	Florença	Rua Coronel Tamarindo	Tecelã
69	Dico Cipriani	Antônio Cipriani e Regina Detome	Oriundi	SJDR	Avenida Leite de Castro	Fiação
79	José Faccion	Narciso Faccion e Thereza Rossita	Oriundi	SJDR	Avenida Leite de Castro	Ferreiro
88	Antonietta Lombello	Luiz Lombello e Genoveva Frigo	Oriundi	SJDR	Avenida Leite de Castro	Remessa
91	Izaura Delasávia	César Delasávia e Maria Boari	Oriundi	SJDR	Rua 6 de abril	Tecelã
92	Alberto Agostini	Luiz Agostini e Angelina	Oriundi	SJDR	Rua 21 de abril	Carpinteiro
97	Paulino Detomi	Antônio Detomi e Maria Cipriani	Oriundi	SJDR	Cristóvão Colombo	Ajudante de Tecelagem
98	Maria Zansavi	Alexandre Zansavi e Domingos Zansavi	Oriundi	SJDR	Rua Paulo Freitas	Tecelã
102	Genoveva Bianchini	Antônio Primo Bianchini e Marcelina Benfenati	Oriundi	Colônia do Marçal	Rua 24 de Fevereiro	Tecelã
103	Luiza Rufini de Souza	José Rufini e Inês Rufini	Oriundi	SJDR	Avenida Leite de Castro	Tecelã
104	Luiz Bandinelli	Thomáz Bandinelli e Mathilde Bandinelli	Oriundi	SJDR	Rua Aureliano Pimentel	Sala de Pano
105	José Fachini	Adolpho Fachini e Percília Fachini	Oriundi	Bom Sucesso	Rua do Albergue	Fiação
110	Carmélia Lombello	Luiz Lombello e Genoveva Frigo	Oriundi	SJDR	Avenida Leite de Castro	Urdideira
115	João Napoleão	Antônio Napoleão e Virgínia Napoleão	Oriundi	SJDR	Rua do Albergue, nº5	Fiação
120	Carlos Montonelli	Sílvio Montonelli e Marielis		SJDR	Rua 21 de Abril	Fiação

		Faccion	Oriundi			
121	Paulo Zanolla	Américo Zanolla e Alice Paiva Zanolla	Oriundi	SJDR	Avenida Leite de Castro	Fiação
124	Albertina Delassávia	Antônio Delassávia e Virgínia Giarola	Oriundi	SJDR	Rua do Albergue	Tecelã
125	Ermelinda Fuzzati	Higino Fuzzati e Amabile Fuzzati	Oriundi	Colônia José Teodoro	Rua Padre Faustino	Empreitada
126	Helena Maria Fuzzati	Higino Fuzzati e Amabile Fuzzati	Oriundi	Colônia Padre Teodoro	Rua Padre Faustino	Tecelã
127	Alzira Fuzzati	Higino Fuzzati e Amabile Fuzzati	Oriundi	Colônia José Teodoro	Rua Padre Faustino	Empreitada
128	Raimunda Delsávia Janoni	Antônio Delsávia e Virgínia Giarolla	Oriundi	Pitangui	Rua do Albergue	Tecelã
129	Rosa Detome	Antônio Detome e Maria Eirpiani	Oriundi	Colônia	Rua João Pessoa	Fiação
143	Carmelita Talim	José Talim e Adelina Talim	Oriundi	SJDR	Rua 24 de fevereiro	Tecelã
146	Orlando Izolani	João Izolani e Angelina Giarola	Oriundi	SJDR	João Pessoa	Fiação
147	Antônio Napoleão Delassávia	César Napoleão Delassávia e Maria Boari	Oriundi	SJDR	Rua do Rosário	Ajudante de Carpinteiro
148	Diomar Agabelo	Tobias Cerqueira Agabelo e Firmina Maria da Conceição	Oriundi	SJDR	Rua Padre Machado	Fiação
151	Rachel Dinale	Antônio Dinale e Fortunato Zaneth	Oriundi	SJDR	Rua 12 de Outubro	Tecelã
152	Maria F. Bandinelli	Thomaz Bandinelli e Mathilde Bandinelli	Oriundi	SJDR	Travessa Cristovão Colombo	Tecelã
153	Josephina Soltani	Marcelino Soltani e Genoveva Soltani	Oriundi	SJDR	Avenida Leite de Castro	Fiação
166	Ana Marchioni	Domingos Marchioni e Regina Marchioni	Oriundi	SJDR	Rua do Albergue	Tecelã
170	Nair Augusta Soltani	Marcelino Soltani e Genoveva Fachini	Oriundi	SJDR	Avenida Leite de Castro	Tecelã
178	Amália Beatriz Delassávio	Pedro Napoleão Delassávio e Afonsina Gonçalves	Oriundi	SJDR	Christovão Colombo	Fiação

182	Brígida Carazza	Luiz Marchioni e Luiza Marchioni	Oriundi	SJDR	Rua do Albergue	Empreitada
189	Santinha Detome	Antônio Detome e Maria Cipriani	Oriundi	Colônia do Bengo	Rua João Pessoa	Fiação
190	Lourenço Margotti	Antônio Margotti e Maria Ferreira dos Santos	Oriundi	Colônia do Marçal	Porto Real	Pedreiro
192	Hilda Delassávia Cherfên	Antônio Delassávia e Virgínia Giarola	Oriundi	Pitangui	Rua do Albergue	Fiação
193	Marinho Boscolo	João Boscolo e Astrogilda de Oliveira Boscolo	Oriundi	JF	Chagas Dória	Fiação

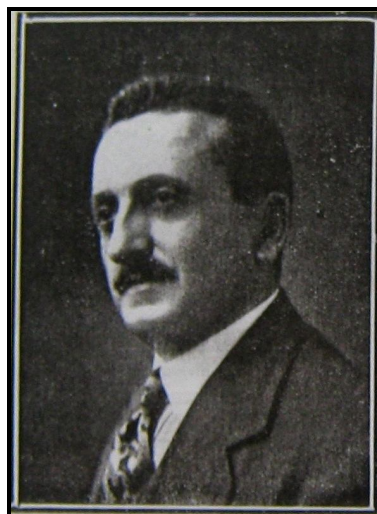
Fonte: Registro de Operários da Companhia Têxtil São-joanense, arquivo situado na própria indústria.

As fichas da Indústria Têxtil São-joanense, que foram utilizadas, são referentes a todos os duzentos primeiros operários que trabalharam nessa fábrica. Essas fichas vão além da temporalidade delimitada nesta pesquisa, estendendo-se de 1892 até a década de 1940. Nesse caso foi importante estendermos as fronteiras temporais de nossa pesquisa, para justamente percebermos a inserção social e econômica, não só dos imigrantes, mas também de seus descendentes. Das quase duzentas primeiras fichas de operários observadas, cinquenta e quatro eram de indivíduos italianos e filhos de italianos. Ou seja, quase 30% do operariado da principal indústria têxtil são-joanense era formado por indivíduos com ascendência italiana. Além disso, é importante destacar que dentre todos os oriundos que trabalhavam na fábrica, 54% eram mulheres.

Os lugares onde os operários com ascendência italiana moravam eram bem próximos à fábrica, destacando a Rua do Albergue e a Avenida Leite de Castro, onde situava a Indústria. Das ocupações mencionadas, destacam-se a fiação e a tecelagem como sendo as mais ocupadas pelos indivíduos com ascendência italiana. Analisando a coluna referente aos pais dos operários notamos que nove casais tinham mais de um filho trabalhando na Cia. Industrial São-joanense, mostrando-nos que para algumas famílias imigrantes, o trabalho na fábrica foi uma das principais formas de inserção social na cidade de São João del-Rei.

Além de todas essas profissões relatadas e dos possíveis meios de ascensão econômica, como o caso dos donos de vários imóveis etc, não podemos esquecer-nos de mencionar o bem sucedido e premiado fotógrafo, André Bello, que tinha ateliê fixo na cidade de São João del-Rei.

Imagem 2.3.2.5 – André Bello



Fonte: Álbum de São João del-Rei, 1918.

De acordo com Rúbia Lelis Ribeiro⁸⁹, André Bello nasceu no ano de 1879, na província de Salerno, na Itália, chegou ao Brasil em 1900. Escolheu São João del-Rei para fixar sua residência e ateliê. Não foi possível datar com previsão a data de sua chegada à cidade, mas as primeiras propagandas de seu ateliê podem ser observadas a partir do ano de 1906.

Imagem 2.3.2.6 – Propaganda do Ateliê de André Bello

Photographia Italo-Brasileira

DE

ANDRE' BELLO

ATELIER construido com todas as exigencias da arte photographica moderna.

Predio proprio, praa da Republica, 51 (Em frente ao quartel do 51º Batalhão de Caçadores).

GRANDE SORTIMENTO DE MOLDURAS finas, desde um mil réis até dez mil réis o metro, ultima novidade.

ESPECIALIDADE em retratos para crianças, photographias para medalhas e coloridos. Reproduções e ampliações até o tamanho natural. Recebe mensalmente lindas oleographias, payzagens e estampas de varios assumptos. Reproduções de Raphael e Miguel Angelo pelos melhores fabricantes.

CHAMA-SE a attenção para os retratos MIGNON, meio busto, por oito mil réis a duzia, de diferentes tamanhos e em cartão de relevo.

Acceptam-se encomendas de quadros

—0—0—0—0—, Cartões postaes, vista da cidade, coloridos 200 réis —0—0—0—0—

Chama-se attenção para as photographias até o tamanho natural. trabalhos garantidos.

Das 8 horas da manhã ás 5 da tarde acha-se o proprietario á disposiçáo dos seus freguezes.

"Album de S. João d'El-Rey"

Editado pelo prof. Roberto Capri e organizado pelo sr. André Bello.

TRABALHO lnuoso em superior papel glacé, formato 32x22, com paginas coloridas e 131 illustrações de vistas panoramicas, institutos, predios, praças, ruas, homens illustres e casas industrias e commerciaes.

Copiosas informações sobre esta bella e adiantada cidade do Oeste de Minas.

Todas as photographias reproduzidas em o dito Album foram executadas no atelier photographico de André Bello: exceptuadas a do predio e os componentes da Associação Commercial, no texto: e as dos annuncios: Hotel Oeste, Bazar Japonês, Baptista & Irmão, A Barateza (exterior) Barbentia Universal, Palacio de Granito, Pharmacia Central (exterior) Casa Olympio Reis (exterior), Ao Cachimbo Turco (exterior) em uma pagina inteira, Alfândega d'Oeste, (exterior).

A' venda no atelier photographico de André Bello

Pelo preço excepcional de 8\$000, inclusive um panorama geral da cidade.

S João d'El-Rey-Minas

Fonte: Jornal O Repórter, 20 de fevereiro de 1908.

André Bello fazia viagens à Europa com o intuito de aperfeiçoar suas técnicas, e segundo Rúbia Lelis, seu ateliê possuía atestados de outros ateliês em Roma, Milão e Nápoles.⁹⁰ Além de tirar as fotografias de seus clientes, André Bello também comercializava fotos panorâmicas da cidade de São João del-Rei. Essas fotografias eram produzidas por ele e ainda hoje apreciadas na cidade. Juntamente com os investimentos fotográficos, André Bello, em sociedade com a empresa Faleiro, também possuía o cinematógrafo Ítalo – Brasileiro, que no ano de 1910 contava com o seguinte anúncio no jornal, O Repórter:

⁸⁹ RIBEIRO, Rúbia Soraya Lelis. *As fotografias de André Bello (1879 – 1941): Imagens da Modernidade em São João del-Rei*. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2006.

⁹⁰ RIBEIRO, Rúbia Soraya Lelis. *As fotografias de André Bello (1879 – 1941): Imagens da Modernidade em São João del-Rei*. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2006, p. 66.

Cinema Ítalo Brasileiro

De dia para dia mais animadas e atraentes vão se tornando as inovações do Cinema Ítalo-Brasileiro, graças ao capricho e operosidade da empresa Faleiro & Cia que não regateia esforços para corresponder a confiança da sociedade são-joanense.

Rara é a noite em que não são exibidas novas e escolhidas fitas; e ultimamente, para mais agradar o público, contratou a festejada orquestra Ribeiro Bastos, para tocar em todas as noites; e esta sob proficiente regência do musicista João Pequeno tem, de fato, muito contribuído para abrilhantar as sessões executando alegres e variadas peças de seu grande repertório.

Aplausos merecem, pois, a empresa Faleiro e Cia.⁹¹

Pelos anúncios presentes nos jornais, esse cinema Ítalo Brasileiro, da empresa Faleiro em parceria com o senhor André Bello, animou inúmeras noites em São João del-Rei. Além das fitas cinematográficas, a orquestra Ribeiro Bastos também tocava em todas as noites, proporcionando aos moradores da cidade de São João, tanto os italianos, como os brasileiros, mais uma opção de lazer e divertimento.

Imagem 2.3.2.7 – Vista Panorâmica de André Bello – Início do século XX



Fonte: Arquivo de Fotos do IPHAN

Fazendo um balanço geral sobre a inserção social e econômica dos imigrantes italianos em São João del-Rei, tanto no espaço urbano quanto no espaço das colônias, notamos que as oportunidades foram variadas. Levando em consideração as profissões mencionadas nos Impostos sobre Indústrias e Profissões e nos Registros de Eleitores percebemos uma variedade de atividades econômicas que foram desenvolvidas pelos imigrantes e seus

⁹¹

Jornal O Repórter, SJDR, 21 de abril de 1910, Ano VI, Número 113.

descendentes, alguns setores da economia dominados por eles como os ramos de barbearia, alfaiataria e sapataria, por exemplo.

Outras famílias imigrantes aproveitaram as oportunidades de trabalho que eram oferecidas naquele momento aos moradores de São João del-Rei e tornaram-se parte do operariado das incipientes indústrias da cidade, como a Cia. Industrial São-joanense. Outra empresa que apareceu como grande empregadora foi a Cia. da Estrada de Ferro Oeste de Minas. Não tivemos acesso aos registros de trabalhadores dessa companhia, mas as funções vinculadas a ela sempre foram mencionadas pelos imigrantes e seus descendentes no alistamento eleitoral e entre alguns imigrantes que se envolveram em processos criminais da cidade de São João del-Rei. Dentre as profissões citadas nessas fontes, apareceram com frequência as ocupações de foguistas, maquinistas, caldeireiros, ou simplesmente empregados da Oeste de Minas.

Alguns imigrantes não estavam empregados diretamente na Estrada de Ferro, mas muitos deles prestavam serviços para essa companhia. Foi o caso das famílias imigrantes do Núcleo Colonial, que se dedicaram à extração de madeiras nas localidades próximas para abastecer com dormentes e lenha a ferrovia Oeste de Minas.

As várias fontes consultadas nos mostraram que mesmo com todas essas atividades econômicas desempenhadas pelos imigrantes em São João del-Rei, a maioria dos italianos dedicou-se à agricultura. Os 55% de indivíduos arrolados no alistamento eleitoral e que se declararam lavradores, nos fazem pensar em algumas questões. A intenção dos políticos mentores da criação do núcleo colonial em São João del-Rei era que a presença dos imigrantes ressuscitasse a atividade agrícola nos entornos da cidade. Não sabemos ao certo se os imigrantes conseguiram reascender a atividade agrária da cidade, como era esperado, pois não tivemos acesso a números que possibilitassem fazer esse balanço. Mas a porcentagem apresentada indica, que boa parte desses indivíduos envolveu-se nas atividades agrárias, utilizando os terrenos do núcleo colonial para produzirem frutas, verduras, hortaliças, flores e bordados, que eram vendidos em feiras e no Mercado Municipal da cidade.

Nossa finalidade neste capítulo foi mostrar as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, como eles driblaram esses percalços encontrados nos primeiros anos em São João del-Rei e se inseriram na vida social e econômica da cidade. No próximo capítulo, voltamos nossas análises à relação de convivência entre os imigrantes italianos e os moradores de São João del-Rei, evidenciando o processo de apropriação cultural entre um e outro. Neste capítulo fizemos uma reflexão sobre a questão das fronteiras identitárias e como o processo de apropriação cultural entre esses dois grupos redefiniu essas fronteiras.

CAPÍTULO III

OS SENTIDOS DA ITALIANIDADE EM SÃO JOÃO DEL REI – MG

Não nos satisfaz sabermos apenas quando os imigrantes italianos chegaram a São João del-Rei, os motivos que justificaram a existência das colônias naquela cidade e nem mesmo quais as principais atividades econômicas desempenhadas por esses indivíduos em terras mineiras. Além de tudo isso foi necessário compreender também as várias facetas do contato estabelecido entre os imigrantes que chegaram ao final do século XIX, com a sociedade local que os recebeu.

A relação estabelecida entre a colônia italiana e a sociedade de São João del-Rei não suscitou interesse apenas entre nós pesquisadores do assunto. No início do século XX, o romancista, Graça Aranha, preocupou-se com o futuro da cidade mineira depois da chegada dos imigrantes europeus, acreditando que a presença dos colonos ameaçaria a vida cultural da cidade. Podemos conferir a preocupação de Graça Aranha no trecho abaixo, que é um interessante diálogo entre dois personagens do romance, Canaã.

Lentz: - Ah! Não é esta a primeira vez que vem ao interior do Brasil?

Milkau: - Por este lado é a primeira vez... Antes estive de passagem em Minas Gerais, logo que cheguei ao país, levando o plano de me estabelecer ali; mas não encontrando facilidade, dirigi-me para cá.

Lentz: - Em que lugar de Minas esteve?

Milkau: - No Oeste... E foi uma grande viagem para mim. São João del Rei é uma impressão única.

Lentz: - Como? - Interrogou curioso Lentz.

Milkau: - Ali me pareceu ter penetrado no passado intacto do Brasil. Oh! Foi uma volta deliciosa aos tempos mortos hoje por toda parte e que ainda lá prolongam a sua vida... (...) Logo à primeira madrugada o meu sono de viajante fatigado foi cortado pelo repicar de sinos de muitas igrejas, o que me produziu um doce encantamento. Como a todo o homem habituado às grandes cidades modernas, a música dos sinos era-me desconhecida na força e na sonoridade que tinha naquela manhã; mas, no entanto, essa música estranha não me feria, e eu a recolhia quase em êxtase, como se fosse uma antiga e revivida sensação, pois parecia que era entendida por uma alma longínqua que se despertava dentro de mim e tomava posse do meu ser... (...)

Milkau continuava a falar da velha cidade mineira, que ele definia como um santuário. O espírito da religião ali localizado dava-lhe o caráter e a significação. Dentro do seu recinto montanhoso, irregular e feio, deparava-se de instante em instante com uma Igreja. Todas elas singelas, tristes, erguidas mais pela necessidade da devoção que pelos carinhos da arte. As casas acompanhavam esse tom severo e despretensioso e eram assinaladas por pequenas cruzes negras nas paredes desbotadas. Tudo ali tinha um aspecto sacerdotal, tudo falava de religião, igrejas freqüentadas quase todas as horas do dia, devotas procurando a solidão dos altares, as festas religiosas preocupando o povo e divertindo-o o ano inteiro. (...)

Cercada de morros a cidade era guardada ainda por Igrejas postadas nas alturas, como de atalaia. Pelas encostas das montanhas subiam os devotos em

romarias piedosas aos santos padroeiros das capelinhas humildes. Nas tardes de verão (recordava Milkau) costumava desfilar um cortejo de seminaristas em férias e, às vezes, esse cordão negro sucedia cruzar com o bando infantil e branco das colegiais dirigidas por irmãs de caridade; os dois grupos não se aproximavam e se desviavam reverentes, subindo e descendo pelos morros, sobre os quais iam descrevendo longas e marciais teorias até sumirem no horizonte. E se à hora da ave-maria um devoto retardatário passando por aquelas montanhas saudava os seminaristas em nome de cristo, os rapazes erguiam a cabeça com altivez para o céu, num relâmpago se descobriam, irrompendo-lhes do peito um grande, fervoroso grito, que a solidão da tarde no deserto tornava solene: para sempre seja louvado!

A cidade ainda falava a outras tradições do velho Brasil. Sobre o seu terreno acidentado, sulcos abertos e profundos indicavam a passagem do homem terrível que por ali desentranhou o ouro. (...)

Rematou Milkau esse quadro com algumas reflexões.

Milkau: - Dou-me por muito feliz em ter ido a tempo de ver tudo isso, porque não muito longe esse conjunto de poesia, de tradição nacional vai acabar. Na verdade, é com mágoa que sinto estar prestes o desmoronamento daquela cidade circundada de colônias estrangeiras, que cresciam lentamente até um dia a vencer e transformar sem piedade.⁹²

Começamos intencionalmente este capítulo com um trecho do diálogo entre esses dois personagens da obra *Canaã*, de Graça Aranha, publicada no ano de 1902, pois resume todos os questionamentos que serão levantados nesta parte da dissertação. O autor, que ambientalizou o romance numa colônia imigrante do Espírito Santo, traz aos leitores um diálogo riquíssimo entre dois imigrantes alemães: Milkau, personagem que acreditava num futuro melhor para a humanidade e Lentz, que embebido em teorias racistas não previa um bom futuro para o Brasil. A obra traz também um conjunto de correntes de pensamento características do final do século XIX, como as teorias raciais, já vistas em outro momento do texto e que podem ser facilmente percebidas no trecho escolhido. Além de todas essas possibilidades de análises, que a obra *Canaã* nos permitiu, o que nos interessou foi o diálogo dos personagens sobre a cidade de São João del-Rei.

O utópico personagem, Milkau, mencionou sua passagem pela cidade mineira, que coincidentemente foi nossa delimitação regional nesta pesquisa, relatando o cotidiano religioso e cultural da mesma, definindo-a como uma cidade que resguardava o *passado intacto do Brasil*. Ao final de sua exposição lamentou a existência das colônias imigrantes nos entornos da cidade. O personagem criado por Graça Aranha imaginava que a presença dos imigrantes europeus ameaçaria toda a vida cultural, que emanava da histórica São João del-Rei tendo em vista que, por serem superiores racialmente aos demais habitantes da cidade mineira, imporiam sua língua e seus costumes, *desmoronando* a vida cultural e religiosa da cidade *sem piedade*.

⁹²

ARANHA, Graça. *Canaã*. Editora Martin Claret, São Paulo: p. 31 – 34 (grifo e edição nossa).

Inspirados pela inquietação do personagem da obra *Canaã*, a proposta deste capítulo foi analisar as manifestações culturais dos indivíduos italianos em São João del-Rei e verificar como a dinâmica do contato entre italianos e brasileiros redefinia a identidade dos imigrantes conferindo diferentes sentidos à italianidade. Acreditamos que ao focarmos esses dois grupos no momento em que eles estão interagindo, criando algum vínculo, ou simplesmente desfazendo-o, ficamos mais próximos de perceber como se deu o processo de apropriação de elementos culturais entre eles. Pretendemos mostrar que as catastróficas previsões do personagem Milkau, para o futuro da cidade de São João del-Rei estavam equivocadas.

As fontes utilizadas, que possibilitaram tais discussões foram os processos criminais e os periódicos locais. Os autos criminais que envolveram em seus conflitos brasileiros e/ou imigrantes italianos revelaram não apenas os possíveis estranhamentos causados pela relação estabelecida entre ambos; por detrás de cada processo do acervo judiciário de São João del-Rei descortinava-se os espaços que proporcionavam a interação e sociabilidade entre italianos, brasileiros e os meandros dessa relação. Quanto aos periódicos, foram averiguados todos os jornais existentes dentro do nosso recorte temporal numa tentativa de garimpar as manifestações culturais da colônia italiana, tendo em vista a não existência de outra fonte que atendesse tal objetivo.

3.1 A identidade “italiana” no contexto da emigração

No início do século XIX a Itália era formada por oito estados diferentes que estavam em sua maioria, submetidos ao controle direto ou indireto da Áustria, as demais regiões tinham em seu governo reis absolutistas.⁹³ Esse era o panorama da península itálica antes de passar por seu processo de unificação ou *Resorgimento*, termo esse mais utilizado pelos historiadores italianos no início da década de 1860.

A unificação da península não foi um processo pacífico e isento de lutas; para chegar a uma Itália completamente unificada foi necessário vencer o domínio da Áustria, depor o absolutismo e unir os diversos patriotas em apoio a um pequeno estado ao norte da península, que era o estado de Piemonte Sardenha. Em outras palavras, o movimento do *Resorgimento* foi o processo em que várias lutas separatistas dentro da península itálica convergiram para tornar-se uma luta só e unificar a península sob os moldes das modernas nações européias.⁹⁴

⁹³ GOOCH, John. A Unificação da Itália. São Paulo: Editora Ática - Série Princípios – 1991.

O historiador John Gooch destacou que, as forças motivadoras para a unificação foram a busca de liberdade política dentro da Itália tanto pelos burgueses, que queriam limitar os poderes das monarquias absolutistas, quanto pelos democratas como Garibaldi, que almejavam o envolvimento do povo na política; e o desejo mútuo de diversos estados em livrar-se da dominação estrangeira austríaca ou de tronos italianos cujos príncipes eram estrangeiros. Como podemos perceber, essas forças eram diversas sendo necessária uma base ideológica aceita igualmente por todos e suficiente para unir os interesses divergentes desses homens. Nessa tentativa de encontrar uma base ideológica comum a todos, percebemos os primeiros passos para a construção de uma identidade nacional italiana. Esses passos desembocaram em caminhos diversos que iam desde a construção de um nacionalismo econômico, até a construção de um nacionalismo cultural.

Em termos econômicos, a consciência nacional começou a surgir quando a burguesia, principalmente lombarda, sentiu-se prejudicada pelas barreiras tarifárias erguidas em uma Itália dividida e também pela falta de uma rede de comunicações eficientes entre os estados, comprometendo o desenvolvimento político e econômico. Paralelamente, os grupos ativistas, principalmente os republicanos, publicavam uma imensa quantidade de livros para divulgar entre eles e os demais leitores a consciência do passado nacional italiano.

Somando-se às condições impostas pela unificação, o processo de industrialização e inserção no capitalismo foi bastante traumático, principalmente para os camponeses que não tinham condições de incorporar-se ao incipiente mercado de trabalho italiano e viam seus padrões de vida serem deteriorados pela nova ordem econômica e social. Diante disto, uma das saídas encontradas foi o abandono das terras em que esses camponeses viviam e a emigração em massa para várias regiões do mundo, dentre elas, o Brasil.

Para termos uma dimensão da emigração nessa época, entre 1846 e 1932 cerca de 11,1 milhões de indivíduos saíram da Itália e 1,5 milhão veio para o Brasil.⁹⁵ Não podemos desconsiderar que muitos deles voltaram para a Itália depois de um tempo, mas mesmo assim, a quantidade de pessoas de um único país que abandonou parte de suas vidas para tentar a

⁹⁴ Uma das incontáveis contribuições do historiador Eric Hobsbawm está relacionada ao tema da Nação e todos os seus derivados, tais como Nacionalismo, Identidade Nacional etc. Nas palavras do autor, *a característica básica da nação moderna e de tudo o que a ela está ligado é sua modernidade*. Sendo assim, o processo de unificação da península itálica na década de 1860 e posteriormente a construção de sua identidade nacional é um bom exemplo que comprova o quão moderno são estes fenômenos nacionais. Ver HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. RJ: Paz e Terra, 1990.

⁹⁵ BERTONHA, João Fábio. *A imigração italiana no Brasil*. Série “Que história é esta?”. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 21. Apud TRENTO, Ângelo. Do outro lado do Atlântico – Um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel / Instituto Italiano de Cultura, 1989, p. 34, 58 e 268 (dados reelaborados pelo autor).

sorte em outros lugares do mundo foi muito grande, justificando o interesse de vários pesquisadores em estudar esse fenômeno.

Como podemos perceber, o contexto da emigração dá-se concomitante ao processo de formação do Estado Nacional Italiano, e a criação de uma identidade nacional italiana ocorreu em consequência do processo de unificação da península. Nos dizeres do artista piemontês Massimo d'Azeglio, contemporâneo à época, *fizemos a Itália; agora precisamos fazer os italianos*.

A península itálica era formada por uma enorme quantidade de regiões com costumes, dialetos e tradições bastante diferenciados fazendo-se necessário que o Estado criasse todo um aparato simbólico para que os indivíduos abdicassem aos poucos suas manifestações aldeãs e regionalistas em prol da Nação Italiana. João Fábio Bertonha, no trabalho intitulado “Os Italianos”, ao traçar o panorama da unificação da península e as dificuldades encontradas para se formar uma identidade italiana, afirmou que,

Os camponeses e outros extratos inferiores da sociedade não apenas haviam participado relativamente pouco das lutas pela unificação do país, como não se sentiam italianos, mas toscanos, vênéticos ou sicilianos. Sua consciência de grupo não ia muito além dos limites restritos do território em que viviam, o que punha obstáculos à idéia de uma consciência nacional única, em especial na nova versão de nacionalismo que triunfava no final do século XIX e que demandava unidade lingüística e cultural. (...) Mais do que uma Itália nesse século XIX, é mais correto falar em várias Itálias, conforme as regiões e os grupos sociais.⁹⁶

A obra de Bertonha nos dá uma boa dimensão do quanto essas diferenças regionais eram grandes e constituíram num obstáculo para a formação da nacionalidade italiana. Entre a unificação da península e a primeira guerra mundial, o governo italiano viveu um esforço imenso para que, *os diferentes povos da Itália se sentissem realmente italianos*. Em outro ponto do texto, J. F. Bertonha mostra-nos que, mesmo no contexto da grande emigração, os “italianos” compartilhavam muito mais uma identidade provinciana, do que nacional;

Não espanta, assim, que boa parte das estratégias emigratórias dos italianos durante esse longo processo que foi a emigração em massa tenha se baseado em aldeias e regiões e não, necessariamente, no país Itália, o que leva muitos pesquisadores a questionarem se, mesmo depois da unificação italiana, havia de modo efetivo uma emigração de italianos propriamente ditos.⁹⁷

⁹⁶ Idem. *Os Italianos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 56.

⁹⁷ Ibidem, p. 56.

Diante dessa identidade nacional que está sendo forjada na Itália unificada, e diante da quantidade de indivíduos italianos que emigraram, cabem a nós inúmeros questionamentos sobre os sentidos da italianidade nas comunidades que receberam imigrantes. O próprio João Fábio Bertonha afirmou que, as identidades regionalistas entre imigrantes da península itálica nas comunidades que os receberam, iam se diluindo e enfraquecendo *dada a força do movimento nacionalista que emanava da própria Itália e atingia as coletividades italianas do exterior, e a formação de uma nova identidade étnica a partir da vivência dos imigrantes no novo mundo.*⁹⁸

A proposta que foi desenvolvida no restante deste capítulo pretendeu verificar como aconteceu o processo de redefinição das identidades dos imigrantes italianos que foram para São João del-Rei. Num primeiro momento tentamos recuperar a presença do nacionalismo italiano nas festividades organizadas pelos imigrantes na cidade. Num segundo momento voltamos nosso olhar para aquilo que Bertonha chamou de *formação de uma nova identidade étnica*. Enfim, tentamos resgatar os variados espaços e momentos que possibilitavam perceber a interação entre os italianos e os moradores de São João, mostrando as possíveis trocas culturais entre ambos e como a cultura de um grupo torna-se porosa depois de um tempo em contato com outro grupo.

3.2 Manifestações da identidade italiana em São João del-Rei

Ao procurarmos indícios das manifestações culturais dos imigrantes italianos na cidade de São João encontramos várias matérias publicadas nos periódicos locais. Essas matérias referem-se a algumas comemorações organizadas pelos imigrantes e estão repletas de elementos característicos do nacionalismo italiano e elementos que simbolizam suas condições como imigrantes e integrantes da colônia italiana de São João del-Rei. Mais do que isso, os colunistas que escreviam sobre essas festas resgatavam em suas matérias o quanto a população local envolvia-se nas comemorações da comunidade italiana. A seguir, citamos as principais comemorações e organizações dos imigrantes na cidade sanjoanense, que remetem à sua identidade enquanto italianos.

⁹⁸ Ibidem, p. 96.

1.2.1 Sete de setembro

O jornal de caráter republicano *A Pátria Mineira*, de doze de setembro de 1889, relatou as festividades de comemoração do aniversário da Independência do Brasil, que para nossa surpresa foram propostas pelos colonos italianos naquela ocasião.

Festas do dia 07

A colônia Italiana do núcleo estabelecido nas imediações desta cidade manifestou o propósito de vir congratular-se com os S. Joanenses e concorrer para a festa desse dia nacional que, há muito, jazia no esquecimento.

A delicadeza da iniciativa foi recebida com agrado e devidamente correspondida pelo povo.

Ao anoitecer do dia 07 as casas se iluminaram e a orquestra Ribeiro Bastos postou-se em um coreto elevado onde a Rua do Comércio cruza com a Rua Municipal.

O coreto fora vistosamente adornado e trazia erguidas as bandeiras italiana e brasileira e diversas outras bandeiras.

Às 8 horas o préstito italiano, precedido de cavaleiros vestidos como garibaldinos, partiu da rua dos Voluntários e, contornando pelas ruas da prata e S. Francisco desfilou pela rua Municipal trazendo no centro um carro alegórico puxado por três paralelas.

No interior vinha um esplêndido grupo de donzelas daquela nacionalidade, das quais uma representava a Itália, outra o Brasil, duas o comércio e a lavoura e uma menina na frente figurava a imprensa.

O carro produzia um efeito deslumbrante.

Na ponte da cadeia o préstito deteve-se ante uma fita que a atravessava segura por duas brasileiras.

Um parlamentar italiano, adiantando-se pronunciou uma alocução em sua língua, pedindo permissão para entrar naquela parte da cidade e o presidente da câmara dr. Paulo Freitas de Sá, concedeu-lha.

Por essa ocasião o vereador, tenente coronel José Juvêncio Neves, pronunciou um breve discurso encarecendo com expressões patrióticas as glórias da independência.

O préstito italiano acompanhado sempre pela Lyra S. Joanense avançou até a frente do coreto ocupado pela orquestra Ribeiro Bastos e aí ambas se revezaram na execução de diferentes hinos brasileiros e italianos.

Pronunciaram discursos neste lugar o distinto cidadão Emerenciano e o cidadão Carlos Preda, que em bom português se fez ouvir da sacada do magnífico sobrado do vice-presidente da câmara, Augusto Müller.

No percurso pelas outras ruas falou do edifício do Arauto de Minas, que estava galhardamente embandeirado o seu proprietário Severiano de Rezende e da Gazeta Mineira o dr. João Salustiano Mourão, orador de reconhecido talento e mais adiante o simpático jovem Fausto Mourão.

Todos os oradores estiveram na altura do assunto e suas saudações foram correspondidas pelo acompanhamento popular.

Continuando pela Rua Direita o préstito atravessou o largo do Rosário e terminou a festiva passeata na Rua dos Voluntários donde havia partido, orando aí o dr. Aureliano Mourão.

Por nossa vez terminamos aqui esta descolorida descrição e interpretando os sentimentos deste povo, agradecemos as honras que, por essa maneira, os filhos da Itália aqui residentes tributaram à nossa nacionalidade.

A Pátria Mineira – S. João del Rei, 12 de setembro de 1889, Ano I, nº 18. Órgão da Idéia Republicana.

Uma das primeiras manifestações culturais encontradas nos jornais foi essa comemoração da independência brasileira. Praticamente um ano depois da chegada dos primeiros italianos a São João del-Rei, eles propuseram que a cidade comemorasse a data do dia sete de setembro de 1889, aniversário da Independência do Brasil. No início da matéria o colunista menciona que fazia muito tempo que esta data não era comemorada na cidade. Ao conferirmos os noticiários dos periódicos são-joanenses referentes à semana do dia sete de setembro, cerca de dez anos antes de 1889, percebemos que essa data realmente foi muito pouco comemorada na cidade. Em 1878, o jornal *O Arauto de Minas* chegou a publicar que o sete de setembro havia passado despercebido entre os são-joanenses não havendo nenhuma festa comemorativa. Nos anos seguintes também não encontramos nada publicado a esse respeito. Somente em 1884 e 1886 é que deparamos com algumas notas nos jornais *Gazeta Mineira* e *São João D'el-Rei*. Nestes anos nota-se que a cidade comemorou o aniversário da independência, mas de acordo com as matérias publicadas nesses dois jornais, a comemoração não passou nem perto da festa preparada pela comunidade italiana anos mais tarde.

Voltando ao ano de 1889, o mais interessante é que, embora essa data seja significativa para os brasileiros, remetendo-nos ao rompimento de nossos laços políticos com a antiga metrópole portuguesa, a sua comemoração acontece diante de símbolos que têm pouco a ver com elementos do nacionalismo brasileiro. O que percebemos é a presença de elementos simbólicos do nacionalismo italiano povoando essa comemoração.

O cortejo organizado pelos imigrantes percorreu as principais ruas da cidade, e pelo que consta foi precedido por cavaleiros vestidos como garibaldinos. Giuseppe Garibaldi foi um ativista italiano que lutou juntamente com outros importantes homens para a unificação da península itálica, além de ter sido atuante em movimentos da América do Sul, destacando-se a Revolução Farroupilha. Ao vestirem-se de garibaldinos, os imigrantes estavam fazendo alusão a um personagem importante da unificação da Itália, que sem sombra de dúvidas, depois da unificação, tornou-se parte do imaginário nacional italiano. Mesmo Garibaldi tendo participado de movimentos brasileiros, ele nada tem a ver com a comemoração de nossa independência, principalmente pelo fato de ter lutado em movimentos que visavam a separação das províncias sulinas do restante do Brasil. O ato de vestir-se como o revolucionário Garibaldi aciona muito mais elementos da História recente da nação italiana do que do nacionalismo brasileiro.

Prosseguindo nossa análise do cortejo, notamos que no carro central que o acompanhava encontravam-se algumas donzelas representando a Itália, o Brasil, o comércio, a lavoura e uma menina na frente figurando a imprensa. Observamos nesse carro a evidência

de símbolos que se referem à condição desses italianos como imigrantes e um símbolo que se relaciona claramente à cidade de São João del-Rei.

Segundo o historiador cultural Roger Chartier, o conceito de representação implica a capacidade de cada grupo fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade. Ou seja, práticas de um grupo que visam a fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo e a significar simbolicamente um estatuto e uma posição.⁹⁹

Ao vestirem suas mulheres representando a lavoura e o comércio os imigrantes dão mostras de que se apropriaram de valores que atendiam muito bem as necessidades econômicas da época, que é a prosperidade da lavoura e do comércio, necessidades essas que, inclusive, justificavam a necessidade do imigrante no Brasil. Além disso, eles estavam corroborando com a idéia de que o imigrante era responsável pela modernidade e progresso do país, assunto já tratado em outro momento.

Por último, temos a jovem que representava a Imprensa. A Imprensa sempre teve um papel importantíssimo em São João del-Rei desde os tempos do Brasil colonial, contando sempre com um grande número de periódicos das mais variadas tendências políticas. Além disso, desde a chegada dos imigrantes, percebemos uma presença muito grande dos colonos nesses jornais divulgando suas festas, oferecendo jantares aos donos dos periódicos etc. Ao simbolizar a imprensa neste carro, os italianos estavam em sintonia com um bem que os são-joanenses muito prezavam, além de ser uma forma de retribuição a todo o espaço que a imprensa são-joanense proporcionava a eles nesses anos iniciais da presença imigrante na cidade. Isso é notório, visto que o prédio de dois importantes jornais foram pontos de parada para discursos naquele dia.

Ao chegarem à frente do coreto da cidade, que estava adornado com bandeiras do Brasil e da Itália, as duas principais bandas da cidade de São João del-Rei, a Lyra S. Joanense e a orquestra Ribeiro Bastos, ambas oriundas da primeira metade do século XVIII e atuantes até os dias de hoje, entoaram hinos italianos e brasileiros. É bem provável que a presença dos imigrantes italianos na cidade tenha influenciado até mesmo o repertório de suas duas principais orquestras, que acompanharam todas as festividades organizadas pelos imigrantes.

Notamos claramente que vários símbolos do recente imaginário nacional italiano estão presentes nessa cerimônia de comemoração da nossa independência. Segundo Bronislaw Baczko o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva e estão assentados

⁹⁹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 73.

nos símbolos, sendo por meio deles que os grupos sociais designam suas identidades, elaboram certa representação de si, delimitam seus territórios e as suas relações com os outros.¹⁰⁰ Diante disso, ao acionar vários símbolos do Estado Nacional Italiano, tais como as bandeiras, os hinos e a figura de Giuseppe Garibaldi, os imigrantes estão delimitando suas identidades, ou seja, aquilo que os identifica uns com os outros.

Mas eles não estão fazendo referências apenas ao nacionalismo italiano. Ao vestirem suas donzelas representando a lavoura e o comércio, os imigrantes estão munindo suas identidades – ou a italianidade, como preferir – com elementos utilizados na argumentação sobre a necessidade da presença imigrante no Brasil, que é dentre outras coisas, prosperarem a agricultura e o comércio. Em primeira mão, o que podemos garantir é que a italianidade se assenta tanto em elementos simbólicos do imaginário nacional italiano, como em elementos intrínsecos à condição destes indivíduos enquanto imigrantes.

1.2.2 As comemorações do dia vinte de setembro

O dia vinte de setembro tem todo um significado para os imigrantes italianos, pois se comemora a data em que a região do Lazio, e consequentemente Roma uniu-se à Itália. Em várias regiões do Brasil, essa data foi comemorada pelos imigrantes e em São João del-Rei não foi diferente. Entre 1889 e 1914 o dia vinte de setembro foi comemorado em vários anos, com algumas exceções.¹⁰¹ O grau de luxuosidade nas comemorações variava de acordo com as situações econômicas da época. A primeira grande festa comemorativa do dia vinte de setembro foi conjunta com a cerimônia de inauguração do estandarte da Sociedade Italiana *Figli del Lavoro* em setembro de 1892. Segue abaixo alguns trechos da matéria retirada do jornal *Gazeta Mineira* que noticiou os resultados da festança.

Unificação da Itália

A importante e próspera sociedade de mútuo socorro Figli del Lavoro, constituída nesta cidade por membros da numerosa e conceituada colônia italiana solenizou a data de 20 de setembro, tão querida para sua pátria, com festas pomposas e brilhantes.

Pela madrugada foram, no edifício da sociedade, hasteadas as bandeiras italiana e nacional, ao estrugir de foguetes e aos sons de uma banda musical, que, em seguida, percorreu as ruas da cidade.

Ao meio dia teve lugar, no teatro municipal uma solene sessão destinada à inauguração do estandarte da sociedade e à distribuição de diplomas aos sócios contribuintes e honorários.

¹⁰⁰ BASZCO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi. V. 5, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995.

¹⁰¹ Selecionamos algumas matérias que cobriram essas festividades típicas do nacionalismo italiano e disponibilizamos as mesmas ao leitor nos *Anexos III* desse trabalho.

A uma mesa, colocada no palco aberto sentava-se o Sr. João Beringhelli, presidente da sociedade, tendo a seus lados os srs. Raphael Bini e Luiz Pitta, secretários.

Dois sócios empunhavam a bandeira italiana e brasileira, um membro da Operária de Beneficência o estandarte desta sociedade e uma interessante mocinha, o que tinha para ser inaugurado e que se conservava ainda enrolado.

(...) Por este foi desfraldado e coberto de flores ao som do hino garibaldino o rico estandarte de cetim branco franjado de ouro e com bonitos desenhos algébricos.

(...) Com a distribuição dos diplomas ao som de música, terminou a solenidade numerosamente abrilhantada por sócios, por cavaleiros de todas as classes e por distintas famílias.¹⁰²

A comemoração dessa data no ano de 1895, três anos depois da notícia acima, também mostra uma festa revestida de *brilhantismo*, termo utilizado pelo redator do jornal *Tribuna Popular*.

20 de setembro

Como prevíamos as festas organizadas pelos italianos para solenizarem aquela data, correrão com todo brilhantismo.

A procissão cívica de dia e a marche aux flambeaux à noite estiveram importantíssimas.

(...) Ao romper do dia uma banda de música, à frente de grande número de ilustres representantes da colônia italiana percorreu as principais ruas da cidade fazendo ouvir os sons patrióticos dos hinos nacionais brasileiro e italiano, por entre girândolas de foguetes e aclamações.

Ao meio dia saiu o préstito da casa do cidadão José Lovaglio à rua direita trazendo erguido os pavilhões italiano e brasileiro, um rico e elegante estandarte da Sociedade Italiana Concordia Fratelanza e diversas bandeiras alegóricas e de sociedades (...).

Às duas horas da tarde, (...) falaram diversos oradores em bela e patriótica linguagem comemorativa do grande fato que os filhos da Itália, neste momento, longe da pátria, estavam festejando e lembramo-nos dos ilustrados Srs A. de Assis Silveira, orador oficial, Dr Elloy Reis, capitão Henrique de Amorim Bezerra, Alferes Praxedes, Rafael Bini, Arthur Vinha, Carmelo Barra e o secretário da comissão cujos discursos eram aclamados pelo auditório ao som de hinos italiano e brasileiro.

(...) Terminou a festa cerca das 04 horas da tarde, deixando a todos os convidados gratas recordações.

(...) Ao passar pela rua do comércio foi a multidão convidada pelo Sr. Valentim Martinelli a entrar em seu hotel, onde foi-lhe servido profuso copo de cerveja, o mesmo sucedendo em casa do sr. Coronel Arthur de Castro, a quem o povo e a colônia foram cumprimentar e agradecer as delicadas atenções que tem tido sempre para com os seus patriotas. (...) Terminamos esta notícia enviando nossa saudação e sinceros parabéns aos ilustres membros da digna colônia italiana residente nesta cidade e município.”¹⁰³

Existem nos jornais de São João del-Rei algumas outras notas sobre as festas organizadas pela colônia italiana para a comemoração do dia vinte de setembro. Esses dois trechos de matérias que transcrevemos acima foram escolhidos para mostrar ao leitor a

¹⁰²

Jornal Gazeta Mineira, SJDR 21 de setembro de 1892, Ano IX, N° 452.

¹⁰³

Jornal Tribuna Popular, SJDR, 23 de setembro de 1895.

intensidade das comemorações, que mais se assemelhavam a um feriado na cidade. Nos primeiros anos de existência da colônia, as festas iniciavam antes do amanhecer e iam até o final do dia. No caso da comemoração referente ao ano de 1892, notamos que embora a festa houvesse ocorrido no dia vinte, na região urbana de São João, no dia vinte e quatro aconteceu outra comemoração da Colônia do Marçal. Percebe-se que existia toda uma preocupação da Sociedade Italiana em comemorar datas como essa, tanto entre aqueles indivíduos que moravam na região urbana, quanto àqueles que residiam nas colônias. E mais! As matérias publicadas mencionaram a participação dos moradores de São João junto às comemorações italianas. Ao lado da bandeira italiana hasteada em todas as situações havia a bandeira brasileira, o que simbolicamente selava a participação dos brasileiros em festividades que faziam tanto sentido para os italianos.

É importante salientar que a data de comemoração da unificação italiana é um pouco contraditória. O vinte de setembro é comemorado por muitos como sendo a data da unificação da península itálica. De fato, o dia vinte de setembro remete à data em que a cidade de Roma foi tomada pelas tropas do Estado Italiano no ano de 1870. Outros consideram que o marco da unificação italiana ocorreu bem antes, no ano de 1861. Uma última vertente acredita que a unificação da península somente se concretiza depois da Primeira Guerra Mundial, com a conquista de outros territórios. Embora este assunto das comemorações de datas cívicas italianas em comunidades estrangeiras seja pouco explorado pelos estudiosos do processo migratório italiano, o que se percebe é que o dia vinte de setembro tornou-se a data nacional italiana por excelência com um apelo fortemente popular na cidade de São João del-Rei.

1.2.3 A morte do Rei Humberto I

Outro acontecimento que mobilizou a comunidade italiana e também os moradores de São João del-Rei foi a morte do Rei Humberto I. Humberto I era filho de Vitor Emanuel II e foi o segundo rei da Itália depois de sua unificação. Ele faleceu no dia vinte e nove de julho de 1900, vítima de um assassinato. No dia quinze de agosto de 1900, os imigrantes italianos em São João renderam seus préstimos pela morte do rei italiano. Segundo o jornal, *O Combate*, eles organizaram uma imponente cerimônia fúnebre, como podemos conferir nos trechos abaixo.

Humberto I

Esta cidade também rendeu seu préstimo de homenagem à memória do grande Rei Humberto I. Toda a população se associou à Colônia Italiana acompanhando-a em todas as manifestações de dor e pesar por este luctuoso acontecimento. Passamos em seguida a dar notícias destas manifestações.

As exéquias: No dia 09, tiveram na Igreja do Carmo as exéquias em homenagem ao grande morto. O templo se achava literalmente cheio de cidadãos de todas as classes sociais e famílias.

(...) A Sessão Fúnebre: Teve lugar a sessão fúnebre no Teatro Municipal, que se achava ornamentado com muitíssimo gosto e capricho. No proscênio, todo coberto de crepe erguia-se um cadafalso, onde se destacava o retrato do malogrado Monarca e sobre ele pendiam entrelaçadas as bandeiras italiana e brasileira e aos lados sarilhos de armas.

(...) Teve a palavra o orador oficial Tenente Izidoro de Figueiredo, que por espaço de uma hora, prendeu o auditório proferindo eloqüente discurso e sendo muito aplaudido.

Em seguida, do camarote destinado à Comissão da Maçonaria, composta dos membros de que já tratamos em nosso número transato, e ali presentes falou o Coronel Francisco Pinheiro exaltando as qualidades de coração do morto, e isto em nome desta grande associação.

O Dr. Balbino Cunha tomou a palavra e em eloqüente discurso verberou o atentado salientando as virtudes da casa de Sabóia.

O coronel Pinheiro, pela redação d' O Combate levou a pátria Italiana os protestos de pesar por parte da Imprensa.

O dr. Jayme de Barros, por sua vez, em palavras repassadas de magna, falou sobre o mesmo assunto.

O capitão Sinfrônio reis, representando o outro jornal local e a Sociedade Philarmônica S. joanense, preferiu também um discurso.

Pelo inteligente oficial do exército italiano Erasmi de Borgui Gustavo foi recitado um suculento discurso em língua italiana, que muito agradou aventando nele o distinto orador a idéia de ser criada uma escola com o título de Humberto Primo.

O simpático rapaz Luiz Dalle, em nome da mocidade S. Joanense dirigiu palavras de solidariedade na dor à mocidade italiana. Em seguida abundou nas mesmas considerações o inteligente jovem Américo Reis.

O mavioso poeta são-joanense Modesto Paiva recitou uma linda poesia que, distribuída pelos assistentes foi muito apreciada.

Raphael Bini, em nome da Comissão Central agradeceu a todos o seu concurso inteligente para a realização da homenagem prestada à memória do seu Rei. O Dr. Jayme de Barros, em nome do Agente Consular de Portugal, proferiu novo discurso análogo ao ato.

O Coronel Francisco Pinheiro, comissionado pelo Correspondente Consular Italiano, José d'Ângelo, agradeceu em nome do seu governo a todos quantos concorreram para a suntuosidade e magnificência das homenagens prestadas aquele que por tantos anos dirigiu os destinos de sua pátria.

E assim foi encerrada a imponente sessão fúnebre que esteve em altura com digna, sendo todos oradores muito aplaudidos (...)."¹⁰⁴

Ao lermos a matéria publicada no jornal ficamos surpresos ao vermos a dimensão da solenidade preparada diante da morte de Humberto I. Embora o luto fosse justificado pela morte de um rei italiano, o que percebemos foi o envolvimento de vários níveis da sociedade

¹⁰⁴

Jornal O Combate, SJDR, 15 de agosto de 1900, Trimestre I, Número 6 – grifo nosso. A matéria completa encontra-se nos *Anexos IV*.

são-joanense. Com certeza toda a cerimônia foi organizada pela Sociedade Italiana *Figli del Lavoro*, mas mesmo assim, boa parte da sociedade de São João del-Rei foi mobilizada. Notamos a presença da banda de música do 28º batalhão, a orquestra Lira São-joanense, representantes da imprensa, sociedade Filarmônica São-joanense, a Sociedade Portuguesa de Beneficência, Sociedade Operária Beneficente, Clube São-joanense, Escola Normal, Poder Judiciário, Guarda Nacional, Polícia e por último a Câmara Municipal. O envolvimento de São João del-Rei não se reduzia apenas às festas e demais comemorações italianas. Até mesmo em cerimônias fúnebres como essa, percebemos a participação de várias instituições e da população da cidade junto aos italianos.

1.2.4 Contribuições para a Itália

Durante o período delimitado nesta pesquisa notamos que em dois momentos a comunidade italiana se mobilizou angariando recursos para serem enviados à Itália. O primeiro deles foi depois do grande terremoto que atingiu a Sicília e a Calábria, no sul da Itália em janeiro de 1909. O jornal, *O Combate*, noticiou a celebração fúnebre pelas vítimas do desastre e em algumas edições divulgou os nomes dos imigrantes que contribuíram com dinheiro a fim de ser enviado à Itália.

“Notas: Infeliz Itália

Tiveram grande concorrência as exéquias solenes celebradas na Igreja Matriz, ontem, pelas vítimas da grande catástrofe da Sicília e Calábria que veio enlutar a alma italiana levando a consternação e a dor a todos os cantos da terra.

Tocou no ato fúnebre a orquestra Ribeiro Bastos graciosamente.

Após a missa foram feitas as encomendações próprias ante o rico e soberbo cadafalso erguido no centro da Igreja, trabalho realmente digno de elogios pelo gosto e arte que presidiram sua armação, devido à perícia do Sr. Joaquim Caldas.

Toda custosa armação foi cedida obsequiosamente pela empresa funerária Assis Pereira.”¹⁰⁵

O tesoureiro da comissão de donativos em benefício às vítimas italianas era o importante fotógrafo, André Bello, já mencionado no capítulo anterior.

“Notas: Ao Sr. André Bello, tesoureiro da comissão de donativos em benefício das vítimas da Itália, fizemos entrega da quantia de 47\$000 em dinheiro e uma lista na importância de 232\$000 para serem recebidos, produto da subscrição por nós aberta no “O Repórter”.

A disposição do mesmo senhor temos mais a quantia de cinco mil réis que nos foi ontem remetida por P. G. G.”¹⁰⁶

¹⁰⁵

Jornal O Combate, SJDR, Quinta-feira 31 de janeiro de 1909, Ano 5, Nº 09.

A lista com os nomes das pessoas que fizeram doações segue nos *Anexos V*. As doações eram bem simbólicas e não somavam altas quantias.

O segundo acontecimento que mobilizou a comunidade italiana foi a guerra entre a Itália e Turquia. Entre o ano de 1911 e 1912 o reino da Itália e o Império Otomano entraram em conflito pela posse da Líbia. Tal acontecimento fez com que a Sociedade Italiana em São João del-Rei arrecadasse fundos para enviar à Itália. Segundo alguns historiadores, esse conflito foi um importante precedente da 1ª Guerra Mundial.

Esta Diretoria aproveitando da vossa benevolência nunca desmentida e do Vosso alto cavalheirismo e caridade, pede o especial favor de publicar no conceituado “Repórter” as listas da subscrição angariada para os mortos e feridos na guerra entre a Itália e a Turquia. Com respeito e estima

O presidente
Raphael Bini

Subscrição aberta pela Sociedade Italiana de M. S. Figli Del lavoro em favor dos mortos e feridos na guerra entre a Itália e a Turquia.¹⁰⁷

Società Italiana di M.S. Figli Del Lavoro	100\$000
Raffaele Bibi	20\$000
Alessandro Shampato	10\$000
Michele Randi	10\$000
Emílio Della Croce e Figli	10\$000
Antônio Demarchi	10\$000
D' Andegam Giovanni	10\$000
D' Aldegam Luigi	10\$000
Antônio Paganin	10\$000
Carlos Pelligrenille	5\$000
Gazzi Giacomo	5\$000
Giovanni Franzoso	5\$000
Limoncini Isaías	5\$000
Antônio Noziglio	5\$000
Boari Luizi	4\$000
Zerlottini Romano	4\$000
Cesari Della Savia	3\$000
Natale Agostine	3\$000
Domenico Picorelli	3\$000
Cesare Tranquillo	3\$000
Alfredo Como	3\$000
Pietro Gazzi	2\$000
Baladini Ângelo	2\$000
Basse Giuseppe	2\$000
Lellegrinelli Giuseppe	2\$000
Albino Chitarra	2\$000
Badeschi Antônio	2\$000
Dionese Tommaso	2\$000
Napolione Della Savia	2\$000
Cesari Ruffine	2\$000
Montoli Francesco	2\$000
Mariano Ladovan	2\$000

¹⁰⁶ Jornal O Combate, SJDR, Quinta-feira 04 de fevereiro de 1909, Ano 5, Nº 10.
¹⁰⁷ Jornal o Repórter, SJDR, 14 de janeiro de 1912, Ano VIII, Número 286.

Benedetti Gaetano	2\$000
Lombello Chistoforo	2\$000
Shampato Gaetano	2\$000
Giovacchino Megale	2\$000
Umberto Benedetti	2\$000
Galvetti Luigi	2\$000
Adolpho Shampato	2\$000
Giusepe Caraza	1\$000
Giasinto Rossetti	1\$000
Augusto Bin	1\$000
Angelo Miguel Gallo	1\$000
Giovanni Canavese	1\$000
Antônio Lombello	1\$000
Girolamo Bergo	1\$000
Tubertini Adolfo	1\$000
Luigi Ziviani	1\$000
Tommaso calzavara	1\$000
Bruno Tubertini	1\$000
Roberto Gazzì	1\$000
Giuseppe Tallini	\$500
Albino Fazioni	\$500
Zanolla Giovanni	\$500
Cortese Giovanni Maria	\$500
Fazioni Francesco	\$500
Soma Total	290,500

Estas contribuições eram bem simbólicas. Só para termos uma ideia, do ano de 1909 até 1912, o valor da assinatura anual do jornal são-joanense, *O Repórter*, era de 12\$000. Nesse período era possível comprar também um par de calçados simples por 1\$000. Mesmo que a maioria das contribuições fosse simbólica é interessante percebermos como os imigrantes, depois de tantos anos longe de seu país de origem, ainda sentiam-se sensibilizados diante de catástrofes como essas que acabamos de relatar.

Ao fazermos um apanhado geral de todas as matérias publicadas nos periódicos, referentes às manifestações culturais da colônia italiana em São João del-Rei, perceberemos que elas eram mais intensas nos primeiros anos de estadia dos italianos na cidade. A própria comemoração do dia 20 de setembro era mais imponente nos últimos anos do século XIX, do que nos primeiros anos do século XX. Com o passar do tempo, os jornais não mencionavam com tanta frequência a atuação da colônia italiana na cidade.

A princípio, isso pode ser compreendido por dois fatores. O primeiro deles é que nenhum periódico em São João del-Rei existiu tempo suficiente para cobrir em suas matérias toda a trajetória da colônia italiana na cidade. Os jornais que foram surgindo no final do século XIX e início do século XX possuíam enfoques diferentes e não necessariamente tinham que valorizar as manifestações dos imigrantes e de seus filhos. O segundo fator é

referente ao processo de apropriação dos elementos culturais entre os dois diferentes grupos que estavam em cena: o imigrante que chegou e a sociedade que os recebeu.

Acreditamos que, num primeiro momento, era importante aos imigrantes manifestarem-se culturalmente numa tentativa de salientar as fronteiras que diferenciavam a sua identidade, da identidade dos são-joanenses que os receberam. Por esse motivo é que percebemos nos jornais tantas matérias referentes às manifestações de cunho identitário dos imigrantes. Com o passar dos anos e a intensificação do contato entre esses dois grupos, os sinais diacríticos foram se desfazendo e as fronteiras identitárias foram se tornando permeáveis. Os grupos envolvidos passaram então a apropriar os elementos culturais um do outro. Como os imigrantes eram minoria em relação aos moradores de São João, podemos afirmar em primeira mão que eles foram, aos poucos, sofrendo um lento processo de aculturação. Veremos isso nos próximos tópicos.

3.3 Fronteiras que se erguem...

É importante percebermos em todas as manifestações citadas acima, o quanto a identidade dos imigrantes italianos foi um processo em construção no contexto da emigração em massa. Ao chegarem aos países de destino como Estados Unidos, Argentina, Brasil etc, a identidade dos indivíduos enquanto imigrantes italianos continuou a ser negociada. Em São João del-Rei, a Sociedade Italiana *Figli del Lavoro* desempenhou um papel importante entre os imigrantes, pois através das inúmeras festas e comemorações, tais como o dia vinte de setembro, a morte do Rei Humberto, dentre outras, a Sociedade fazia com que eles não perdessem sua ligação com a Itália, alimentando as fagulhas da identidade dos mesmos enquanto italianos.

Contudo, a identidade desse grupo de imigrantes que viveu em São João não dependeu apenas da Sociedade Italiana. O contato e a convivência com os moradores da cidade foram importantes para redefinir a identidade dos indivíduos italianos, processo esse que se assemelha ao modelo de redefinição das identidades étnicas proposto pelo antropólogo norueguês Fredrik Barth.

Embora o antropólogo Barth tenha pesquisado grupos étnicos na região dos Pathans - fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão – algumas de suas respostas para entender essa região do oriente pode ajudar-nos em nossa análise do grupo italiano que viveu em São João del-Rei. Segundo suas pesquisas, não existe uma identidade intrínseca a determinado grupo, sendo, portanto, no contato com grupos diferentes que se negociam e se concedem as

identidades.¹⁰⁸ De tal modo, quando dois grupos sócio-culturais distintos estão em contato, a tendência é que as fronteiras entre um e outro se tornem mais evidentes e ambos acionem elementos culturais para se auto definir.

A manutenção de fronteiras étnicas implica também a existência de situações de contato social entre pessoas de diferentes culturas: os grupos étnicos só se mantêm como unidades significativas se acarretam diferenças marcantes no comportamento, ou seja, diferenças culturais persistentes.¹⁰⁹

Amparados nessa vertente da antropologia cultural, acreditamos que a formação da identidade dos imigrantes italianos, ou da italianidade como preferir, pode ser compreendida à luz das explicações antropológicas utilizadas por Barth para compreender os grupos étnicos. Assim, o sentir-se italiano em comunidades exteriores à Itália potencializava-se nas dinâmicas intrínsecas ao contato estabelecido com as sociedades que os acolheram, e tinha como referencial o nacionalismo italiano, garantido pela atuação do Consulado, das Escolas Italianas e também pelas Sociedades Mutuais.

A antropóloga brasileira, Manuela Carneiro, trouxe a nós importantes contribuições sobre esse tema da etnicidade ao estudar a comunidade de ex-escravos do Brasil que voltaram para a África e fundaram uma comunidade em Lagos. Segundo suas pesquisas, os libertos que conseguiam retornar às suas comunidades de origem no continente africano concebiam-se como *brasileiros*, mas pela população local eram vistos como *brancos negros*. As conclusões de Manuela Carneiro condizem com a idéia de que as questões étnicas são dinâmicas e estão imersas nas relações sociais:

O que se ganhou com os estudos da etnicidade foi a noção clara de que a identidade é construída de forma situacional e contrastiva, ou seja, que ela constituiu resposta política a uma conjuntura, resposta articulada com as outras identidades em jogo, com as quais formam um sistema. É uma estratégia de diferenças.¹¹⁰

É no momento da diáspora e conseqüentemente nas situações de intenso contato que as especificidades de um grupo étnico se sobressaem e tornam-se contrastantes, formando a fronteira étnica.¹¹¹ Enquanto os emigrantes italianos estavam na Itália, tinha significado que

¹⁰⁸ BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria, 2000.

¹⁰⁹ Idem. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. org POUTIGNAT, Philippe e STREIFF - FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo. Copyright, 1997.

¹¹⁰ CUNHA, Manoela Carneiro da. *Negros Estrangeiros. Os Escravos Libertos e sua Volta à África*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, p. 206.

¹¹¹ Idem, Etnicidade: Da Cultura Residual, mas Irredutível. In: *Antropologia do Brasi: mito, história e etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

eles fossem genoveses ou calabreses. A partir do momento que eles saíram da península, esta identidade regional não fazia tanto sentido, visto que as comunidades que os receberam no exterior os viam como sendo italianos.

Assim como as especificidades de um grupo étnico contribuem para a manutenção de fronteiras, a visão que um grupo faz a respeito de outro também contribui para a sustentação das mesmas. Segundo Phillippe Poutignat e Jocelyne Streiff Fenart,

Nas situações de dominação, a imposição de um rótulo pelo grupo dominante possui um verdadeiro poder formativo: o fato de nomear tem o poder de fazer existir na realidade uma coletividade de indivíduos a despeito do que os indivíduos assim nomeados pensam de sua pertença a uma determinada coletividade.¹¹²

Norbert Elias, em *Os estabelecidos e os Outsiders*, ao se referir a estigmatização imposta pelos estabelecidos da comunidade de Winston Parva aos recém chegados, afirmou que:

Afixar o rótulo de “valor Humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nesta situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo.¹¹³

Com todas as ressalvas possíveis ao trabalho de Elias, principalmente nas questões de disputas de poder, que não abordamos nesta análise sobre os grupos imigrantes, essa passagem citada ajuda-nos a compreender o quanto o rótulo tem o poder de estigmatizar, no caso dos outsiders de Winston Parva. Trazendo essa análise para nossa pesquisa sobre os imigrantes italianos em São João, o rótulo afixado pela sociedade aos indivíduos italianos contribui para a auto definição dos mesmos.

O fato de os brasileiros denominarem os imigrantes provenientes da península itálica como sendo italianos, desconhecendo a sua grande variação regional, foi relevante para que eles se vissem como pessoas de mesma procedência nacional. Por mais que os imigrantes de São João del-Rei fossem do norte da Itália e manifestassem alguns costumes que poderiam ser

¹¹² POUTIGNAT, Philippe e STREIFF - FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo. Copyright, 1997, 143 – 144.

¹¹³ ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 24.

regionalistas, a população local os via como italianos e considerava todas as suas manifestações como sendo italianas.

De acordo com o sociólogo Karl Monsma, que estudou os conflitos entre italianos e/ou brasileiros no interior de São Paulo *parece que o tratamento de todos como “italianos” pelos brasileiros (e por outras nacionalidades) rapidamente produziu uma redefinição da fronteira étnica mais relevante, enfraquecendo a identidade regional e fortalecendo a identidade italiana.*¹¹⁴

Outro autor que atentou-se para esse fato da identidade nacional tornar-se mais forte em país estrangeiro foi o historiador Eric Hobsbawm. Segundo ele, *os grupos de imigrantes em países estrangeiros provavelmente descobririam sentimentos nacionais, encontrassem ou não xenofobia local.*¹¹⁵

Os primeiros trabalhos que se ocuparam desse assunto da redefinição da identidade étnica no caso dos imigrantes italianos iniciaram-se nos Estados Unidos, na década de 1970, dentro das Ciências Sociais. Phillippe Poutgnat e Jocelyne Streiff – Fernet, ao fazerem menção ao trabalho do professor norte americano Humbert Nelli, que se dedicou a estudar os imigrantes italianos que foram para os Estados Unidos, afirmaram que *estudando os italianos de Chicago, Nelli concluiu, no mesmo sentido, que a identificação numa base nacional, e a consciência de grupo desta população, forjou-se na imigração para os Estados Unidos e que ela quase não existia antes que os membros destes grupos atravessassem o Atlântico.*¹¹⁶

Humbert Nelli mostra-nos que a vivência fora do lugar de origem e as semelhantes oportunidades de sobrevivência, somando-se o contato com grupos étnicos diferenciados redefiniam as identidades desses imigrantes italianos nas comunidades que os recebiam. No Brasil, essa temática inspirou alguns trabalhos nos últimos vinte anos e a maioria deles ocupou-se em estudar os grupos imigrantes que foram para São Paulo e para o Sul do país.

Ari Pedro Oro, ao fazer uma pesquisa de campo entrevistando descendentes de italianos na região de Caxias do Sul, propôs-se a entender sobre quais bases repousavam a identidade étnica dos imigrantes italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul.¹¹⁷ Segundo suas pesquisas, num primeiro momento os italianos da região estudada continuaram falando

¹¹⁴ MONSMA, Karl. *Histórias de Violência: Processos Criminais e conflitos inter-étnicos*. XXIV Encontro anual da ANPOCS, Petrópolis, RJ: 2000.

¹¹⁵ HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p.218.

¹¹⁶ POUTIGNAT, Philippe e STREIFF - FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1998, p. 79.

¹¹⁷ ORO, Ari Pedro. “Mi son talian”: *Considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos no Rio Grande do Sul*. In: BONI, Luis Alberto. *A presença italiana no Brasil*, v. III. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Tecnologia São Lourenço de Brindes: Fundacione Giovani Agnelli, 1996.

suas línguas de costume e seguindo suas respectivas tradições. Todavia, depois que o governo republicano mudou a legislação migratória implantando colônias mistas, os confrontos entre italianos e lusos brasileiros esquentaram. Nesse momento de maior contato com os brasileiros, os italianos tenderam a afirmar suas especificidades demarcando as diferenças existentes em relação aos demais grupos étnicos.

Como vimos anteriormente, o estudo dos grupos étnicos faz sentido no contexto da interação social, pois é nesse momento que a dicotomia insider/outsider, para lembrar Norbert Elias ¹¹⁸, corrobora para o surgimento das fronteiras que diferenciam os grupos de indivíduos salientando suas especificidades. Com base nisso, Ari Pedro Oro pode constatar que a língua, a culinária, a religiosidade e a dedicação ao trabalho surgiam como sinais diacríticos que podiam ser vistos nas entrevistas, e que diferenciavam os italianos em relação aos demais grupos na época pesquisada.

Tal como a língua e a música, a fé e a catolicidade, a dedicação ao trabalho e a aspiração ao progresso, individual e coletivo, também constituem-se em valores elevados à condição de símbolos demarcadores da diferença em relação aos outros grupos étnicos com os quais estão em contato, especialmente com os “brasileiros”.¹¹⁹

É interessante percebermos como a língua constituiu-se num importantíssimo sinal diferenciador; os italianos e seus descendentes da região de Caxias do Sul falavam (e em alguns lares ainda falam) o *tálian*, que é uma mistura dos dialetos Vêneto e Lombardo. Embora o Vêneto e a Lombardia fossem províncias próximas na Itália, o surgimento de uma língua entre os imigrantes que misturasse os dois dialetos mostra um pouco a diluição do regionalismo da península italiana no Brasil. Mesmo que eles falassem uma língua que não fosse a brasileira, nem a italiana oficial, o fato de misturar elementos dos dois dialetos e provavelmente abrir mão de outros, nos revelaram o quanto a interação entre esses grupos imigrantes redefiniam suas fronteiras comprovando a dinamicidade das questões étnicas.

Um trabalho também interessante realizado por José Renato de Campus Araújo foi sobre o espaço de sociabilidade e redefinição da identidade entre os imigrantes italianos que fundaram e participaram de alguma forma da Associação Desportiva do Palestra Itália, que mais tarde se transformou no atual time Palmeiras.¹²⁰ O movimento associativo italiano em

¹¹⁸ ELIAS, Norbert. Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

¹¹⁹ Ibidem, p. 620.

¹²⁰ ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e Futebol: O caso Palestra Itália*. Dissertação de Mestrado, Unicamp: 1996.

São Paulo surgiu na década de 1880, numa tentativa de proporcionar ao imigrante amparo diante de uma sociedade que não tinha nenhuma estrutura de previdência e assistência a seus cidadãos. Devido às grandes diferenças regionais entre os imigrantes, muitas associações em São Paulo representavam os mais variados grupos étnicos, ao invés de representar os imigrantes italianos com um todo.

No caso da associação desportiva do Palestra Itália, seus fundadores eram funcionários das empresas Matarazzo e tinham o objetivo de fundar uma liga desportiva que representava a parte italiana que não tinha espaço nas demais associações futebolísticas da cidade. Além disso, os imigrantes italianos que compunham os extratos médios da sociedade paulistana necessitavam de um canal para melhorar sua imagem perante a sociedade, tendo em vista que na cidade de São Paulo, os imigrantes italianos eram relacionados à pobreza, analfabetismo, falta de higiene etc. De certa forma, isso constituía-se num empecilho aos indivíduos italianos que enriqueciam e necessitavam de projeção em meio à sociedade receptora. Como afirmou Renato de Campos Araújo, *a necessidade de mudança na imagem do grupo italiano, aliada à popularização do futebol no país foram as causas da fundação do Palestra Itália*.¹²¹

A participação dos imigrantes não estava reduzida apenas ao campo; eles lotavam as arquibancadas nos dias de jogos e isso fez do Palestra Itália uma das associações paulistanas que melhor representavam os imigrantes, contribuindo para o processo de formação da italianidade junto aos indivíduos que ainda não se consideravam italianos.

O Palestra Itália, através do futebol e da competitividade esportiva com a elite paulista, fez com que os imigrantes se reconhecessem como um grupo de indivíduos com identidades comuns. Tal confronto foi fundamental, porque os diversos grupos regionais sempre foram identificados como italianos pela sociedade paulistana, tendo em comum a origem geográfica, a pobreza, a sujeira e a marginalização. Esta imagem do imigrante italiano, elaborada pela sociedade de adoção, colaborava para a inexistência de uma identidade comum no grupo, já que não se enxergava dentro do estereótipo, não se considerando integrantes deste grupo. Havia ainda o fato de não serem italianos na terra de origem, devido à recente unificação política da Itália (1870).¹²²

Outro autor que também trabalhou a questão da identidade entre os imigrantes foi Paulo Possamai, que se ocupou da comunidade imigrante e seus descendentes no Rio Grande do Sul.¹²³ No contexto da unificação da península itálica, o poder papal perdeu grande parte de sua influência perante a sociedade italiana e os conflitos entre políticos italianos e o clero

¹²¹ Ibidem, 165.

¹²² Ibidem, 168.

¹²³ POSSAMAI, Paulo. “Dall’ Itália siamo partiti” A questão da Identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.

acabaram interferindo na identificação de muitos católicos com a nação italiana. Diante disso, o clero ultramontano ¹²⁴ viu na emigração em massa uma saída para preservar os fiéis católicos do estado italiano. Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes da península itálica eram definidos pela sociedade receptora como sendo italianos.

O termo *italiano*, que na Itália podia definir o anticlericalismo, no Brasil tornou-se *símbolo identitário*, como nos mostra Paulo Possamai. A italianidade no sul do Brasil podia ser percebida pelos lusos-brasileiros e demais grupos que receberam os imigrantes, tanto nos oficiais do Estado Italiano, que eram preocupados com a questão da identidade entre os imigrantes, tão quanto nas manifestações culturais trazidas da pátria pelos imigrantes, tais como a religiosidade. ¹²⁵ A minuciosa pesquisa de Paulo Possamai vem de encontro mais uma vez à idéia de que as identidades se definem e se redefinem no seio das relações sociais.

Outro trabalho referente ao Sul do Brasil é a pesquisa desenvolvida pela historiadora Claricia Otto. Em sua obra, Claricia buscou problematizar os significados da italianidade na região do Médio Vale do Itajaí-Açu, no sul do estado de Santa Catarina através da ação da Igreja Católica entre os imigrantes e do Estado Italiano por meio das associações e escolas. ¹²⁶ Segundo Claricia a divergência na compreensão dos significados da italianidade entre elites italianas e padres italianos no sul catarinense se deu em meio a um contexto no qual o ser italiano não era algo dado, e que a *italianità* estava por ser construída.

Patrícia Gomes Furlanetto, ao trabalhar com as Associações Mutuais de imigrantes italianos em Ribeirão Preto, percebeu nas mutuais desta cidade um importante espaço para a reafirmação do sentimento de italianidade entre os imigrantes que dela faziam parte, pois colocavam em interação grupos de imigrantes de diferentes regiões e de segmentos variados da sociedade. Além disso, as Associações se utilizavam de alguns símbolos do incipiente nacionalismo italiano a fim de engendrar uma identificação nacional entre os imigrantes italianos;

Na medida do possível, os salões das sedes eram decorados com retratos, quadros e mapas da Itália, fato que engrossava o caldo cultural da criação simbólica de um passado heróico vivido na Pátria de origem, apesar da peculiaridade de conceitos como “pátria”, “nação” e “nacionalismo”, por exemplo. Assim, Giuseppe Mazzini,

¹²⁴ O Ultramontanismo foi um movimento de parte da Igreja Católica, que surgiu na contramão do movimento liberal europeu. Alguns teólogos, parte do clero e religiosos tinham como reivindicação máxima que a autoridade da Igreja em termos de disciplina e fé continuasse a ter no Papa seu expoente maior. Ver: POSSAMAI, Paulo. “Dall’ Itália siamo partiti” A questão da Identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005, p. 38.

¹²⁵ Ibidem, p. 250.

¹²⁶ OTTO, Clárcia. *Catolicidades e Italianidades: Tramas e Poder em Santa Catarina (1875 – 1930)*. Florianópolis: Insular, 2006, p.84.

Garibaldi, Vitor Emanoel e Umberto I, dentre outros personagens ilustres da História da Itália, compuseram o panteão de heróis que deram conformidade à construção da identidade nacional na terra adotiva.¹²⁷ (FURLANETTO, 2007: 158).

Tal como em São João del-Rei, Patrícia Furlanetto mostrou-nos o quanto as associações tinham um importante papel enquanto reafirmadora da identidade dos imigrantes, dando suporte na preservação e difusão das tradições e costumes italianos em Ribeirão Preto.

Um último autor que queremos mencionar, e que também trabalha com o tema da italianidade nas comunidades que receberam imigrantes é o pesquisador Didier Marquiegui, que se dedicou ao estudo da construção da italianidade em Luján, situada na província argentina de Buenos Aires, no período de 1870 a 1920.¹²⁸ Segundo Marquiegui, durante os primeiros anos da presença italiana em Luján, as sociedades e mutuais italianas originavam-se com o intuito de abarcar todos os imigrantes que chegassem à cidade. Com a intensificação do processo migratório e a conseqüente chegada de um maior número de indivíduos italianos, somada a algumas questões políticas, as associações começaram a se dividir e passaram a adotar um caráter étnico, ou seja, elas se fragmentaram para representar a diversidade regional italiana.

Todavia, mesmo com essas manifestações identitárias de cunho regional, a sociedade Lujanense reconheceu os imigrantes como sendo apenas italianos. Isto fazia com que uma pessoa se sentisse *genote, ao mesmo tempo que italiano do norte, pertencente às classes baixas ou médias, conservador ou socialista e finalmente italiano, sem que uma coisa negasse a outra*.¹²⁹ Com o passar do tempo, mais precisamente no contexto da Primeira Guerra Mundial, várias associações étnicas italianas em Luján tiveram de se fundir, devido à existência de uma italianidade entre os imigrantes, e também como uma estratégia para que estas associações evitassem a falência. Isso nos confirma mais uma vez o quanto as identidades são constantemente negociadas e acionadas de acordo com as mais diversas situações provenientes do contato social.

Diante das discussões tecidas e dos trabalhos elencados, podemos fazer algumas prévias conclusões. Tendo em vista a recente unificação da Itália, acreditamos que boa parte

¹²⁷ FURLANETTO, Patrícia Gomes. *O associativismo como estratégia de inserção social: As práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em Ribeirão Preto (1895 – 1920)*. Tese de Doutorado, USP: São Paulo, 2007, p. 158.

¹²⁸ MARQUIEGUI, Didier Norberto. *La construccion de la Italianidad em Argentina (Luján, Província de Buenos Aires, 1870 – 1920)*. Lócus: Revista de História. Juiz de Fora, v. 15, n.1 jan-jun, 2009, p. 16 e17.

¹²⁹ Ibidem, p. 16 e17.

dos indivíduos emigrou sentindo-se mais pertencentes às suas aldeias e províncias do que ao país Itália, propriamente dito. É importante que fique claro que não existe um referencial que possa medir o grau de identidade de um grupo com seu país ou sua província. O que queremos chamar a atenção é que nesse momento da emigração em massa há várias identidades sendo negociadas e ao chegarem aos países de destino, esse processo de negociação da italianidade continua.

Nessas comunidades exteriores o sentir-se italiano acontecia pela influência de várias instituições, dentre elas o Estado Italiano através dos consulados e escolas, pela influência da Igreja Católica, e também das inúmeras sociedades italianas espalhadas pelo Brasil. Cada instituição dessas que acabamos de mencionar influenciou à sua maneira o delineamento da italianidade no Brasil. Não se pode esquecer que juntamente com essas instituições, a dinâmica do contato social entre italianos e brasileiros fazia erguer fronteiras que definiam muito bem os indivíduos envolvidos, como vimos nos trabalhos da antropologia cultural.

Destarte, em São João Del Rei o sentir-se italiano teve dois suportes. O primeiro foi a atuação da Sociedade Italiana junto aos imigrantes, que sempre lembrava aos italianos e seus descendentes os costumes da pátria de origem, costumes esses muitas vezes recém forjados pelo contexto de formação do Estado Nacional Italiano. O segundo suporte foi a dinâmica do contato estabelecido com outros grupos étnicos em São João, contato esse que delimitava os grupos envolvidos. Na próxima parte do capítulo veremos como as fronteiras entre italianos e brasileiros se tornaram permeáveis com o decorrer do tempo, possibilitando a troca de elementos culturais entre os envolvidos.

3.4 ...Fronteiras que se permeabilizam

De acordo com as pesquisas do antropólogo Fredrik Barth, para que as fronteiras étnicas sejam mantidas no contexto da interação, e conseqüentemente a identidade dos grupos, é necessário a existência de mecanismos na própria sociedade que viabilizem a integração de outros povos, sem assimilá-los. No entanto, em casos nos quais determinados grupos étnicos se infiltram em outra sociedade ocupando nichos sociais disponíveis, as diferenças culturais existentes tendem a diminuir com o tempo. Segundo Barth, *na comunidade estratificada como um todo, há uma integração muito íntima e multifacetada que impulsiona essa tendência.*¹³⁰ Em outras palavras, na medida em que os italianos vão

¹³⁰ BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p. 84.

interagindo com a sociedade local e ocupando os espaços sociais que se abriam na sociedade são-joanense daquele contexto, as diferenças existentes entre ambos iam diminuindo. As fronteiras que antes definiam quem era quem na cidade tornaram-se porosas. No restante deste capítulo veremos como essas diferenças culturais entre italianos e sanjoanenses, claramente identificáveis nos primeiros anos da presença imigrante na cidade foram se diluindo com intensificação do contato entre esses dois grupos. Neste momento, a documentação criminal destaca-se como uma importante fonte para entendermos os meandros da interação entre italianos e são-joanenses.

3.4.1 Festas e jogos de azar nos dias de domingo

Cerca de 30% dos crimes analisados no acervo criminal de São João del-Rei e que envolvia imigrantes italianos no banco dos réus e/ou testemunhas, se passaram nas colônias José Theodoro, Carandaí e Marçal. Os crimes eram os mais variados possíveis e iam desde questões relacionadas ao trabalho, relações conjugais, até discussões ocasionadas pelos jogos de cartas e pelo excesso de bebidas. Quando lidos, esses conflitos revelam os espaços e meios que proporcionavam a interação tanto entre os próprios imigrantes, como entre eles e os moradores de São João.

Na tarde do domingo de vinte e nove de setembro de 1889, na colônia José Theodoro, ocorreu uma festa dos colonos. Por volta das três horas, o italiano Giuseppe Bassi entrou no restaurante de Manoel Anselmo para comprar bebidas gasosas e foi atendido por Francisco, apelidado de Chicanista. Após receber as gasosas, Giuseppe e Francisco se desentenderam quanto ao pagamento das mesmas e diante de tal desentendimento, o italiano deu duas bofetadas em Francisco e foi preso imediatamente por um advogado que lá se encontrava. Giuseppe foi julgado pelo Júri de sentença e condenado a um ano de prisão simples, multa correspondente a metade do tempo, mais as custas do processo pelo artigo 201 do código criminal.¹³¹ O réu Giuseppe Bassi era italiano de vinte e oito anos, solteiro, lavrador e alfabetizado.

As ofensas praticadas e os motivos que as ocasionaram não têm tanto a nos dizer, visto ser um tipo de desentendimento e ofensas bastante comuns em ocasiões de festas como essa. O que chamou nossa atenção ao lermos esse processo foi perceber a existência de momentos na colônia que promoviam uma maior interação social entre os imigrantes e a população local.

¹³¹ Réu Francisco (Vulgo Chicanista). Processo Criminal 57 06, Registro 1152 do Acervo Criminal de São João Del Rei.

Segundo depoimentos do advogado que efetuou a prisão de Giuseppe, ele estava no estabelecimento comercial de Manoel Anselmo juntamente com sua família para *ver a festa dos colonos*. As demais testemunhas desse processo, todas de nacionalidade brasileira, também revelaram que prestigiavam a festança dos italianos. Todos os depoimentos das testemunhas apontam essas festividades nas colônias como espaços que não estavam circunscritos apenas aos imigrantes, contando também com a participação dos são-joanenses.

Outro aspecto merecedor de atenção foi o fato de esse crime ter acontecido no dia de domingo, dia esse que se repete em vários outros conflitos ocorridos entre os italianos de São João Del Rei. De acordo com a tradição cristã, o dia de domingo é considerado o dia do Senhor e geralmente é guardado pelos cristãos como um dia de oração e descanso. Entre os italianos nas colônias, o domingo era um dia propício à realização de atividades não relacionadas ao cotidiano do trabalho na lavoura, e em sua maioria propiciava uma maior interação entre as pessoas das colônias e a própria comunidade hospedeira. Boa parte dos crimes que envolviam imigrantes aconteceu nesse dia da semana, como podemos conferir no próximo caso.

No domingo de primeiro de maio de 1892, por volta das cinco horas da tarde, no núcleo colonial denominado Carandaí estavam algumas pessoas jogando cartas, como de costume na casa do italiano Luigi Giarola. Nesse ínterim chegou Joaquim Rodrigues dos Santos, também morador na colônia e pediu para guardar um boi nas terras de Antônio Bazzi enquanto ele resolvia uns negócios. Como as terras de Antônio Bazzi tinham algumas plantações, o mesmo não autorizou o favor, temendo que o gado danificasse sua roça. Tal fato provocou a discussão de ambos resultando nas ofensas físicas praticadas em Antônio Bazzi por Joaquim Rodrigues. Como o dono do estabelecimento, Luigi Giarola, era o próprio inspetor de quarteirão da localidade, ele mesmo levou o réu para a delegacia de polícia. O crime foi julgado pelo tribunal correccional da cidade e o réu foi absolvido.¹³² Antônio Bazzi era italiano natural de Lignago, província de Verona, quarenta anos e lavrador.

Os jogos de cartas eram práticas muito comuns entre esses indivíduos e várias vezes vimos menção a eles nos autos criminais, sendo realizado nos dias festivos, ou como um simples costume praticado entre a vizinhança nas tardes de domingo. No relato de algumas testemunhas que presenciaram as ofensas praticadas contra Antônio Bazzi, eles se referiram aos jogos como um *costume* na casa do italiano Luigi Giarola.

¹³² Réu Joaquim Rodrigues dos Santos. Processo Criminal 61 02, Registro 850 do Acervo Criminal de São João Del Rei.

Outro ponto merecedor de nossa atenção é que a prisão de Joaquim Rodrigues foi realizada por Luigi Giarola, que era Inspetor de Quarteirão naquelas redondezas. Os inspetores de quarteirão naquela época eram homens selecionados entre a população e tinham seus nomes aprovados pela Câmara Municipal; tinham de ter mais de vinte e um anos, saber ler, escrever e gozar de boa reputação nos seus quarteirões.¹³³ Sua atribuição era zelar pela paz no seu quarteirão tendo até mesmo autoridade para efetuar prisões em flagrante, como foi o caso da prisão de Joaquim Rodrigues.

Dessa forma, o sossego em parte da Colônia do Carandaí era prezado por um próprio colono italiano. Não que isto fosse a regra. Em outras colônias da cidade notamos a presença de inspetores de quarteirão brasileiros fazendo a guarda das colônias imigrantes; mas foi interessante notar que um italiano se manifestasse para tal ocupação, visto ser ela uma tarefa que dava certa reputação entre a vizinhança, além de colocá-lo em maior contato com membros da justiça municipal. Tal disponibilidade em ser inspetor pode ser entendida também como uma maneira de resguardar os valores dos imigrantes, visto que os inspetores eram a primeira instância do policiamento em cada aglomerado urbano.

Como podemos perceber nesses dois crimes escolhidos, consta nas colônias a existência de ambientes, sejam esses comerciais ou não, que promoviam a sociabilidade tanto entre os colonos, quanto entre brasileiros. Em casos como esse que acabamos de relatar, os envolvidos foram retratados como homens bons e trabalhadores e as fagulhas de discussão que levavam às vias de fato foram, em sua maioria, relacionadas a ofensas verbais e questões pertinentes ao ambiente de trabalho, tendo como pano de fundo para o desenrolar do conflito o uso de bebidas alcoólicas e os já citados jogos de cartas. A seguir veremos as dimensões do contato entre italianos e brasileiros na região urbana de São João del-Rei.

3.4.2 As ruas e os botequins

Como nos lembra Maria Alexandre Lousada, a rua é o espaço público por excelência.¹³⁴ Ela é o lugar dos passeios e das passagens, dos encontros e desencontros entre os diversos grupos sociais que compõem o cenário urbano de muitas cidades pelo mundo

¹³³ SILVA, Wellington Barbosa da. “Uma autoridade na porta das casas”: Os inspetores de quarteirão e o policiamento no Recife do século XIX (1830-1850). *SAECULUM Revista de História* [17]; João Pessoa, julho/dez de 2007.

¹³⁴ LOUSADA, Maria Alexandre. *Espaços de sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1995. Dissertação de Doutorado.

afora. Sendo a rua o espaço público por excelência, ela é também o principal espaço gerador de sociabilidade.

Além da rua, não podemos nos esquecer dos inúmeros estabelecimentos comerciais como botequins, padarias e armarinhos, que compunham o cenário comercial de várias cidades nesse contexto de virada do século XIX para o século XX. Esses espaços públicos comerciais formam um quadro de interação social escolhido livremente e como consequência, gerador de sociabilidade entre aqueles que o freqüentam.

Tanto a rua como os estabelecimentos comerciais foram ambientes onde desenrolaram conflitos dos mais variados motivos, que vão desde injúrias motivadas pelo excesso de bebidas alcoólicas, como os amores prometidos e não correspondidos que acabavam nas delegacias. Ao serem analisados, esses conflitos revelaram-nos os meandros da interação social entre os imigrantes e a população local em São João del-Rei, como podemos ver nos dois crimes escolhidos e que se encontram relatados abaixo.

No domingo do dia quatorze de agosto de 1898, por volta das duas horas da tarde Soltani Agostini entrou no estabelecimento de Germano Fabri, situado na Rua do Canal em São João del-Rei e lá encontrou apenas a mulher do proprietário. Ao ver Soltani Agostini, a mulher de Germano cobrou-lhe uma quantia que ele devia ao seu marido. Soltani ficou bastante infeliz com a cobrança recebida e disse palavras injuriosas para a esposa de Germano, não se lembrando de nada devido ao seu lamentável estado de embriaguez. Germano Fabri, que escutou as injúrias contra sua esposa deu em Soltani umas pancadas na cabeça prostrando-o ao chão. A denúncia apresentada pelo ofendido foi considerada improcedente pelo Juiz de Direito.¹³⁵ Germano Fabri, dono do estabelecimento era italiano, de trinta e oito anos, oficial de sapateiro e casado. O ofendido Soltani Agostini era italiano natural de Veneza, quarenta anos, casado e lavrador. Dentre as cinco testemunhas que depuseram, apenas uma era de nacionalidade italiana. Duas delas, de origem brasileira estavam no estabelecimento para comprar pães. Outras estavam jogando bolas do lado de fora do estabelecimento e quando ouviram a alteração entraram e viram o denunciado tentando colocar Soltani na rua.

Na quinta-feira do dia 26 de janeiro de 1899, por volta das nove horas da noite, apareceram ao negócio de Antônio Pontuggi o italiano Paschoal Plastini e o brasileiro Sotero Carolino de Oliveira e puseram-se a beber aguardente. Depois de beber começaram a brincar um com outro e Sotero deu um empurrão em Paschoal. Este se exacerbou com a atitude de

¹³⁵

Réu Germano Fabri. Processo Criminal 86-01, Registro 1243 do Acervo Criminal de São João del-Rei.

Sotero e investiu para cima dele com um pau. O italiano dono do estabelecimento se opôs às ofensas e expulsou os envolvidos. Ao chegarem à rua, Paschoal munuiu-se de uma faca, e deu em Sotero diversas facadas que ocasionou sua morte poucos dias depois.¹³⁶

Paschoal Plastini era natural de Luzzi, província de Cocenza, tinha quarenta anos de idade era sapateiro e solteiro. Segunda as testemunhas do crime, que com exceção do dono do estabelecimento eram todas de nacionalidade brasileira, o ofendido era homem morigerado, trabalhador e bom pai de família, nada sabendo a respeito da conduta do réu.

Nesses dois conflitos mencionados encontramos bons indícios para pensarmos sobre os espaços de interação social entre os imigrantes e a comunidade hospedeira na região urbana, e os elementos que corroboravam para a redefinição da identidade dos italianos. Embora a documentação analisada nesta parte do capítulo seja especializada em mostrar conflitos, as informações aqui construídas sobre a comunidade italiana não foram baseadas apenas em indivíduos criminosos. As sinuosidades de cada processo nos colocam diante de informações preciosas sobre o cotidiano destes indivíduos, as pessoas com as quais eles se relacionavam e as distintas percepções que a comunidade local tinha a seu respeito.

Os dois crimes relatados se passaram em estabelecimentos comerciais e apresentam entre si alguns aspectos dignos de comentários. O primeiro deles é o fato de terem como proprietários indivíduos de nacionalidade italiana. Percebemos que foi grande a ocorrência de comércios abertos por imigrantes italianos nas mais diversas regiões que os receberam pelo Brasil afora. Ao abrirem um comércio os imigrantes italianos alargavam a margem de interação entre eles e a comunidade local, fazendo com que as incipientes fronteiras estabelecidas entre os *insiders* e os *outsiders* se tornassem fluidas.¹³⁷

Segundo Flávia Arlanch de Oliveira, que estudou a inserção social dos imigrantes italianos no meio urbano de Jaú, interior de São Paulo, os italianos donos de estabelecimentos tinham por meio do comércio uma maneira de oferecer aos seus patrícios a venda de produtos que eram típicos de suas terras. No caso de Minas Gerais, em que a presença imigrante não era tão numerosa e concentrada como em São Paulo e no Sul do Brasil, as vendas pertencentes a imigrantes tinham de contar também com produtos que atendessem à sociedade local, que era a maioria entre os habitantes e a maior consumidora dos bens oferecidos nestes estabelecimentos. Os Impostos sobre Indústrias e Profissões de São João, ao descrever o tipo de estabelecimento a ser cobrado nos mostram que os estabelecimentos pertencentes a

¹³⁶ Réu Paschoal Plastini. Processo Criminal 74-02, Registro 996 do Acervo Criminal de São João del-Rei.

¹³⁷ ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

italianos e que vendiam gêneros alimentícios secos e molhados possuíam tanto produtos estrangeiros, como produtos nacionais. Isso mais uma vez é confirmado nos processos criminais quando percebemos o uso da aguardente, bebida tipicamente brasileira, entre os imigrantes que se envolviam em conflitos nos estabelecimentos comerciais da cidade.

Flávia Arlanch, ao mencionar as mudanças dos padrões alimentares dos imigrantes e da sociedade de Jaú, citou a incorporação da aguardente entre os imigrantes ocupando o lugar que antes era destinado ao vinho. Isto não significa que o vinho fora substituído por completo das mesas italianas.¹³⁸ O fato de o vinho ser mais caro e a aguardente mais acessível fez com que o consumo da cachaça entre os imigrantes aumentasse consideravelmente. Nos crimes em estabelecimentos comerciais relatados, até mesmo naqueles que se passaram nas colônias percebemos que o uso da cachaça entre imigrantes era bastante difundido e vários deles foram cometidos no auge da embriaguez proveniente do uso exagerado dessa bebida.

O consumo do pão entre os brasileiros também foi uma prova de que os padrões alimentares da comunidade que os recebeu também mudavam em decorrência do contato com um grupo cultural distinto. Só pela leitura dos processos criminais, percebemos o uso do pão e disseminação de várias padarias e confeitarias tendo como proprietários imigrantes italianos. Quando não encontramos padarias propriamente ditas, encontramos o pão sendo vendido em outros estabelecimentos comerciais, como no primeiro caso analisado neste tópico, no qual as testemunhas que presenciaram as ofensas praticadas por Germano Fabri estavam em seu estabelecimento para comprar pães e eram todas elas brasileiras. Maria Izilda Santos de Matos confirma-nos esse dado ao atribuir aos imigrantes a responsabilidade pela expansão da panificação em São Paulo, que por meio de uma produção artesanal e familiar conquistou a mesa da sociedade paulista fazendo crescer o setor.¹³⁹

Um último conflito que gostaríamos de comentar ocorreu no último dia de carnaval e envolveu uma família de italianos e brasileiros. Na noite de vinte e oito de fevereiro de 1906, na Rua Tiradentes, em São João del-Rei estavam vários vizinhos a jogar entrudo, visto ser o último dia do carnaval, quando Theodora Maria teve as janelas de sua casa atingidas por duas pedradas. As suspeitas de tal ato caíram contra a italiana Maria Avenare que estava na rua participando das brincadeiras e não gostou quando foi molhada por Theodora Maria. Diante dos danos causados em sua casa, Theodora moveu uma queixa contra Maria Avenare, mas a

¹³⁸ OLIVEIRA, Flávia Martins Arlanch de. *Impasses no Novo Mundo: Imigrantes Italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914)*. São Paulo: Editora Unesp: 2008 p.189.

¹³⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Portugueses e experiências políticas: a luta e o pão (1870 – 1945)*. São Paulo: 2009.

denúncia foi julgada improcedente pelo juiz de direito por falta de provas que incriminassem a ré.

O entrudo é uma manifestação cultural tipicamente brasileira bastante apreciada desde os tempos do Brasil Colonial. Nos três dias anteriores à quarta-feira de cinzas, que marca o início da quaresma para os cristãos, as pessoas saíam para as ruas brincando umas com as outras de jogar água pura ou água com cheiros variados. Segundo consta, a brincadeira do entrudo é a precursora do carnaval, que anos mais tarde seria consagrado como parte da cultura brasileira. No conflito que acabamos de relatar, a vizinhança da Rua Tiradentes estava brincando o carnaval, e junto da brincadeira também participava uma família de italianos. As pedradas na casa de Theodora Maria teriam sido atribuídas à italiana Maria Avenare, mas como nada ficou provado, a denúncia foi julgada improcedente.

A situação de brincadeira que precede o conflito fez pensar o quanto as trocas culturais entre imigrantes e sociedade acolhedora não ficavam restritas apenas aos hábitos alimentares. Percebemos a presença de imigrantes juntamente com brasileiros brincando o carnaval e tomando aguardente. Ao mesmo tempo, em outros momentos do texto, notamos a presença de brasileiros em meio às festas e comemorações preparadas pela comunidade italiana. Assim, tanto as festas das colônias, quanto as ruas e botequins de São João del-Rei, e até mesmo os dias de domingo, constituíam-se situações e espaços que propiciavam a troca de práticas culturais entre esses grupos, que iam desde a mudança em certos hábitos alimentares, até a incorporação de elementos culturais imateriais, como brincar o carnaval.

Numa passagem já citada, no qual fazíamos referência à antropologia cultural de viés barthiano, nós mostramos que, quando um grupo étnico se infiltra numa rede de nichos disponíveis de outro grupo, as diferenças culturais entre eles tendem a se reduzir com o tempo. Na medida em que os italianos foram adentrando na sociedade acolhedora e ocupando lugares e cargos como donos de comércio, operários, inspetores de quarteirão etc, as diferenças culturais entre eles e os brasileiros diminuíram com o passar do tempo, e isso mais uma vez redefiniu suas identidades. Novamente fica claro e evidente o quanto a italianidade é um processo inacabado e que se moldou também pelas circunstâncias da interação social.

Num primeiro momento a italianidade em São João del-Rei esteve assentada em símbolos do nacionalismo italiano, que a Sociedade *Figli del Lavoro* fazia tanta questão de prezar. Nota-se isso nas comemorações do dia vinte de setembro, na cerimônia fúnebre pela morte do rei Umberto I, na comemoração do descobrimento da América e consequentemente a figura do italiano Christovão Colombo etc. Com o tempo, esses símbolos continuam

fazendo sentido entre os imigrantes, mas parte de sua cultura começa a ser notada entre os moradores de São João e parte da cultura dos moradores da cidade foi então encontrada entre os imigrantes, redesenhando os limites de suas identidades.

Hoje, ao olharmos as manifestações culturais da cidade de São João del-Rei vemos que ainda resta muito daquilo que impressionou o personagem Milkau de Graça Aranha. A religiosidade continua sendo um elemento importante na cultura do são-joanense, os sinos continuam a repicar marcando as horas da cidade e as Igrejas continuam imponentes nas ruas e vielas que um dia foi cenário da extração do ouro. Já as manifestações de caráter italiano, como a comemoração do dia vinte de setembro, por exemplo, não existem mais. Embora falte trabalhos que visem resgatar a dimensão da memória italiana na cidade, os poucos resquícios da presença italiana que ainda encontramos em São João del-Rei se reduzem aos sobrenomes de boa parte das famílias da cidade e aos nomes de algumas ruas, situadas principalmente nos entornos das antigas colônias.

A explicação que conseguimos dar a essa atual situação é a seguinte: como o grupo italiano que chegou em dezembro de 1888 era minoria, quando comparado ao restante da população de São João del-Rei e não foi renovado com a introdução de novos imigrantes ao longo dos anos, as manifestações culturais desses indivíduos foram acabando. Na medida em que os italianos e seus descendentes foram ocupando os nichos sociais disponíveis e alargando as margens de interação social com a sociedade hospedeira das mais diversas formas, parte de seus costumes foram se perdendo diante da incorporação de novos hábitos. Além disso, o grupo de imigrantes encontrou em São João del-Rei uma cidade toda estruturada em termos políticos, econômicos, religiosos e de fácil acesso por meio de estradas e da ferrovia. Isso não foi possível, por exemplo, nas regiões ao sul do Brasil, no qual os italianos e alemães tiveram de fundar e povoar comunidades inteiras, dando origem, posteriormente, a boa parte das cidades nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Enfim, o que podemos afirmar é que o *conjunto de poesia e tradição* visto em São João del-Rei pelo personagem do romance, Canaã, continua encantando quem passa pela cidade. Os colonos estrangeiros não ruíram os costumes da histórica cidade. Falando nisso, é interessante ressaltar como o escritor modernista, Graça Aranha, foi uma das primeiras pessoas de renome nacional a mencionar o valor cultural da cidade de São João del-Rei para o restante do Brasil. Mas isso é assunto para outra discussão!

CONCLUSÃO

“... a imigração é um “fato social completo”, única característica, aliás, em que há concordância na comunidade científica. E, a este título, todo o itinerário do imigrante é, pode se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas, história, geografia, demografia, economia, direito sociologia, psicologia e psicologia social e até mesmo das ciências cognitivas, antropologia em suas diversas formas (social, cultural, política, econômica, jurídica etc.), lingüística e sociolingüística, ciência política etc”.¹⁴⁰

Para o sociólogo Abdelmalek Sayad a Imigração é um fato social completo. A trajetória do indivíduo desde o momento em que ele decide sair do seu país, até chegar e se estabelecer em outro lugar oferece um ponto de encontro que contempla as pesquisas de diversas áreas sendo uma fonte inesgotável de estudos.

No que se refere à ciência histórica há uma infinidade de maneiras de se abordar este tema, seja do ponto de vista da História Política, Econômica ou Cultural, conjugadas com variantes tais como escalas de observação, delimitações temporais e espaciais etc. O que buscamos com este trabalho foi um estudo do grupo de imigrantes italianos que viveu em São João del-Rei entre 1888 e 1914, numa tentativa de perceber as justificativas políticas locais para atrair mão-de-obra estrangeira, a posterior inserção econômica dos imigrantes na cidade e os meandros da interação social e cultural entre italianos e são-joanenses.

A inserção de Minas Gerais às políticas imigratórias do império brasileiro aconteceu tardiamente, quando comparada às demais províncias brasileiras, como São Paulo, por exemplo. O fato de a província mineira contar com o maior plantel de escravos durante o século XIX, amenizou de certa forma, os impactos do fim do tráfico de escravos. Além disso, no contexto de substituição da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra assalariada, Minas contou sistematicamente com o braço nacional.

As questões referentes à necessidade de mão-de-obra não foram as únicas razões determinantes para que a província aderisse às políticas para atrair imigrantes. De fato, a leitura de periódicos contemporâneos ao período e dos Relatórios Provinciais apontaram que o povoamento de regiões desabitadas, somado a uma mentalidade racista que via no homem

¹⁴⁰ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 14.

branco europeu o portador “genético” do progresso e da modernidade, foi de suma importância para que a província investisse na presença estrangeira no ano de 1888.

A chegada dos primeiros italianos em São João del-Rei se deu nesse específico contexto. A cidade, que anteriormente fora palco de intensas atividades mineratórias, e posteriormente foi uma das mais influentes cidades das Minas Gerais, devido à magnitude da economia agro-pastoril e importância política, organizou-se de tal forma, que no final do ano de 1888, recebeu centenas de imigrantes italianos. As principais justificativas desses indivíduos em São João estão ligadas à já mencionada mentalidade da época, que via nos imigrantes a cura do atraso da nação. Esperava-se que a presença desses indivíduos reascendesse o comércio e o prestígio de São João del-Rei junto às demais cidades mineiras.

O fato é que a cidade organizou-se mal para receber os imigrantes, principalmente no período de fixação das famílias nos núcleos coloniais. Houve surto de varíola na hospedaria e atraso na construção das casas nas colônias. Enfim, os primeiros meses e os primeiros anos de vida dos imigrantes em São João foram incontestavelmente difíceis. Como se não bastasse, a região onde estava situada a colônia dos imigrantes foi na década de 1890, pleiteada para ser o local da construção da nova capital mineira.

Diante de tamanhas dificuldades muitas famílias foram viver na região urbana da cidade. As várias fontes consultadas revelaram que as principais atividades econômicas desenvolvidas por essas famílias estavam ligadas ao ramo da sapataria, alfaiataria e barbearia; ou seja, atividades que provavelmente eram realizadas por esses imigrantes na Itália. Consta ainda um grande número de indivíduos que eram proprietários de pequenos estabelecimentos comerciais que vendiam secos, molhados, nacionais e estrangeiros. A Indústria de Tecidos São-joanense também desempenhou importante papel empregatício, visto que muitas famílias imigrantes trabalhavam na fábrica como operários. As residências dos imigrantes na região urbana concentravam-se bem próximas uma das outras, com destaque para as Ruas Cristovão Colombo, Paulo Freitas e Avenida Leite de Castro.

Entre aqueles que permaneceram nas colônias, a lavoura foi a atividade econômica que mais absorveu imigrantes. Em termos de agricultura, as frutas e hortaliças produzidas eram vendidas no mercado municipal de São João del-Rei, construído para escoar a produção do núcleo colonial.

Além dessas questões políticas que estão por detrás da chegada dos imigrantes a São João e da inserção econômica desses indivíduos na cidade, a presente dissertação buscou também entender a inserção cultural dos italianos na cidade mineira. Consideramos que ao desembarcar em nosso país e se estabelecer nas mais diversas regiões, os imigrantes não

traziam apenas suas malas com os poucos pertences que podiam carregar; traziam também uma bagagem cultural. Quando eles se estabeleciam nas fazendas e indústrias pelo interior do Brasil, antes de serem “mão-de-obra”, esses imigrantes eram mais do que nunca, homens, envolvidos pelas recordações de sua origem, os valores de sua gente, a saudade dos que ficaram, o medo de adentrar no desconhecido, sem esquecer do jeito de falar, comer e vestir. No seio do convívio social, tudo isso foi colocado em negociação e as relações estabelecidas com a sociedade hospedaria foram aos poucos redesenhando a identidade dos indivíduos envolvidos.

Por falar em identidade, a península itálica no contexto da emigração em massa era recém unificada e o processo de construção da identidade nacional italiana estava ainda a todo vapor. Muitos imigrantes, ao partirem de suas terras tinham o sentimento de pertença dividido entre suas aldeias de nascimento e o recém nascido país italiano. Ao fixarem-se fora da Itália, esse sentimento de pertença continuou se redefinindo, e a experiência comum que passaram enquanto emigrantes contribuiu para este processo de sentir-se italiano.

Em São João del-Rei, o sentir-se italiano foi-se redesenhando com pincéis coloridos e diversos. A comunidade italiana fazia questão de comemorar datas e acontecimentos tipicamente italianos como o vinte de setembro, a morte do Rei Humberto, e as campanhas angariando recursos para enviar à Itália, diante de catástrofes e guerras. Foram muitos os momentos nos quais essa comunidade teve a oportunidade de erguer a bandeira tricolor e assim recordar a aldeia de onde saiu e o país que deixou.

Mas ao lado da bandeira italiana, percebemos que a bandeira brasileira fazia constante presença em todas as festividades da comunidade imigrante, sinalizando que o sentir-se italiano em terras estrangeiras se sustentava de maneira diferente do sentir-se italiano na Itália. Percebemos que a redefinição da identidade dos imigrantes passava pela dinâmica do contato, ou seja, elementos típicos da nossa sociedade eram colocados em negociação nesse processo de redefinição da italianidade. A relação estabelecida e a posterior ocupação de nichos sociais típicos da sociedade acolhedora favoreciam a troca de elementos culturais entre esses grupos. Aos poucos os são-joanenses tomaram gosto pelo macarrão e o pão de trigo, além de participarem de todas as comemorações da comunidade italiana, mencionadas. Já os italianos adotaram a cachaça, se renderam às músicas das orquestras Lyra São-joanense e Ribeiro Bastos, celebraram sua religiosidade junto às tradições religiosas mineiras e brincaram o carnaval.

Enfim, aquilo que os historiadores definem como italianidade não foi um processo de via única; o sentir-se *italiano* não se deu da mesma maneira em todas as regiões que

receberam imigrantes. Como expressou Possamai, *mais do que falar em italianidade, devemos num primeiro momento falar em italianidades, que reuniam diversas formas de se tentar manter os costumes da pátria de origem.*¹⁴¹

¹⁴¹ POSSAMAI, op. cit., p. 253.

ANEXOS

Anexo I

1.1 - Ofício enviado pelo Sr. Ministro da Agricultura ao Inspetor de Terras e Colonização sobre a visita do Presidente da Província ao Núcleo Colonial:

“Aprovo as medidas que Vossa Senhoria adotou, exaradas no documento que acompanhou o seu ofício de 6 do corrente para a manutenção do núcleo colonial de São João del Rei.

Reiterando as recomendações que fiz no aviso de 30 de abril próximo findo, espero que não se reproduzam os abusos que têm até hoje perturbado a prosperidade daquele núcleo, ativando a nova administração a tomada de contas aos verdadeiros responsáveis, a fim de evitar prejuízos à fazenda pública.

Na disposição para o trabalho em que essa inspetoria encontrou os imigrantes ali estabelecidos, não basta prover sobre a alimentação e pagamento de salários, até que eles possam criar, pelo aproveitamento das terras e pelos resultados de cultura, um regime de economia rural independente. É preciso nesta primeira fase que eles sejam bem encaminhados no trabalho agrícola para a cultura que o solo indicar.

Além do que for necessário para o consumo dos colonos, devem eles ser aconselhados a preferir uma lavoura, cujos produtos encontrem pronta saída, tirando imediato proveito da facilidade dos transportes, tais como oferecem a estrada de ferro do Oeste e a D. Pedro II, e da proximidade dos grandes centros de comércio.

A administração deve considerar este ponto de muita influência para o futuro e vitalidade do núcleo, distribuindo sementes de plantas industriais e alimentícias que possam dar os resultados previstos, e regulando-se pelas experiências que forem coroadas de êxito conforme as propriedades das diversas zonas em que estiver dividido o terreno do núcleo. É preciso concentrar todos os esforços na conclusão das casas para os colonos, aproveitando o trabalho dos mesmos na fabricação de telhas, tijolos e preparo de madeira, indústria a que os imigrantes situados no território do Marçal já se entregam como atividade, segundo V.S. informa.

Tratando do emprego de madeiras tiradas no próprio território da colônia, convém exercer severa fiscalização para que não sejam devastadas as matas. O corte de madeiras

para exportação e lenha, pelo lucro que oferece, pode influir para que continuem os lotes incultos, preferindo os imigrantes o trabalho mais fácil e mais prontamente remunerado”.

Fonte: Jornal A Verdade Política, 26 de maio de 1889, ano I, nº 29 (grifo nosso).

Anexo II

Sociedade Italiana Figli del Lavoro

2.1 – Convite para a primeira reunião:

A Colônia Italiana convida a todos os italianos residentes nesta cidade e subúrbios para uma reunião que os abaixo assinados convocam no domingo, dia 25 do corrente à uma hora da tarde na sala anexa à loja da barateza, na rua municipal, com o fim de se discutir a possibilidade e as bases da formação de uma Sociedade Italiana de Mútuo Socorro nesta cidade.

Os iniciadores:

Vicente Vassalo

José D'Ângelo

Carlos Preda

Fonte: Jornal A Pátria Mineira, 22 de outubro de 1891.

2.2 – Notas sobre a fundação da Sociedade Italiana:

Sociedade Italiana de Mútuo Socorro:

Do Sr. Carlos Preda, secretário desta útil associação que acaba de fundar-se em nossa cidade, recebemos a carta que abaixo publicamos.

Louvando a intenção de seus fundadores, felicitamo-los desejando que seja coroado de feliz êxito tão louvável cometimento.

Ilmo Senhor Redator, é com sincero júbilo que venho participar a V.S. o êxito da convocação da colônia Italiana no domingo passado, com o fim de fundar as bases de uma sociedade Italiana de mútuo socorro nesta cidade.

Reuniram-se perto de 40 pessoas reinando entre o maior entusiasmo para efetuar a filantrópica idéia.

Esperamos que não virá a falta à generosa corporação e o maior desinteresse da parte dos italianos, afim de alcançar o desideratum que temos em vista, dotando a nossa

colônia de uma associação benemérita, que será aceita, estamos certos, com simpatia pelos nossos hóspedes, os brasileiros natos.

Foram eleitos para presidente o Sr Vicente Vassalo e secretário o abaixo assinado.

Para a redação dos estatutos também foi nomeada uma comissão, da qual fazem parte, a fim de conciliar os interesses comuns cidadãos do recinto urbano e das duas colônias desta proximidade.

Aproveito a ocasião para agradecer publicamente à distinta diretoria da sociedade Instrução e Recreio pelo gracioso oferecimento que nos foi feito dos seus vastos salões para as reuniões de nossa nascente sociedade.

A primeira reunião foi convocada para o dia 15 do próximo novembro afim de apresentar e discutir os estatutos, e esperamos poder inaugurar proximadamente a sociedade definitivamente constituída.

A esta já foi dado o nome de Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Figli Del Lavouro”.

Carlos Preda.

Fonte: Jornal A Pátria Mineira, 29 de outubro de 1891.

2.3 – Composição da primeira mesa administrativa:

“Sociedade Italiana Figli Del Lavouro:

Do digno secretário desta humanitária Associação recebemos Carta que em seguida publicamos felicitando-os ao mesmo tempo e aos seus dignos companheiros da diretoria pelo rápido desenvolvimento que têm sabido imprimir à patriótica sociedade, que, criada há pouco tempo, já se acha perfeitamente organizada e nos casos de prestar os relevantes serviços que dela é lícito esperar-se.

Eis a carta:

Na reunião que teve lugar domingo passado, depois de discutir e aprovados os estatutos, inscreveram-se 60 sócios que precederam à eleição do corpo administrativo, que ficou assim composto:

Presidente Vicente Vassalo; vice - Presidente Rafael Bini; 1º Secretário Carlos Preda; 2º Secretário Luiz Marzocchi; Tesoureiro Vicente Cantelmo; Procurador Germano

Fabri. Conselho: José Lovaglio, José d'Ângelo, Carlos Sartini, João Biringetti. Luiz Pitta, César Briguentti, Felipe Marchetti, José Inneco.

Suplentes: Isaias Limoncini, Antônio Lombelo, Luiz D'Ângelo, Egisto Calori.

Pelos serviços já prestados à colônia Italiana e pelos que prometeram prestar gratuitamente à Sociedade, foram aclamados unanimemente sócios honorários os distintos médicos srs drs José Moreira Bastos e Juvenal das Neves.

SJDR, 18 de novembro de 1891, o 1º secretário Carlos Preda.

Fonte: Jornal A Pátria Mineira, 19 de novembro de 1891.

2.4 – Eleição para a nova diretoria da Sociedade Italiana:

Tendo-se demitido o presidente e outros membros do conselho administrativo desta sociedade, reuniram-se neste domingo passado no salão da Philarmônica para proceder à nova eleição.

O resultado foi o seguinte:

Presidente João Briguentti; vice - Presidente Carlos Sartini; 1º Secretário Rafael Bini; 2º Secretário Luiz Marzocchi; Tesoureiro Isaias Limoncini; Procurador Domingos Ballardini. Conselheiros: José Lovaglio, Carlos Sartini, João Biringetti. Luiz Pitta, César Briguentti, Felipe Marchetti, José Inneco. Caetano Gaiani, Egisto Calori, Domingos Pozza, Antônio Giulianne e Germano Fabri.

Suplentes: Antônio Lombello, Augusto Maranezzi, José Schiassi, e Camilo Cozzi.

Fonte: Jornal A Pátria Mineira, 17 de março de 1892.

2.5 – Recursos utilizados para angariar fundos para a Sociedade Italiana:

Sociedade Italiana Figli Del lavouro

Resultado do Tiro ao alvo na Colônia Marçal no dia 21 do corrente, sendo postos em leilão e arrematados os tiros em benefício da Sociedade Italiana Figli Del Lavouro, pelos cavalheiros seguintes:

Sr. Amando Monterio - 35 pontos

Carlos Sartini - 25 pontos

Domingos Ballardini - 20 pontos

José Lavláglio - 15 pontos

João Briguenti - 10

Nicolau Simão - 5

Mais 12 distintos cavaleiros que tomaram parte neste tiro ao alvo não quiseram dar prejuízo à Sociedade Italiana, furando o pano; porém no próximo divertimento deste gênero que a sociedade realizar, espera-se que os mesmos não se guiarão por este sistema de economias. O tiro ao alvo rendeu 172\$500 de cuja quantia a quinta parte destinada a quem fizesse mais pontos, que coube ao Sr Amâncio Monteiro, a quem a comissão agradece por ter tido a delicadeza de presentear a sociedade com o excedente que de direito lhe pertencia.

Fonte: A Pátria Mineira, 29 de setembro de 1892.

2.6 – Convocação para uma Assembléia Geral:

Società Italiana de M. S. Figli del Lavoro

D' ordine Del sig vice-presidente convoco a tutti e Signori a soci di questa società e Che siano in regola Coll' amministrazione, per La 2ª Assemblea Generale ordinária Che vrá luogo nel salone del club S. Joanense, gentilmente concesso, ilgio no 08 Del prossimo Gennaio, alle 11 ore anti meridiane.

Di conformità cogli articoli 14 e 18 dello Statuto, l' Assemblea avrá per scopo, esclusivamente il seguinte:

1º Presentazione del resoconto annuale e bilancio della Società, avuto dal tesoriere.

2º Commissione revisora della commissione revisora dei conti.

1º Secretário - Raffaele Bini - SJDR, 23 de Dicembre de 1802.

Fonte: A Pátria Mineira, 06 de janeiro de 1893.

Anexo III

Festividades do dia 20 de setembro:

3.1 - Notas: Sociedade Italiana de M. S. Figli del Lavoro

Cidadãos São-joanenses

(...) em boa hora, e em vista do crescente número da colônia italiana fundamos uma sociedade de mútuo socorro, que honramos com o título mais simpático que possa merecer uma associação na democracia presente, com o nome de – Filhos do Trabalho.

O dia 20 de setembro é a data saliente e gloriosa em que a Itália conseguiu arvorar no cume do capitólio da eterna Roma a bandeira tricolor, símbolo da fraternidade de 30 milhões de italianos.

A S. Figli del Lavoro não podia escolher data melhor para inaugurar o seu estandarte e lançar a primeira pedra do ofício que pretende construir para sede social, assim como para oferecer um abrigo caridoso aos derelitos da fortuna que no futuro precisarem da mão fraterna que os socorra, não como título de esmola que humilha, mas como direito que a infelicidade reclama.

No mesmo dia serão distribuídos os diplomas aos sócios honorários, beneméritos e efetivos.

Nossa festa será modesta não consentindo os nossos fracos recursos exibirmos com pompa que merece o concurso que esperamos dos gentis habitantes de SJDR; mas a esta festa nos esforçaremos de dar o cunho da simplicidade democrática e alegre que deve reinar em reuniões congêneres fazendo realçar ainda mais a nota de sincera e entusiasta fraternidade que reina e reinará sempre entre a colônia italiana e o distinto povo são-joanense.

Animada por estes belos sentimentos, a comissão espera merecer a simpática e o concurso de todos os cidadãos para o melhor êxito dos festejos que vão esboçados no programa abaixo.

A Comissão

Secretaria da Sociedade, 15 de setembro de 1892

Programa:

De madrugada, hasteamento das bandeiras brasileira e italiana no edifício onde funcionará a sessão inaugural, com foguetes e música.

Ao meio dia, sessão solene da inauguração do estandarte e distribuição dos diplomas no teatro Municipal, tocando na ocasião a banda do distinto maestro Luiz Batista Lopes.

Em seguida os convidados, acompanhados pelo estandarte e banda, se dirigirão para o local onde será colocada a primeira pedra do edifício social.

De noite, convida-se o povo a vir assistir ao leilão de prendas que, em benefício da Sociedade, serão expostas na secretaria provisória, na rua do Comércio, nº 20, onde desde já serão aceitos quaisquer donativos.

No dia 24, festa puramente campestre e democrática na colônia do Marçal para a qual serão convidados os mesmos do dia 20. Haverá tiro ao alvo e outros divertimentos populares.

A comissão enviará convites particulares para assistir à sessão inaugural, e os sócios terão entrada no edifício exibindo o recibo do mês de agosto.

Os talentosos oradores que desejarem abrilhantar a festa com discursos apropriados à data e ao ato terão a bondade de inscrever-se na secretaria.

Observação:

Caso o tempo não consinta realizarem os festejos no dia 20, serão eles adiados para a próxima memorável data de 12 de outubro, 4º centenário do descobrimento da América, em que fulge a glória do grande italiano Cristovão Colombo.

Fonte: Jornal Gazeta Mineira, 19 de setembro de 1892, número 452, SJDR.

3.2 - Notas: Unificação da Itália – 20 de setembro de 1892

A importante e próspera sociedade de mútuo socorro Figli de Lavoro, constituída nesta cidade por membros da numerosa e conceituada colônia italiana solenizou a data de 20 de setembro, tão querida para sua pátria, com festas pomposas e brilhantes.

Pela madrugada foram, no edifício da sociedade, hasteadas as bandeiras italiana e nacional, ao estrugir de foguetes e aos sons de uma banda musical, que, em seguida, percorreu as ruas da cidade.

Ao meio dia teve lugar, no teatro municipal uma solene sessão destinada à inauguração do estandarte da sociedade e à distribuição de diplomas aos sócios contribuintes e honorários.

A uma mesa, colocada no palco aberto sentava-se o Sr. João Beringhelli, presidente da sociedade, tendo a seus lados os srs. Raphael Bini e Luiz Pitta, secretários.

Dois sócios empunhavam a bandeira italiana e brasileira, um membro da Operária de beneficência o estandarte desta sociedade e uma interessante mocinha o que tinha para ser inaugurado e que se conservava ainda enrolado.

Expostos os fins da reunião, o Sr. Beringuelli declarou aberta a sessão convidando para presidi-la o Sr. Dr. Hermílio Alves, distinto presidente do conselho distrital da cidade.

Por este foi desfraldado e coberto de flores ao som do hino garibaldino o rico estandarte de cetim branco franjado de ouro e com bonitos desenhos algébricos.

Prpferiu a oração oficial o Sr. Carlos Preda, falando também o nosso redator da Pátria Mineira, o Sr, representante desta folha, o Sr, Pasquete d'Amato e o Sr. Luiz Pitta, havendo estes recitados poesias e lido o Sr. José Margocchi uma carta vinda da Itália, que por carência de espaço impede-nos de inserir neste número.

Com a distribuição dos diplomas ao som de música, terminou a solenidade numerosamente abrilhantada por sócios, por cavaleiros de todas as classes e por distintas famílias.

Fonte: Jornal Gazeta Mineira, 21 de setembro de 1892, ano IX, número 452, SJDR.

3.3 - 20 de setembro de 1893

A numerosa colônia italiana desta cidade deixou, em atenção à dolorosa crise que atravessa o Brasil, de festejar, este ano o glorioso aniversário da unificação de sua cara pátria.

Um boletim, porém, foi distribuído pela diretoria da sociedade Figli del Lavoro convidando seus compatriotas aqui residentes a unirem-se novamente, esquecendo ressentimentos que trazem dividida, de certo tempo para cá, a estimável família italiana.

Fazemos votos sinceros para que se restabeleça a harmonia que tanta honra fazia aos italianos desta cidade, e cuja quebra tanto pode prejudicá-los nos seus interesses ou nos seus sentimentos de patriotismo.

Fonte: Jornal Gazeta Mineira, 25 de setembro de 1893, ano X, número 504, SJDR.

3.4 - 20 de setembro de 1895

Como prevíamos, as festas organizadas pelos italianos para solenizarem aquela data, correrão com todo brilhantismo.

A procissão cívica de dia e a marche aux flambeaux à noite estiveram importantíssimas.

A distância que separa os filhos da bella Itália, sua cara pátria, a distância que os separa dela, constitui motivo para que esses patriotas, patenteassem o seu acrysolado amor a terra do seu nascimento, festejando a data do seu nascimento, festejando a data história que lhes fez vibrar a alma em arrebatos de entusiasmo, lembrando-lhes a unificação política de seu país.

Ao romper do dia uma banda de música, à frente de grande número de ilustres representantes da colônia italiana percorreu as principais ruas da cidade fazendo ouvir os sons patrióticos dos hinos nacionais brasileiro e italiano, por entre girândolas de foguetes e aclamações.

Ao meio dia saiu o préstito da casa do cidadão José Lovaglio à rua direita trazendo erguido os pavilhões italiano e brasileiro, um rico e elegante estandarte da Sociedade Italiana Concordia Fratellanza e diversas bandeiras alegóricas e de sociedades, dando um belo aspecto á marcha cívica que festivamente percorreu as principais ruas da cidade, recolhendo-se aos salões do clube São-joanense, onde devia efetuar-se a sessão solene comemorativa.

Às duas horas da tarde, em presença de numeroso e seletto auditório, presente algumas excelentíssimas senhoras, crescido número de italianos residentes nesta cidade, grande número de cidadãos brasileiros e diversos oficiais do 8º Regimento de Cavalaria, teve lugar a sessão sob a presidência honraria do Coronel Dr Arthur de Castro; ocupando os lugares da mesa presidencial os ilustres cidadãos italianos Raphael Binni, presidente da Sociedade Italiana secretário e o cidadão Antônio de Assis Silveira, orador oficial.

Falaram diversos oradores em bela e patriótica linguagem comemorativa do grande fatos que os filhos da Itália, neste momento, longe da pátria, estavam festejando e lembramos dos ilustrados Srs A. de Assis Silveira, orador oficial, Dr Elloy Reis, capitão Henrique de Amorim Bezerra, Alferes Praxedes, Rafael Bini, Arthur Vinha, Carmelo Barra e o secretário da comissão cujos discursos eram aclamados pelo auditório ao som de hinos italiano e brasileiro.

Foram lidas poesias enviadas pelos cidadãos Biagio Benevenuto (Tiradentes) e Tenente Coronel Fernandes de Magalhães e uma carta de Antônio Lembi (Itapeverica).

Terminou a festa cerca das 04 horas da tarde, deixando a todos os convidados gratas recordações.

À noite iluminaram-se algumas casas e ruas que se achavam ornadas de arcos de folhagens e galhardetes percorrendo o centro da cidade uma grande marche aux flambeaux precedida de duas bandas de música tendo partido o préstito do Club São-joanense.

No trajeto pela cidade fizeram-se ouvir diversos discursos sendo muito festejado o motivo de regozijo da ilustrada colônia italiana pela data história de 20 de setembro.

Ao passar pela rua do comércio foi a multidão convidada pelo Sr. Valentim Martinelli a entrar em seu hotel, onde foi-lhe servido profuso copo de cerveja, o mesmo sucedendo em casa do sr. Coronel Arthur de Castro, a quem o povo e a colônia foram cumprimentar e agradecer as delicadas atenções que tem tido sempre para com os seus patriotas, sendo os manifestantes recebidos e obsequiados por este distinto cidadão e sua excelentíssima família, com a fidalga gentileza que os caracteriza, levantando-se por esta ocasião diversos e entusiásticos brindes.

Terminamos esta notícia enviando nossa saudação e sinceros parabéns aos ilustres membros da digna colônia italiana residente nesta cidade e município.

Fonte: Jornal Tribuna Popular, 23 de setembro de 1895.

3.5 - 20 de setembro de 1912

A Colônia Italiana aqui domiciliada, solenizando esta data importante para a sua nacionalidade realizou grande festa íntima, que pela sua pompa teve repercussão em toda a cidade.

A aurora do dia 20 foi saudada por uma extraordinária salva de 21 tiros tremerando desde logo na fachada do edifício da S. Figli del Lavoro o pavilhão da nação italiana, ladeado por inúmeras bandeiras e galhardetes de variadas cores.

Às 06 horas da tarde pela diretoria da Sociedade Italiana, no seu edifício próprio oferecido lauto banquete aos seus associados, durante o qual reinou a mais expansiva alegria.

Coube ao presidente da sociedade, o Sr. Rafael Bini levantar o brinde de honra à nação italiana e ao seu patriótico governo usando também da palavra diversos convivas, todos saudando com entusiasmo o grande dia cuja comemoração celebravam.

Ainda no dia seguinte, sábado, realizou-se animado baile oferecido pela colônia italiana às famílias de suas relações e da sociedade são-joanense, adiado do dia por motivo de força maior.

Anexo IV

Morte do Rei Umberto Primo

4.1 - Esta cidade também rendeu seu préstimo de homenagem à memória do grande Rei Humberto I. Toda a população se associou à Colônia Italiana acompanhando-a em todas as manifestações de dor e pesar por este luctuoso acontecimento. Passamos em seguida a dar notícias destas manifestações.

As exéquias

No dia 09, tiveram na Igreja do Carmo as exéquias em homenagem ao grande morto. O templo se achava literalmente cheio de cidadãos de todas as classes sociais e famílias.

Compareceram também diversas associações incorporadas e a oficialidade do 28º batalhão acompanhado de sua excelente banda de música.

A orquestra Lira São-joanense se desempenhou galhardamente da parte que lhe foi confiada. Depois da missa solene, foram rezados os ofícios recomendados pelo ritual, reinando sempre o maior respeito e notando-se em todos a dor profunda de que se achavam possuídos.

A Sessão Fúnebre

Teve lugar a sessão fúnebre no Teatro Municipal, que se achava ornamentado com muitíssimo gosto e capricho. No proscênio, todo coberto de crepe erguia-se um catafalco, onde se destacava o retrato do malogrado Monarca e sobre ele pendiam entrelaçadas as bandeiras italiana e brasileira e aos lados sarilhos de armas.

A orquestra Lyra São-joanense à pano suspenso executou a marcha real Italiana e em seguida a banda de música de 28º, o hino nacional.

Assumiu a convite da comissão central a presidência da sessão o major dr. Ferreira da Luz, que foi secretariado pelo capitão Vincenzo Vassalo e Domenico Picorelli, achando-se presentes toda a comissão composta dos distintos membros da colônia italiana Luigi d'Ângelo, Valentim Martinelli, Ferdinando Grippi, Camilo Cozzi, Sartini Carlo, Américo Pannaim, Biagio Camarano, Raphael Bini e Luiz Marzocchi.

Teve a palavra o orador oficial Tenente Izidoro de Figueiredo, que por espaço de uma hora, prendeu o auditório proferindo eloqüente discurso e sendo muito aplaudido.

Em seguida, do camarote destinado à Comissão da Maçonaria, composta dos membros de que já tratamos em nosso número transato, e ali presentes falou o Coronel

Francisco Pinheiro exaltando as qualidades de coração do morto, e isto em nome desta grande associação.

O dr Balbino Cunha tomou a palavra e em eloqüente discurso verberou o atentado salientando as virtudes da casa de Sabóia.

O coronel Pinheiro, pela redação d' O Combate levou a pátria Italiana os protestos de pesar por parte da Imprensa.

O dr. Jayme de Barros, por sua vez, em palavras repassadas de magna, falou sobre o mesmo assunto.

O capitão Simprônio reis, representando o outro jornal local e a Sociedade Philarmônica S. joanense, preferiu também um discurso.

Pelo inteligente oficial do exército italiaano Erasmi de Borgui Gustavo foi recitado um succulento discurso em língua italiana, que muito agradou aventando nele o distinto orador a idéia de ser criada uma escola com o título de Humberto Primo.

O simpático rapaz Luiz Dalle, em nome da mocidade S. Joanense dirigiu palavras de solidariedade na dor à mocidade italiana.

Em seguida abundou nas mesmas considerações o inteligente jovem Américo Reis.

O mavioso poeta são-joanense Modesto Paiva recitou uma linda poesia que , distribuída pelos assistentes foi muito apreciada.

Raphael Bini, em nome da Comissão Central agradeceu a todos o seu concurso inteligente para a realização da homenagem prestada à memória do seu Rei. O Dr. Jayme de Barros, em nome do Agente Consular de Portugal, proferiu novo discurso análogo ao ato.

O Coronel Francisco Pinheiro, comissionado pelo Correspondente Consular Italiano, José d'Ângelo, agradeceu em nome do seu governo a todos quantos concorreram para a suntuosidade e magnificência das homenagens prestadas aquele que por tantos anos dirigiu os destinos de sua pátria.

E assim foi encerrada a imponente sessão fúnebre que esteve em altura com digna, sendo todos oradores muito aplaudidos.

Em seguida damos os nomes dos cidadãos que representaram as diversas associações:

28º batalhão: pela sua briosa e digna oficialidade.

Guarda Nacional: Capitão Francisco Antonelli de Rezende.

Câmara Municipal: Dr. Leite de Castro, capitão Manoel Guerra Jr, Coronel Anselmo Fioravante, Capitão Antônio Francisco da Silveira Júnior e tenete João Pedro Vieira Ferraz.

Poder Judiciário: Dr. Manoel Pereira Teixeira e o capitão Antônio Gonçalves Coelho.

Polícia: Capitão Francisco Ferreira Andrade.

Escola normal: Major Antônio Augusto Campos da Cunha, Dr. Balbino da Cunha e Arthur Gosling.

Imprensa: Coronel Francisco Pinheiro e José Moreira de Almeida pelo O Combate, e capitão Simfrônio Reis pelo outro jornal.

Loja Charitas: pela comissão já conhecida no nosso jornal transato.

Clube São-joanense: Capitães Bento José Gomes e Amazilio Pinto.

Philarmônica São-joanense: Tenente Flávio Cícero, Antônio Homem de Almeida e João Pinto Leão.

Sociedade Portuguesa de Beneficência – Major Carneiro Felipe, Antônio José Antunes e Silvestre Pinto Caldeira.

Colônia Portuguesa – Professor Ferreira Travanca, Caldeira, Antunes, Carneiro e Felipe, Desidério José Rodrigues e Armando monteiro.

Società Italiana Figli del Lavoro – Isaias Limoncini, Raphael Bini, Erasmi Gustavo, Cozzi.

Mocidade: Luiz dalle, Guilherme Milward, Leopoldo Araújo, Luiz de Andrade, Carlos Lustoza, João Silva e Raul Magalhães.

Sociedade Operária Beneficente: Coronel Bernardino, Duque Máximo da Rocha, Capitão João Batista.

Fonte: Jornal O Combate, 15 de agosto de 1900, trimestre I, número 6, SJDR.

Anexo V

Catástrofes na Itália

5.1 - Notas: *Para as vítimas da horrenda catástrofe de Sicília e Calábria, temos a registrar mais, na subscrição aberta pelo “O Repórter” as seguintes importâncias:*

Raphael Mauro – 5\$000

Santos Martinelli – 5\$000

Quantia Publicada - 187\$000

Soma – 197\$000

Fonte: Jornal O Combate, 17 de janeiro de 1909, ano V, número 5, SJDR.

5.2 - Notas: *Para as vítimas da horrenda catástrofe de Sicília e Calábria, temos a registrar mais, na subscrição aberta pelo “O Repórter” as seguintes importâncias:*

Francisco Robortella – 10\$000

De uma lista a cargo de César Briguenthi – 12\$600

Aleixo Giovanini – 5\$000

Giuseppe Boare – 5\$000

Emílio Della Croce – 3\$000

Zerlotini Romano – 2\$000

Maria Limoncini – 2\$000

Vicenti Malfetti – 2\$000

Pelligrinelli Giuseppe – 2\$000

Gorzo Giacomo – 2\$000

Randi Miguel – 2\$000

Luiz Boari – 2\$000

Luiz Marzocchi – 2\$000

Aleixo Shampato – 2\$000

Cândido Pires – 2\$000

Casandella Saria – 2\$000

Rosetto Jacintho - 1\$000

Zivianni Luigi – 1\$000

Cannavezi Giovanni – 1\$000

Giuseppe Paduani – 1\$000

Pietro Gazzì – 1\$000
Roberto Gazzì – 1\$000
Antônio Demarchi – 1\$000
Giovanni Daldegan – 1\$000
Bergo Geromin – 1\$000
João Françoso – 1\$000
Benedito Gaetano – 1\$000
Thomaz Demarchi - \$500
Quantia Publicada – 197\$000
Total – 265\$500

Fonte: Jornal o Combate, 21 de janeiro de 1909, ano 5, número 06, SJDR.

5.3 - Notas: *Infeliz Itália*

Tiveram grande concorrência as exéquias solenes celebradas na Igreja Matriz, ontem, pelas vítimas da grande catástrofe da Sicília e Calábria que veio enlutar a alma italiana levando a consternação e a dor a todos os cantos da terra.

Tocou no ato fúnebre a orquestra Ribeiro Bastos graciosamente.

Após a missa foram feitas as encomendações próprias ante o rico e sobrebo catafalco erguido no centro da Igreja, trabalho realmente digno de elogios pelo gosto e arte que presidiram sua armação, devido a perícia do Sr. Joaquim caldas.

Toda custosa armação foi cedida obsequiosamente pela empresa funerária Assis Pereira.

Fonte: Jornal o Combate, 31 de janeiro de 1909, ano 5, número 09, SJDR.

5.4 - *Lista de doadores para angariar fundos para os mortos e feridos na guerra entre a Itália e a Turquia:*

Notas: Sociedade Italiana

Ilmo senhor Redator chefe:

Esta Diretoria aproveitando da vossa benevolência nunca desmentida e do Vosso alto cavalheirismo e caridade, pede o especial favor de publicar no conceituado “Repórter” as listas da subscrição angariada para os mortos e feridos na guerra entre a Itália e a Turquia.

Com respeito e estima

O presidente

Raphael Bini

--

Subscrição aberta pela Sociedade Italiana de M. S. Figli Del lavoro em favor dos mortos e feridos na guerra entre a Itália e a Turquia.

<i>Società Italiana di M.S. Figli Del Lavoro</i>	<i>100\$000</i>
<i>Raffaele Bibi</i>	<i>20\$000</i>
<i>Alessandro Shampato</i>	<i>10\$000</i>
<i>Michele Randi</i>	<i>10\$000</i>
<i>Emílio Della Croce e Figli</i>	<i>10\$000</i>
<i>Antônio Demarchi</i>	<i>10\$000</i>
<i>D'Andegam Giovanni</i>	<i>10\$000</i>
<i>D'Aldegam Luigi</i>	<i>10\$000</i>
<i>Antônio Paganin</i>	<i>10\$000</i>
<i>Carlos Pelligrenille</i>	<i>5\$000</i>
<i>Gazzi Giacomo</i>	<i>5\$000</i>
<i>Giovanni Franzoso</i>	<i>5\$000</i>
<i>Limoncini Isaías</i>	<i>5\$000</i>
<i>Antônio Noziglio</i>	<i>5\$000</i>
<i>Boari Luizi</i>	<i>4\$000</i>
<i>Zerlottini Romano</i>	<i>4\$000</i>
<i>Cesari Della Savia</i>	<i>3\$000</i>
<i>Natale Agostine</i>	<i>3\$000</i>
<i>Domenico Picorelli</i>	<i>3\$000</i>
<i>Cesare Tranquillo</i>	<i>3\$000</i>
<i>Alfredo Como</i>	<i>3\$000</i>
<i>Pietro Gazzi</i>	<i>2\$000</i>
<i>Baladini Ângelo</i>	<i>2\$000</i>
<i>Basse Giuseppe</i>	<i>2\$000</i>
<i>Lellegrinelli Giuseppe</i>	<i>2\$000</i>
<i>Albino Chitarra</i>	<i>2\$000</i>
<i>Badeschi Antônio</i>	<i>2\$000</i>
<i>Dionese Tommaso</i>	<i>2\$000</i>
<i>Napolione Della Savia</i>	<i>2\$000</i>
<i>Cesari Ruffine</i>	<i>2\$000</i>
<i>Montoli Francesco</i>	<i>2\$000</i>
<i>Mariano Ladovan</i>	<i>2\$000</i>
<i>Benedetti Gaetano</i>	<i>2\$000</i>
<i>Lombello Chistoforo</i>	<i>2\$000</i>
<i>Shampato Gaetano</i>	<i>2\$000</i>
<i>Giovacchino Megale</i>	<i>2\$000</i>
<i>Umberto Benedetti</i>	<i>2\$000</i>
<i>Galvetti Luigi</i>	<i>2\$000</i>
<i>Adolpho Shampato</i>	<i>2\$000</i>
<i>Giusepe Caraza</i>	<i>1\$000</i>
<i>Giasinto Rossetti</i>	<i>1\$000</i>

<i>Augusto Bin</i>	<i>1\$000</i>
<i>Ângelo Miguel Gallo</i>	<i>1\$000</i>
<i>Giovanni Canavese</i>	<i>1\$000</i>
<i>Antônio Lombello</i>	<i>1\$000</i>
<i>Girolamo Bergo</i>	<i>1\$000</i>
<i>Tubertini Adolfo</i>	<i>1\$000</i>
<i>Luigi Ziviani</i>	<i>1\$000</i>
<i>Tommaso calzavara</i>	<i>1\$000</i>
<i>Bruno Tubertini</i>	<i>1\$000</i>
<i>Roberto Gazzì</i>	<i>1\$000</i>
<i>Giuseppe Tallini</i>	<i>\$500</i>
<i>Albino Fazioni</i>	<i>\$500</i>
<i>Zanolla Giovanni</i>	<i>\$500</i>
<i>Cortese Giovanni Maria</i>	<i>\$500</i>
<i>Fazioni Francesco</i>	<i>\$500</i>
<i>Soma Total</i>	<i>290,500</i>

Fonte: Jornal O Repórter, 14 de janeiro de 1912, ano VIII, número 286, SJDR.

Anexo VI

Influências Italianas na cidade

6.1 - Cia Lírica Italiana de Comércio

Aqui chegando anteontem a companhia Lírica Italiana de Comércio, de que é secretário o Sr. Luiz Giovanelli e distribuiu programas em que foi designada a noite passada para o concerto vocal e instrumental de estréia.

Fonte: Jornal A Pátria Mineira, dia 18 de junho de 1891.

6.2 - Cinema Ítalo Brasileiro

De dia para dia mais animadas e atraentes vão se tornando as inovações do Cinema Ítalo-Brasileiro, graças ao capricho e operosidade da empresa Faleiro & Cia que não regateia esforços para corresponder a confiança da sociedade são-joanense.

Rara é a noite em que não são exibidas novas e escolhidas fitas; e ultimamente, para mais agradar o público, contratou a festejada orquestra Ribeiro Bastos, para tocar em todas as noites; e esta sob a proficiente regência do musicista João Pequeno tem, de fato, muito contribuído para abrilhantar as sessões executando alegres e variadas peças de seu grande repertório.

Aplausos merecem, pois a empresa de Faleiro & Cia.

Fonte: Jornal O Repórter, 21 de abril de 1910, ano VI, número 113, SJDR.

6.3 - Restaurante Ítalo Brasileiro

Durante os dias de festa em Matosinhos o senhor David d'Ângelo acha-se estabelecido naquele pitoresco arrabalde com um bem montado restaurante onde as excelentíssimas famílias e cavalheiros encontrarão finos doces, excelentes pratos escolhidos vinhos e licores.

Fonte: Jornal O Combate, 25 de maio de 1901, São João Del Rei.

Anexo VII

Pedidos e Requerimentos de Italianos e Oriundis encaminhados à Câmara Municipal

Nº	NOME DO REQUERENTE:	DATA:	ASSUNTO:
1	<i>Berguero Achillo</i>	<i>5 de maio de 1898</i>	<i>Licença para construir um quiosque de madeira com todas as regras de simetria e elegância aquém da ponte da Estação, afim de ali se estabelecer com um bazar ou restaurante.</i>
2	<i>Agostinho Bolognammi</i>	<i>13 de fevereiro de 1899</i>	<i>Negociante de gêneros do país estabelecido em Ibituruna querendo (?) com sua casa de negócio não podendo fazer sem a vossa constante licença.</i>
3	<i>Miguel Randi</i>	<i>25 de fevereiro de 1899</i>	<i>Continuando com seu negócio à Rua da Colônia do Marçal e querendo pagar a 1ª prestação do corrente exercício de 1899, requerer à vossa excelência a respectiva licença, depois de pagar os direitos.</i>
4	<i>Emerenciano Fioravante</i>	<i>24 de fevereiro de 1899</i>	<i>O farmacêutico Emerenciano Fioravante quer continuar com o seu estabelecimento de Farmácia à Rua Marechal Bittencourt, solicitando, pois a respectiva licença.</i>
5	<i>Bernardo Gaede</i>	<i>27 de fevereiro de 1899</i>	<i>Bernardo Gaede querendo continuar com o aluguel de móveis roga a VS lhe conceder a necessária licença.</i>
6	<i>Giacinto Rossetto</i>	<i>28 de fevereiro de 1899</i>	<i>O abaixo assinado vem propor o seguinte: 1º: Ceder a Câmara a parte necessária de seu terreno para o alinhamento da Rua Paulo Freitas; 2º demolir o muro que está fora do alinhamento, construir outro que o substitua no alinhamento e mais fazer o muro divisório entre sua chácara e o terreno que foi do senhor Capitão José Maximiano da Cunha, tendo os referidos muros a altura de dois metros; 3º: pagar metade das despesas do muro divisório; 4º: principiar este serviço dentro de oito dias e concluir dentro do prazo de três meses; 5º receber a quantia de 615 mil réis como indenização pelo terreno que cede. 6º: receber 5 mil réis por metro corrente dos dois muros que construir conforme a cláusula 2ª e 5ª e aproveitar todo o material do muro da frente que tem de ser demolido.</i>
7	<i>Giacinto Rossetto</i>	<i>28 de fevereiro de 1899</i>	<i>Vem requerer dois lotes de terreno com 13,20 cada um em frente a sua chácara situada na</i>

			<i>Rua Paulo Freitas afim de neles construir casas e por ser de justiça.</i>
8	<i>Valentim dos Santos Martinelli</i>	<i>28 de fevereiro de 1899</i>	<i>Dizem os abaixo assinados que tendo pagado o ano passado – 1898- todas as penas d'água existentes em seu Hotel à Rua Hermilio Alves e agora sabendo que tem a pagar mais quatro penas d'água do referido ano de 1898; alegando a Câmara que essas quatro penas foram aumento das que já havia no hotel, os suplicantes tendo inteira certeza que não houve tal argumento, vem respeitosamente solicitar de VS a respectiva baixa a estas quatro penas d'água exonerando-os do pagamento delas pelo faz inteira justiça.</i>
9	<i>Valentim dos Santos Martinelli</i>	<i>28 de fevereiro de 1899</i>	<i>Licença para continuar com o Hotel Martinelli à Rua Hermílio Alves.</i>
10	<i>Lobato Torgello</i>	<i>1º de março de 1899</i>	<i>Licença para continuar a negociar molhados, gêneros do país e tudo mais que lhe convier.</i>
11	<i>Luiz D'Ângelo</i>	<i>1º de março de 1899</i>	<i>Licença para continuar com o seu estabelecimento comercial situado à Praça Tamandaré.</i>
12	<i>Luiz Farcholi</i>	<i>1º de março de 1899</i>	<i>Licença para continuar sua oficina de sapateiro à Rua Paulo Freitas.</i>
13	<i>Germano Fabri</i>	<i>6 de março de 1899</i>	<i>Querendo construir uma casa na Rua Christóvão Colombo em um terreno devoluto, e como não pode vem pedir as necessárias licenças.</i>
14	<i>Anselmo Christino Fioravante</i>	<i>10 de março de 1899</i>	<i>Licença para continuar sua farmácia e drogaria situada à Rua Hermílio Alves nesta cidade.</i>
15	<i>Faleiro & Pereira</i>	<i>17 de março de 1899</i>	<i>Licença para continuar com sua padaria na Rua Paulo Freitas e pagar a 1ª prestação para o corrente exercício de 1899.</i>
16	<i>Emílio Giovanini</i>	<i>24 de março de 1899</i>	<i>Pedi licença na 5ª classe para continuar a exercer seu ofício de negociar objetos de folha nesta cidade.</i>
17	<i>Domingos Giovanini & Irmãos</i>	<i>20 de março de 1899</i>	<i>Licença para abrir uma padaria na Rua do Comércio.</i>
18	<i>Defrango Cosentino & Alexandre</i>	<i>27 de março de 1899</i>	<i>Renovação da licença para continuar com o serviço de curtume. (Escrito em Italiano).</i>
19	<i>Batista & Della Croce</i>	<i>28 de fevereiro de 1899</i>	<i>Licença para abrir uma oficina de sapateiro na Rua Marechal Bitencourt.</i>
20	<i>Raphael Bini</i>	<i>26 de abril de 1899</i>	<i>Renovação da licença para continuar com o estabelecimento comercial e sua casa filial na Rua Cristóvão Colombo.</i>
21	<i>Luiz D'Ângelo & Irmãos</i>	<i>05 de maio de 1899</i>	<i>Requerem fazer um passeio na frente da casa situada à Rua Cristóvão Colombo; vem por meio desta pedir que mandem um engenheiro para lineamento do referido passeio.</i>

23	Antônio Marques dos Santos	10 de maio de 1899	“O abaixo assinado morador à rua dos Italianos vem requerer a V. S. permissão para prolongar o rego d’água que passa no beco entre os senhores cana Verde e Nazareno até os fundos do seu terreno na mesma rua”.
24	Vassalo & D’Ângelo	26 de maio de 1899	Renovação da licença para continuar com o negócio de secos e molhados e gêneros do país na Rua Moreira Cezar, nº21.
25	Innecco Cozzi & Cosentino	29 de maio de 1899	Renovação da licença para continuar com o negócio de alfaiataria na Rua Moreira Cezar.
26	Felippe Marchetti	21 de fevereiro de 1899	Renovação da licença para continuar com o negócio de fabricar cervejas no lugar denominado Matola.
27	João da Costa	12 de junho de 1899	Requer um terreno devoluto para construir uma pequena casa. O terreno está situado no lugar denominado São Francisco Xavier, nesta cidade.
28	Êneo Magnovacca	19 de junho de 1899	Pede dispensa das licenças cobradas sobre a oficina de ferreiro, alegando que esta oficina não existe sendo prestados apenas alguns pequenos serviços nesta área.
29	Gatte & Cia.	31 de maio de 1899	Renovação da licença sobre a Casa de negócio situada à Rua Paulo Freitas.
30	Adelaide Ruffini Tamoni	10 de julho de 1899	Requer um terreno devoluto.
31	Gazze & Jacob	31 de maio de 1899	Licença para uma pequena casa de negócio à Rua Cristóvão Colombo.
32	Jartine Carlo	1º de julho de 1899	Concessão de um lote à Rua Paulo Freitas para construção de um estabelecimento Industrial.
33	Zerlotini Romano	Julho de 1899	Requer licença para construir um negócio à Rua Paulo Freitas.
34	Antônio Bernardino	12 de julho de 1899	Concessão de um terreno devoluto para construção de uma casa.
35	Raphael Bini	12 de julho de 1899	Concessão de um terreno devoluto para edificação de um negócio à Rua Paulo Freitas.
36	Luiz Marzochi	6 de julho de 1899	Concessão de um terreno devoluto para edificação de uma casa à Rua Paulo Freitas.
37		20 de julho de 1899	Abaixo assinado dos italianos moradores na Rua Cristóvão Colombo para que o rego d’água que passa ao fundo de suas casas não beneficie apenas um morador, mas a todos. Pedem assim a mudança do curso d’água.
38	Luiz Finoche	25 de julho de 1899	Concessão de um terreno devoluto para edificação de um prédio à Rua Paulo Freitas.
39	Antônio Randi	29 de julho de 1899	Renovação de licença do negócio situado à Rua Paulo Freitas.
40	Luiz del Russi	31 de julho de	Requerimento de dois metros de um terreno

		<i>1899</i>	<i>na Rua Paulo Freitas.</i>
41	<i>Domingos Balardine</i>	<i>9 de agosto de 1899</i>	<i>Concessão de um terreno devoluto para edificação de um prédio à Rua Paulo Freitas.</i>
42	<i>Francisco Vessellucci</i>	<i>19 de agosto de 1899</i>	<i>Requer licença para construir um negócio de secos e molhados em pequena escala na estação do Rio das Mortes.</i>

Fonte: PER – 28 (Pedidos e Requerimentos) - Biblioteca Municipal Batista Caetano

Anexo VIII

Sobrenomes de famílias italianas que viveram em São João del-Rei

AGOSTINI, ALBINI, ALLEOTI, ALLEVA, AMADEI, AMBROSIO, ANDRETO, ANGELIM, ANGIOLI, ARENARI, ARGENTESI, BACCARINI, BACHI, BAGNI, BALBI, BALDINI, BALDRATTI, BALDUZZI, BANDIERA, BANDINELLI, BARALDI, BARBE, BARBI, BARBONI, BARTHOLO, BARUFALDI, BASSI, BEDESCHI, BELCHIOR, BELFIORI, BELLINI, BELLO, BELLUSCHI, BENEDETTI, BENEVENUTTI, BENFENATTI, BERGO, BERINGHELLI, BERMAGOSI, BERNARDINI, BERSANETTI, BERSANI, BERTHELLI, BERTOCHI, BERTOLINI, BERTOLUCCI, BIANCHINI, BIAZUTTI, BINI, BIOTINI, BISCARE, BISOLLI, BIZZAIA, BOADELLI, BOARI, BOLDRATTI, BOLDRINI, BOLOGNANI, BONFIOLI, BONICENI, BORNELLI, BORSETTI, COSCOLO, BOTTONI, BRAGIO, BRAVATI, BRESOLIN, BRESOLINI, BRIGHENTI, BROGLIO, BUZATTI, CALORE, CALSAVARA, CALVETTI, CAMANZO, CAMARANO, CAMPANATTI, CAMPELLO, CAMPOLONGO, CANAVESE, CANAVEZ, CANELLA, CANTELMO, CAPRINI, CAPRONI, CAPUTO, CARAVITA, CARAZZA, CARRARA, CASARITI, CASELLI, CASEMIRO, CASSANO, CASTORINO, CAVALARI, CAVALETTI, CAVALIERI, CAVALINI, CAVALASSI, CAZONI, CAZZONI, CESARI, CHIAMENTE, CHIARINI, CHITARRA, CHRISTOFOLI, CIAMARINI, CICARELLI, CICARINI, CIPRIANI, CONSALVI, CORROTI, CORTESI, CORTEZZI, COZZI, CUPOLILLO, DA COSTA, DALDEGAN, D'ANGELO, DAVIN, DE FELIPPE, DELA COSTA, DELAI, DE LELLIS, DELLA CROCE, DALLA SAVIA, DE LUCCA, DEL VECHIO, DEMARCHI, DETOMI, DILASCIO, DINALI, DONATI, FABRI, FACCION, FACHINI, FAGIOLI, FALCONERI, FALIN, FANTONI, FARAGALLA, FARINHOLLI, FARNEZZI, FAVA, FAVERA, FAZANELLI, FAZZION, FAZZIONI, FACILETTI, FELLONI, FERRARETTI, FERRAREZZI, FINALDI, FIOCHI, FIORELLI, FIRMO, FONTENELLI, FORAZENO, FORMAGIO, FRACCAROLI, FRANCA, FRANÇOZO, FRAZZONI, FREALDI, FREDERIGO, FRIGO, FUSATTO, FUSCHINI, FIZATTI, GARDONI, GAIANI, GAIO, GALARANA, GALLI, GALLO, GARAVELLI, GARBINI, GARBOGINI, GATTI, GAZZI, GEROMINI, GHELERE, GIAROLA, GIOLITTI, GIORGIO, GIOVANINI, GODI, GOTARDO, GOTTARDELLI, GRASSI, GRELLA, GRIPPI, GUARINI, GUELLI, GUERRA, GUILARDUCCI, GUITARRA, GUZZO, IMBROISI, INECO, OZOLANI, JANONI, JANUZZI, LANCETTI, LAUDARI, LIBONI,

LIBRENTI, LIMONCINNI, LOBOSQUE, LOMBARDI, LOMBELLO, LONGATTI, LONREZZONI, LORENGIONI, LOVAGLIO, LOVATO, LUCCHI, LUCIEN, MACERONI, MAGALDI, MAGGIOLI, MAGNAVACCA, MANFREDINI, MANFRINI, MANTOANELLI, MANTOVANI, MARANEZZI, MARCELLI, MARCHIORI, MARDELATO, MARGARON, MARGOTTI, MARINI, MARRONI, MARTELLI, MARTINELLI, MARZOCHI, MAURO, MAZZANTI, MAZZINI, MAZZOLI, MAZZONI, MENEGHINI, MENEGON, MENICUCCI, MENILLOMIATO, MINARELLI, MINQUIOTTI, MINZON, MISSON, MOEBUS, MONARI, MONDAINI, MONTOLI, MONTREZOR, MORANDI, MORELLI, MORFETTI, MUFFATO, MUGIANI, NAPOLEÃO, NATALI, NEGRINI, NOZILIO, OTTONI, PADOVANI, PADUAN, PAGANINI, PANAIN, PANORATO, PAZACHI, PAZERA, PAOLUCCI, PARIZZI, PARRINI, PASSARELLI, PASSARINI, PASSINI, PASTORINI, PATERNOSTER, PAVANELLI, PAZIN, PEDRONI, PELUZZI, PENONI, PEPARELLI, PERARO, PELLEGRINELLI, PERILLI, PEZEUTTI, PEZZALI, PIAZZI, PICORELLI, PIERINI, PIERUCETTI, PIFANELLI, PITTI, PIZZA, POLASTRI, POZETTI, POSSA, POZZA, POZZATO, PUGLIESI, PUTTINI, RADELLI, RANDI, RASTELLI, RIANI, RIGUETTI, RIGOTTI, RIVETTI, RIZUTTI, ROLFINI, ROSSATI, ROSSINI, ROSSITO, ROZZETO, RUBINI, RUFINI, RUSSO, SABIDO, SACHETTI, SALVATORE, SANCETTI, SANTI, SANTINI, SARTINI, SARTORI, SBAMPATO, SCARPARETO, SCARPELLI, SCHIASI, SCHIAVI, SCHINGAGLIA, SCCULTORI, SERGIONI, SERTIANI, SOAVI, SOGHIRI, SOLVA, SOTANA, SOTTANI, SPADINI, SPILTRA, SPINELLI, STANCIOLI, STEFANELLI, STERACHI, STREFEZZI, TALIN. TAROCO, TESTONI, TIMPONI, TIRAPELLI, TOFALINI, TOFOLINI, TONELLI, TORECHI, TORGA, TORNAGHI, TORTI, TORTIERI, TORTOMANO, TORTORIELLO, TRANQUILO, TRAVAGLI, TREBBI, TRERÉ, TREVIGIANI, TUBERTINI, TURRA, TUTTI, UNGARELLI, VALINI, VASSALO, VERALDO, VERLICI, VERONEZZI, VERSALI, VIANINI, VICENTINI, VICO, VITALLI, VITORELLI, VITTA, VOLPI, VOLTA, ZAGA, ZAGOTTA, ZANDI, ZANETTI, ZANGIACOMO, ZANITH, ZANITI, ZANNI, ZANOLA, ZANSAVIO, ZARAMELLA, ZERBINI, ZERLOTINI, ZINI, ZIVIANI, ZUCHERI.

(Fonte: OLIVEIRA, Jorge Silva de. *A Imigração Italiana e a família Carazza em São João del-Rei*. Gráfica Valadares, São João del-Rei, 2000, p. 83 – 85).

FONTES DOCUMENTAIS

1. IPHAN / 13ª Superintendência Regional, Escritório Técnico II de São João Del Rei

- **Jornais:**

O Combate – SJDR, 08 de agosto de 1900 a 29 de outubro de 1901.

A Opinião – SJDR, 06 de junho de 1908 a 11 de fevereiro de 1912.

Gazeta Mineira – SJDR, 04 de março de 1891 a 27 de outubro de 1894.

O Resistente – SJDR, 27 de agosto de 1896 a 17 de março de 1898.

O Repórter – SJDR, 11 de fevereiro de 1907 a 24 de dezembro de 1913.

O Zuavo – SJDR, 13 de dezembro de 1914 a 24 de dezembro de 1915.

São João D'el Rei - SJDR, 25 de fevereiro de 1899 a 16 de setembro de 1899.

O Dia – SJDR, 22 de março de 1912 a 23 de junho de 1912.

A Pátria Mineira - SJDR, 16 de maio de 1889 a 28 de novembro de 1889.

A Verdade Política - SJDR, 04 de outubro de 1888 a 20 de dezembro de 1889.

- **Processos Criminais de São João del-Rei (1888 – 1914);**

- **Livro de Registro Torrens (1907 – 1914);**

2. Biblioteca Municipal Batista Caetano

- **Atas da Câmara de São João del-Rei;**

Vinte de fevereiro de 1889 a 04 de fevereiro de 1891.

- **Pedidos e Requerimentos enviados à Câmara Municipal;**

PER – 28 (Pedidos e requerimentos - 1898).

PER – 1899 (642 folhas).

- **Registros de Eleitores.**

AEL 21;

AEL 22;

AEL 23;

AEL 24;

AEL 25.

3. Relatórios Provinciais - www.crl.edu/content/brazil/mina.htm

4. Indústria Têxtil São-joanense

Fichas de operários (duzentas primeiras fichas);

5. Álbuns de São João del-Rei

Acervo Particular

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos

BIONDI, Luigi. *Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo*. Locus: Revista de História. Juiz de Fora, vol. 15, nº 1, 2009.

MONSMA, Karl. *Histórias de Violência: processos Criminais e conflitos interétnicos*. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Migrações Internacionais”, XXIV Encontro Anual da ANPOCS. Petrópolis, 2000.

MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo e Silvano da Conceição. *Solidariedade étnica, poder local e banditismo: uma quadrilha calabresa no Oeste Paulista, 1895 – 1898*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 18, nº 53. 2003.

MARQUIEGUI, Dedier Norberto. *La construcion de la Italianidad em Argentina (Luján, Província de Buenos Aires, 1870 – 1920)*. Lócus: Revista de História. Juiz de Fora, v. 15, n.1 jan-jun, 2009.

SILVA, Wellington Barbosa da. “Uma autoridade na porta das casas”: Os inspetores de quarteirão e o policiamento no Recife do século XIX (1830-1850). SAECULUM Revista de História [17]; João Pessoa, julho/dez de 2007.

VISCARDI, Cláudia M. R. *História, Região e Poder, a busca de interfaces metodológicas*. Locus: Revista de História. Juiz de Fora, vol. 3, nº 1, 1997.

Livros e Capítulos de Livros

ALVIM, Zuleica Maria Forcione. *O Brasil Italiano (1880 – 1920)*. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. – 2 ed. - São Paulo: Editora da USP, 2000.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. A Imigração Italiana em Minas Gerais (1896 – 1915). In BONI, Luis A. *A presença Italiana no Brasil II*. Instituto Giovani Agnelli, Porto Alegre.

ARANHA, Graça. Canaã. Editora Martin Claret, São Paulo.

ARÓSTEGUI, Julio. *A Pesquisa Histórica: teoria e método*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

AZEVEDO, Célia Maria marinho. *Onda negra, Medo Branco: O negro no imaginário das Elites no século XIX*. 2ª Edição. São Paulo: Annablume, 2004.

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BASZCO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi. V. 5, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

BERTONHA, João Fábio. *A imigração italiana no Brasil*. Série “Que história é esta?”. São Paulo: Saraiva, 2004.

_____ *Os Italianos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CERVO, Amado Luiz. As relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália desde 1861. In: BONI, Luís Alberto De. *A presença italiana no Brasil*. Vol.II. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Tecnologia. Fundacione Giovanni Agnelli, 1990.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim, o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Segunda Edição. Editora da Unicamp. São Paulo, Campinas: 2001.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Italianos: trabalho, enriquecimento e exclusão. In: BORGES, Célia Maria. *Solidariedades e Conflitos: Histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Ed UFJF, 2000.

CONTIJO, Rebeca. Identidade Nacional e ensino de História, a diversidade como “patrimônio sociocultural”; IN: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. RJ: Casa da Palavra, 2003.

COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. 2ª Edição. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Manoela Carneiro da. *Negros Estrangeiros. Os Escravos Libertos e sua Volta à África*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

_____ *Etnicidade: Da Cultura Residual, mas Irredutível*. In: *Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DURHAM, Eunice Ribeiro. Imigrantes Italianos. In: *A Dinâmica da Cultura, ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FRANZINA, Emílio. *A Grande Emigração: O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

GOOCH, John. *A Unificação da Itália*. São Paulo: Editora Ática - Série Princípios – 1991.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A Princesa do Oeste e o Mito da decadência de Minas Gerais – São João del-Rei (1831 – 1888)*. Annablume, São Paulo: 2002.

_____. *História, Região e Globalização*. Editora Autêntica, Belo Horizonte: 2009.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JIMÉNEZ, Michael F. “From Plantation to Cup: Coffee and Capitalism in the United States, 1830 – 1930. In: ROSEBERRY, W. GUDMUNDSON, L. and KUTSBACH, M.S. (1995). *Coffee, Society and Power in Latin America*. Johns Hopkins, Baltimore and London.

LANNA, Ana Lúcia. *A Transformação do Trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata Mineira, 1970 – 1920*. 2ed. Campinas, editora da UNICAMP: 1989.

LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação*. São Paulo: Editora Símbolo, 1979. e MARTINS, Roberto Borges. *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Cedeplar / UFMG. Belo Horizonte: 1980.

LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e Trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo, Editora Brasiliense: 1988.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro (1870/1920)*. São Paulo: Annablume, 1998.

OLIVEIRA, Flávia Martins Arlanch de. *Impasses no Novo Mundo: Imigrantes Italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914)*. São Paulo: Editora Unesp: 2008.

OLIVEIRA, Jorge Silva de. *A Imigração Italiana e a família Carazza em São João del-Rei*. Gráfica Valadares, São João del-Rei, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

ORO, Ari Pedro. “Mi son talian”: *Considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos no Rio Grande do Sul*. In: BONI, Luis Alberto. *A presença italiana no Brasil*, v. III. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Tecnologia São Lourenço de Brindes: Fundacione Giovanni Agnelli, 1996.

OTTO, Claricia. *Catolicidades e Italianidades: Tramas e poder em Santa Catarina (1875 – 1930)*. Florianópolis: Insular, 2006.

POSSAMAI, Paulo. “Dall’ Itália siamo partiti” *A questão da Identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: UPF, 2005.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF - FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1998.

RESENDE, Edna Maria. *Entre a Solidariedade e a Violência: Valores, comportamentos e alei em São João del-Rei, 1840-1860*. São Paulo: Annablume, 2008.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

STOLCKE, Verena. *Cafeicultura: Homens, mulheres e Capital (1850-1980)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

SKIDMORE, Thomas E. Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no pensamento brasileiro. 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1989.

THOMPSON, E. *Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Teses, Dissertações e Monografias

ALMEIDA, Carla M. C. de. Alterações nas unidades produtivas mineiras: Mariana 1750-1850. 1994. Dissertação de mestrado- UFF, 1994

ANDRADE, Francisco. A enxada complexa: roceiros e fazendeiros em Minas Gerais na primeira metade do século XIX. 1994. Dissertação de mestrado- UFMG, Belo Horizonte, 1994.

ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e Futebol: O caso Palestra Itália*. Dissertação de Mestrado, Unicamp: 1996.

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. Entre a Locomotiva e o Fiel da balança: a transição da mão-de-obra no Sul de Minas (1870 – 1918). Dissertação de Mestrado, Juiz de Fora: 2009.

FURLANETTO, Patrícia Gomes. *O associativismo como estratégia de inserção social: As práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em Ribeirão Preto (1895 – 1920)*. Tese de Doutorado, USP: São Paulo, 2007.

GIAROLA, Regina Célia Gonçalves. *O Imigrante Italiano em São João del Rei (1888-1930)*. Monografia da Pós Graduação, Funrei: 1996.

HALL, Michael McDonald, “The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871 – 1914”. Tese de Doutorado, Columbia University, 1969.

LOPES, José da Paz. Imigrantes Italianos em São João del-Rei: passeata, polícia e dispersão: 1888 – 1889. In: DE BONI, Luis A. *A Presença Italiana no Brasil*. Instituto Giovanni Agnelli, Porto Alegre: 1990.

LOUSADA, Maria Alexandre. *Espaços de sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1995. Dissertação de Doutoramento.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Portugueses e experiências políticas: a luta e o pão (1870 – 1945)*. São Paulo: 2009.

OLIVEIRA, Mônica R. de. *Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854 – 1920)*. (Dissertação de Mestrado, UFF), Niterói: 1991.

RIBEIRO, Rúbia Soraya Lelis. *As fotografias de André Bello (1879 – 1941): Imagens da Modernidade em São João del-Rei*. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2006.

TEIXEIRA, Maria Cristina. *Imigração em São João Del Rei: a visão do fracasso*. Monografia de pós-graduação *latu sensus*, São João Del Rei: 1994.

TOPIK, Steven. & SAMPER, Mario. The Latin American Coffee Commodity Chain: Brazil and Costa Rica. In: TOPIK, S., MARICHAL, C. and ZEPHYR, F. (2006). *From Silver to Cocaine: Latin American Commodity Chains and the Building of the World Economy, 1500-2000*. Duke University Press, Durhan and London.

Documentos Eletrônicos

CAMPOS, Bruno Nascimento. A Imigração Italiana e a Oeste de Minas em São João del-Rei. Artigo publicado no site www.saojoaodelreitransparente.com.br. (Acesso em 16 de setembro de 2010).

GIAROLA, Flávio Raimundo. Imigrantes e Imigração nos discursos da Imprensa Política de São João del Rei (1877 – 1889). Revista História e História. (Acesso em 07 de abril de 2009).
_____. *Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico*. História e-história, Campinas, agosto de 2010. Disponível em http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313#_ftn1. (Acesso em 13 dez 2010).

MALDOS, Roberto. Formação urbana da cidade de São João del-Rei. Textos Publicados no site www.saojoaodelreitransparente.com.br (Acesso em 16 de setembro de 2010)

TEIXEIRA, Mariana Eliane. *Balanço historiográfico sobre o tema da constituição do mercado de trabalho livre em Minas Gerais*. Anais do II Simpósio do Laboratório de História Política e Social. Juiz de Fora, 2009, p. 72. Disponível em http://www.ufjf.br/lahps/files/2010/03/Anais_II_Simpósio_LAHPS.pdf. (Acesso em 14 de dezembro de 2010).